



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ELENA WENDLING RUSCHEINSKY

“*UMA VEZ FALANDO EM ALEMÃO*”: O USO DA VARIANTE *UMA VEZ* NO
PORTUGUÊS FALADO EM ITAPIRANGA E SÃO JOÃO DO OESTE - SC.

**CHAPECÓ
2014**

ELENA WENDLING RUSCHEINSKY

“*UMA VEZ FALANDO EM ALEMÃO*”: O USO DA VARIANTE *UMA VEZ* NO
PORTUGUÊS FALADO EM ITAPIRANGA E SÃO JOÃO DO OESTE - SC.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação do Prof Dr. Marcelo Jacó Krug.

CHAPECÓ
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

R951v Ruscheinsky, Elena Wendling
 “Uma vez” falando em alemão : o uso da variante uma vez
 no português falado em Itapiranga e São João do Oeste - SC /
 Elena Wendling Ruscheinsky. -- 2014.
 118 f. ; il. color.

 Orientador: Marcelo Jacó Krug.
 Dissertação (mestrado) (Mestrado em Estudos Linguísticos)
 - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó - SC, 2014.

 1. Bilinguismo alemão *Hunsrückisch*-Português . 2.
 Contatos Linguísticos . 3. Variação linguística . 4. Dialeto-
 logia pluridimensional e relacional . I. Título. II. Marcelo Jacó Krug.

Ficha catalográfica elaborada pela Assessoria de Informação,
Conhecimento e Tecnologia – Campus Chapecó – UFFS

ELENA WENDLING RUSCHEINSKY

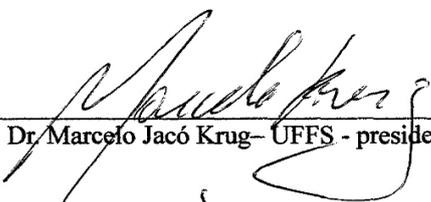
**“UMA VEZ FALANDO EM ALEMÃO”: O USO DA VARIANTE *UMA VEZ* NO
PORTUGUÊS FALADO EM ITAPIRANGA E SÃO JOÃO DO OESTE - SC.**

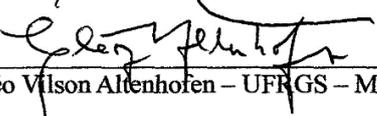
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 27/06/2014.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

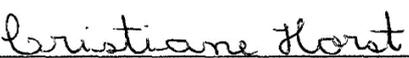
Aprovado em: 27 / 06 / 2014

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS - presidente


Prof. Dr. Cléo Wilson Altenhofen – UFRGS – Membro Externo


Prof. Dr. Cláudia A. Rost Snichelotto – UFFS – Membro Interno


Prof. Dr. Cristiane Horst – UFFS – Membro Interno – Suplente

Chapecó/SC, junho de 2014

A minha filha Ana Carolina.
A todo falante que já tenha usado a variante
uma vez numa frase imperativa.
Essas pessoas atribuem mais significado para
este estudo.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal da Fronteira Sul, por me proporcionar a oportunidade de cursar um mestrado público, de qualidade e comprometido com a realidade na qual está inserido, além de possibilitar minha permanência com a família, trabalho e localidades de pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug, pela orientação e conversas carismáticas tanto em alemão hunsriqueano e português.

Aos professores das disciplinas cursadas, que contribuíram para a produção deste trabalho.

À Prof. Dr. Cláudia Rost Snichelotto, pela orientação durante a elaboração do pré-projeto desta pesquisa e participação no exame de qualificação e banca de defesa.

Ao Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pela leitura da entrevista e sugestões, por participar do exame de qualificação e da banca de defesa.

Agradeço ao meu marido Ilário, pelo incentivo e apoio.

Ao meus pais Silvino e Irene, pela compreensão e ajuda.

Aos meus irmãos Beno, Nair e Ademir, pelas falas de otimismo e exemplos de superação.

Às colegas e ao colega do curso, agradeço a oportunidade de conhecê-las(lo), cada um com sua história, sua realidade e um mesmo objetivo: fazer parte da primeira turma do mestrado da UFFS.

A todos que me auxiliaram durante este estudo.

Agradeço especialmente aos informantes desta pesquisa.

Obrigada.

RESUMO

Esta Dissertação apresenta um estudo cujo objetivo é descrever o uso da variante *uma vez* no português em Itapiranga e São João do Oeste, localidades situadas no oeste de Santa Catarina, Brasil, com forte presença de falantes do alemão *Hunsrückisch* como língua de imigração. Para a realização do estudo, seguiu-se a metodologia proposta pela dialetologia pluridimensional e relacional, conforme Thun (1998). Esse modelo fundamenta-se na análise da variação linguística em diferentes dimensões (princípio da pluridimensionalidade) que combinam espaço (dimensão diatópica), diferentes gerações (dimensão diageracional), gênero (dimensão diassexual), classes sociais (dimensão diastrática), diferentes estilos (dimensão diafásica) e comentários extralinguísticos (dimensão referencial). No presente estudo, realizaram-se entrevistas com 16 falantes bilíngues alemão/português das duas localidades, distribuídos conforme a idade (geração velha, GII, e jovem, GI – dimensão diageracional), sexo (Masculino e Feminino – dimensão diassexual) e o nível sócio-cultural (escolaridade básica ou superior, respectivamente Cb e Ca – dimensão diastrática). O Grupo de Controle é composto por quatro falantes da localidade de Barra do Guarita – RS. Os resultados apontam maior disparidade dos dados de uso da variante na dimensão diassexual sendo que as mulheres usam mais a variante *uma vez* e não apresentam comentários estigmatizados acerca da mesma. A Ca usa a variante mais frequentemente em relação à Cb, o que pode atribuir prestígio ao uso da variante. Em relação à dimensão diageracional, houve uma pequena redução do uso da variante pela GI, o que denota uma mudança linguística em curso em prol ao não uso de *uma vez*. Importante destacar que a profissão do informante parece exercer um forte papel quanto ao uso da variante, sendo que se a profissão requer a fala constante de frases imperativas, o uso da variante tende ser maior.

Palavras-chave: Bilinguismo alemão *Hunsrückisch*-português. Contatos Linguísticos. Variação linguística. Dialetologia pluridimensional e relacional.

ABSTRACT

This work presents a study aimed to describe the use of the variant *uma vez* in Portuguese in Itapiranga and São João do Oeste, Santa Catarina, Brazil, with many speakers of *Hunsrückisch* German as a language of immigration. We followed the methodology proposed by pluridimensional and relational dialectology, according to Thun (1998). This model is based on the analysis of linguistic variation in different dimensions (principle of pluridimensionality) that combines space (diatopic dimension), different generations (diageneric dimension), gender (diasexual dimension), social classes (diastratic dimension), different styles (diafasic) and extralinguistic comments (referential dimension). In this study, interviews were conducted with 16 German/Portuguese bilingual speakers from the two localities, distributed according to age (older generation, GII and young GI - diageneric dimension), gender (Male and Female - diasexual dimension) and socio and cultural (basic or higher education, respectively Cb and Ca - diastratic dimension). Four speakers from Barra do Guarita - RS compose the Control Group. The results point to a great disparity in the use of the variant in diasexual dimension, as women use more the variant and present no stigmatized comments about *uma vez*. Ca uses the variant *uma vez* more frequently in relation to Cb, which can assign a prestige for the use of the variant. There was a small reduction in the use of the variant by GI, which denotes a linguistic change in progress towards the non-use of *uma vez*. The profession of the informant seems to have a strong role for the use of the variant, when while working the speaker needs to use many mandatory sentences, the use of the variant tends to be higher.

Keywords: *Hunsrückisch* German-Portuguese Bilingualism. Linguistic contacts. Linguistic variation. Pluridimensional and relational dialectology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, conforme o esquema de Thun (1998, p. 705) _____	19
Quadro 2: Emprego da palavra <i>mal/mo</i> na língua alemã / <i>Hunsrückisch</i> _____	28
Quadro 3: Dimensões de análise consideradas nesta pesquisa. _____	34
Quadro 4: Matriz para seleção de informantes do município de Itapiranga – SC. _____	35
Quadro 5: Matriz para seleção de informantes do município de São João do Oeste – SC. _	36
Quadro 6: Matriz de informantes do Grupo de Controle. _____	40
Quadro 7: Extrato de livro didático. Fonte: Revista Paulusblatt – julho/ 1995 p. 20. _____	51
Quadro 8: Sugerências e comentários dos Informantes de São João do Oeste. _____	73
Quadro 9: Sugerências e comentários dos informantes de Itapiranga. _____	74
Quadro 10: Estágio atual do uso da variante <i>uma vez</i> em frases imperativas entre os informantes desta pesquisa. _____	108
Gráfico 1: Uso da variante <i>uma vez</i> na tradução de frases pelos informantes da pesquisa. _	61
Gráfico 2 - Quantidade de uso da variante <i>uma vez</i> por informantes do sexo feminino. ____	81
Gráfico 3: Quantidade de uso da variante <i>uma vez</i> por informantes do sexo masculino. ____	83
Gráfico 4: Uso da variante <i>uma vez</i> na tradução de frases: dimensão diastrática. _____	86
Gráfico 5 - Quantidade de uso da variante <i>uma vez</i> na tradução de frases (numeral, advérbio e imperativo): relação entre dimensão diassexual e diatópica. _____	97
Gráfico 6 - Quantidade de uso da variante <i>uma vez</i> na tradução de frases (numeral, advérbio e imperativo): relação entre dimensão diastrática, diafásica e diatópica. _____	98
Gráfico 7: Ocorrência total da variante <i>uma vez</i> na tradução de frases: dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. _____	99
Gráfico 8: Ocorrência da variante <i>uma vez</i> em frases imperativas na tradução: dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. _____	100
Gráfico 9: Conversa livre e texto na dimensão diatópica e diassexual. _____	100
Gráfico 10: Ocorrência da variante <i>uma vez</i> em conversa livre e texto na dimensão diatópica e diassexual. _____	102
Gráfico 11: Quantidade de sugerências com a variante <i>uma vez</i> não aceitas. _____	103
Mapa 1 - Mapa das localidades de pesquisa _____	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Ca- Classe Alta

Cb- Classe Baixa

GI- Geração I (jovens)

GII- Geração II (velhos)

F- Informante do sexo feminino

M- Informante do sexo masculino

I- Itapiranga

S- São João do Oeste

ALERS - *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*

ALMA-H - *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata:
Hunsrückisch*

ADDU-N - *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte*

ALGR - *Atlas lingüístico Guaraní-Románico*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
1.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	17
1.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	18
1.3 CONTATOS LINGUÍSTICOS.....	21
1.3.1 Língua: materna, minoritária e de imigração	22
1.3.2 Bilinguismo	23
1.3.3 <i>Code-mixing</i> e <i>code-switching</i>	25
1.3.4 Diglossia.....	26
1.4 DESCRIÇÃO DOS USOS DE <i>(EIN)MAL</i> EM ALEMÃO	27
2 METODOLOGIA E PONTOS	33
2.1 PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE	33
2.1.1 Instrumentos de coleta de dados.....	37
2.2 AS LOCALIDADES DE COLETA DE DADOS	41
2.2.1 Itapiranga.....	42
2.2.2 São João do Oeste	44
2.3 HISTÓRIA DAS LOCALIDADES DE PESQUISA	45
2.4 A LÍNGUA NA HISTÓRIA DO ENSINO	50
2.5 BILINGUISMO NAS LOCALIDADES DE PESQUISA.....	55
3 ANÁLISE DE DADOS.....	59
3.1 DIMENSÃO DIAFÁSICA	59
3.1.1 A tradução de frases	60
3.1.2 A conversa livre	64
3.1.3 Comentários sobre o texto.....	66
3.1.4 Sugerência	72
3.1.5 Comentários metalinguísticos	76
3.2 A DIMENSÃO DIASSEXUAL	80
3.2.1 Uso da variante <i>uma vez</i> pelo sexo feminino	80
3.2.2 Uso da variante <i>uma vez</i> pelo sexo masculino	82
3.3 DIMENSÃO DIASTRÁTICA.....	85
3.3.1 Uso da variante <i>uma vez</i> pela Ca.....	86
3.3.2 Uso da variante <i>uma vez</i> pela Cb	87

3.4 DIMENSÃO DIAGERACIONAL	88
3.4.1 Uso da variante <i>uma vez</i> pela GII.....	89
3.4.2 Uso da variante <i>uma vez</i> pela GI.....	89
3.5 DIMENSÃO DIATÓPICA.....	90
3.5 GRUPO DE CONTROLE	91
3.6 ANÁLISE COMPARATIVA DE TODAS AS DIMENSÕES	96
3.7 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

A variação linguística na língua portuguesa falada pela população do sul do Brasil já foi tema de diversos estudos, estimulados pelo contato linguístico com línguas de imigração (alemã, italiana, polonesa, entre outros) e com línguas dos países de fronteira (a saber, o espanhol e guarani). Um exemplo dessa variação é o tema deste estudo, que visa descrever o uso da variante¹ *uma vez* no português em contato com o alemão falado em Itapiranga e São João do Oeste – SC. O foco da pesquisa está principalmente em enunciados imperativos, como “*Vê uma vez na secretaria se eles podem te ajudar*”, “*Chama ela uma vez*” e “*Vai uma vez para Tunápolis*”, como também em frases em que a variante *uma vez* é usada como numeral ou advérbio.

As **hipóteses** são:

- a) visto que o uso dessa variante é decorrente do bilinguismo alemão/português e contato linguístico presentes nas localidades de pesquisa nossa hipótese é que a variável *uma vez* seja realizada principalmente pelos falantes com mais de 55 anos das localidades de pesquisa, pois esses informantes usam mais frequentemente a língua alemã em relação à geração jovem
- b) os falantes com menos tempo de ensino formal usam mais a variante, visto que não estão sensibilizados quanto à variação linguística;
- c) os falantes não têm conhecimento do uso dessa variável como sendo decorrente do bilinguismo alemão/português e contato linguístico;
- d) considerando que São João do Oeste usa mais a língua alemã e Itapiranga é uma localidade mais urbana², os informantes de São João do Oeste realizam a variante mais frequentemente, por essa ser decorrente do bilinguismo e contato linguístico, e;
- e) o Grupo de Controle não realizará a variante *uma vez* em frases imperativas.

Na língua alemã, a palavra *mal* tem diversos usos, a começar pela conjunção com sentido de “vezes” (*Drei mal drei sind neun. / Três vezes três são nove.*). Pode ser também usada como advérbio quando indica a quantidade de ocorrência de um fato (*Er hat mich einmal besucht. / Ele*

¹ Optamos pela denominação *variante* para designar o uso ou não uso de *uma vez*. Alguns autores podem considerar esse fenômeno como *variante individual* (por apresentar apenas uma forma) ou como *forma*.

² Krug (2011) considera mais urbana cidade que tenha Instituição de Ensino Superior.

me visitou uma vez). Como advérbio ainda pode remeter a um tempo qualquer no passado ou no futuro (*Er war mal ein guter Sportler/ Ele costumava ser um bom atleta; Ich glaube, ich muss mal Urlaub machen/ Acredito que preciso tirar férias*). A palavra *mal* também pode desempenhar a função de partícula modal, que adiciona à frase imperativa um tom amigável e não urgente, com o intuito de incentivar o interlocutor (*Komm mal her, bitte!/ Venha aqui por favor; Gibst du mir bitte mal das Salz?/ Por favor, passe-me o sal*)³.

Na língua portuguesa, a variante *uma vez* denota a singularidade da ocorrência ou em certa ocasião, sendo sinônimo de outrora, como em “Era uma vez...” (dos contos de fada). Assim, o uso da variante *uma vez* na língua portuguesa como equivalente da palavra *mal* da língua alemã, quando esta desempenha a função de partícula modal, não levando em conta seus diferentes usos, produz enunciados como aqueles mencionados nas hipóteses. Na língua portuguesa, o uso de partículas modais é muito restrito, fazendo com que tais enunciados sejam exemplos de variação linguística decorrente do contato linguístico. Construções idênticas estão presentes no cotidiano dos locais pesquisados: “*Então faz uma vez uma listinha de tudo que precisa*”, “*Pede uma vez para ele*” e “*Vamos lá olhar uma vez*”.

Essa variação na fala já foi mencionada por Soares (2008), num estudo cujo objetivo foi averiguar a influência de um dialeto alemão falado na região de Vera Cruz – RS sobre o processo de letramento em português. Durante a pesquisa de campo, a pesquisadora observou que a fala *Tava muito boum uma vez...*, utilizada por um aluno monolíngue, apresenta uma estrutura sintática peculiar da língua alemã, apesar de à primeira vista não o evidenciar. O uso frequente dessa expressão entre os alunos bilíngues (português/alemão) e monolíngues (português), segundo a autora, “reflete o contato e a interferência de um código pelo outro e opõe duas formas de ver a realidade, duas maneiras de conceber o mundo” (SOARES, 2008, p. 77). Como o foco da pesquisa era o letramento, esse fenômeno apenas foi descrito brevemente no estudo.

A partir de tais considerações, o **objetivo** deste estudo é descrever a variação do uso de *uma vez* no português falado em Itapiranga e São João do Oeste, localidades situadas no oeste de Santa Catarina, Brasil, caracterizadas pela forte presença de falantes do alemão como língua de imigração⁴. A presença da variante *uma vez* na fala dos falantes das localidades

³Todos os exemplos deste parágrafo estão disponíveis no dicionário *LANGENSCHIEDTS Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache* (1993, p. 642). Tradução da autora.

⁴ O termo alemão pressupõe, neste texto, a variedade *Hunsrückisch* (no português, hunsriqueano) falada nas localidades da pesquisa.

reiteradamente chama a atenção do senso comum, que a menciona muitas vezes como uma marca identitária da fala de bilíngues alemão-português.

Entre os objetivos específicos deste trabalho estão:

- a) Na dimensão diageracional (que envolve informantes jovens e velhos), verificar se o uso da variante *uma vez* se estende na geração mais jovem, ou se reduz; por se tratar de uma variável resultante do contato entre as línguas alemã *Hunsrückisch* e portuguesa, e considerando que os falantes da GII costumam usar mais a língua alemã e aprenderam a língua portuguesa numa fase mais tardia, é possível que a variável *uma vez* esteja mais presente na fala de falantes com mais de 55 anos.
- b) Na dimensão diatópica (definida pelas duas localidades, ou seja, Itapiranga e São João do Oeste), comparar se o uso da variante *uma vez* está igualmente presente nas duas localidades ou se apresenta variação;
- c) Na dimensão diastrática, analisar se o uso da variante *uma vez* sofre algum tipo de influência quanto ao nível social dos informantes e se isso resulta na existência de algum tipo de prestígio ou estigma;
- d) Na dimensão diasssexual, verificar se há ou não variação quanto ao uso da variante entre informantes do sexo masculino ou feminino;
- e) averiguar se o uso da variante *uma vez* é estigmatizada ou apresenta prestígio a partir da dimensão diarreferencial (que envolve os comentários metalinguísticos) e das entrevistas com o Grupo de Controle;
- f) identificar qual dimensão mostra maiores índices de uso de *uma vez*;
- g) averiguar se os falantes percebem o uso da variante em frases imperativas como decorrente do bilinguismo e contato linguístico;

Com base nesses aspectos, este estudo se orienta pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional, conforme Thun (1996; 1998; 2009), que será apresentada em mais detalhes no capítulo 1.

As localidades de pesquisa⁵ - Itapiranga e São João do Oeste - foram escolhidas devido ao seu modelo de colonização e à grande presença de falantes da língua alemã⁶. Ambas fizeram

⁵ O projeto desta pesquisa obteve parecer favorável pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul com o registro 20433513.1.0000.5564.

⁶ Ao se referir ao termo alemão ou língua alemã se pressupõe, na verdade, a variedade do Hunrückisch (no português hunsriqueano) falada nas localidades da pesquisa.

parte do projeto Porto Novo, realizado pela Associação dos Alemães Católicos do Rio Grande do Sul – a *Volksverein*, a partir da década de 1920.

A ocupação total das terras localizadas próximas ao Rio Uruguai e Rio Peperi, no Extremo Oeste Catarinense, foi muito rápida. Após a emancipação do município de Itapiranga, em 1954, houve grande desenvolvimento na região, o que possibilitou a criação de outros dois municípios: Tunápolis em 1989, e São João do Oeste em 1991. A localidade mais antiga, Itapiranga, abriga atualmente uma faculdade com mais de dez cursos de graduação e apresenta o maior índice econômico da região. Apesar desses destaques que requerem o uso da língua oficial do país, ou seja, o português, a língua alemã na variedade *Hunsrückisch*⁷ é frequentemente usada em conversas informais nas ruas, estabelecimentos comerciais, bancos, hospitais, etc.

A localidade de São João do Oeste é considerada a Capital Catarinense da Língua Alemã (Lei Estadual nº 14.467/2008 Santa Catarina), devido ao grande número de pessoas que entendem e falam essa língua minoritária⁸. Apresenta também alto índice de analfabetismo, tendo alcançado também o título de município com menor índice de Analfabetismo no Brasil em anos anteriores⁹.

Apesar dessas particularidades quanto à língua e educação, as localidades ainda carecem de estudos sobre o contato das duas línguas. Itapiranga e São João do Oeste compõem um dos 41 pontos de pesquisa da rede de dados do projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata: Hunsrückisch*). Esse projeto dispõe de dados linguísticos (fonético-fonológicos, lexicais e sintáticos), bem como atitudes e percepções dos falantes com relação à língua alemã/*Hunsrückisch*. Infelizmente, os dados disponíveis nesse projeto não abordam a língua portuguesa, tampouco enunciados imperativos, motivo pelo qual a presente pesquisa não pode se basear nesses dados. Porém, o projeto contribui consideravelmente no sentido de utilizar da mesma metodologia de coleta e análise dos dados e por levantar, analisar e apresentar dados não coletados pelo ALMA-H. Além desse projeto, Itapiranga também faz parte do projeto ALERS (*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*).

⁷ É importante salientar aqui que a variedade *Hunsrückisch* não é a única presente nos municípios. Numa localidade do interior de Itapiranga, há famílias que denominam a variedade que falam de *Westphaliano*.

⁸ O termo língua minoritária designa aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, conforme definição de Ferraz (2007, p. 45).

⁹ Mais detalhes em relação à situação atual dos pontos de pesquisa são apresentados no capítulo 2.

Um estudo realizado por Pauli (2004) com alunos de uma classe de aceleração da maior escola do município de São João do Oeste procurou observar, de forma mais sistemática, as relações acarretadas pelo bilinguismo e as dificuldades que o bilíngue enfrenta no processo ensino-aprendizagem. Focalizou-se o “comportamento das consoantes sonoras e surdas, por acreditar-se que a troca dessas seria o maior problema enfrentado pelos falantes nativos do dialeto alemão quando estes se expressam na língua portuguesa” (PAULI, 2004, p.116).

As variáveis fonológicas no português falado na região sul do Brasil em áreas de imigração alemã são variadas e muitas vezes consideradas como a pronúncia típica “do alemão”, às vezes vista como característica positiva, outras não. Todavia, sempre será “marcada, notada e comentada, principalmente em ocasiões especiais e formais” (BORSTEL, 2003, p. 135). Entre as mais investigadas estão a troca do fonema surdo por um sonoro e vice-versa e troca do fonema vibrante em fricativo (DAMKE, 2006; ALTENHOFEN, 1996; PAULI, 2004).

Quanto à variável semântica, Pereira (1999) evidenciou o uso polissêmico do verbo “ganhar” em construções como “Minha avó ganhou um ataque” e “A gente não ganhava tempo de estudar”, presentes na fala das pessoas de uma comunidade bilíngue rural de Missal-PR, independentemente da faixa etária e escolarização.

A variável objeto deste estudo, como já ressaltado anteriormente, foi mencionada por Soares (2008) e atribuída ao contato entre as línguas alemã e portuguesa. Entretanto, tal hipótese necessita ser averiguada. Frases como “*Observem uma vez gráficos e tabelas*”, “*Vai uma vez em Tunápolis*”, “*Então vamos lá olhar uma vez*” e “*Pede uma vez para ele*”, anotadas no caderno de campo pela pesquisadora no decorrer de dois anos, durante a elaboração do projeto e realização desta pesquisa, evidenciam que a variação existe. As frases coletadas e anotadas no caderno de campo também serão utilizadas na nossa análise, além dos dados coletados por meio da entrevista.

Esta Dissertação está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo discute pressupostos teóricos que norteiam este estudo e também apresenta a descrição dos usos da palavra *ein(mal)* na língua alemã. O segundo capítulo explana a metodologia a ser usada tanto no levantamento de dados quanto na sua análise. Também expõe a situação atual dos dois pontos de pesquisa e além de sua história e línguas. O terceiro capítulo apresenta as análises dos dados, expondo cada dimensão e relacionando as mesmas entre si e entre as demais. Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo serão discutidos alguns conceitos teóricos a fim de inseri-los no contexto da pesquisa. Inicialmente, a teoria da variação e mudança linguística será apresentada, visto que o uso da variante *uma vez* representa uma variação linguística. A dialetologia pluridimensional será discutida como uma maneira de descrever a variação de uma forma mais completa e capaz de apresentar os dados com muito mais precisão, chegando muito mais próximo da língua original falada pelo informante. Em seguida, traremos à tona situações decorrentes de contatos linguísticos, considerando que o uso da variável *uma vez* é uma dessas situações de contato linguístico entre o alemão *Hunsrückisch* falado no Brasil e o português brasileiro. Ao final, apresentamos uma breve explanação dos usos de *(ein)mal* em alemão, com ênfase nas variantes correspondentes no português.

1.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A teoria da variação e mudança, ou a sociolinguística, passou a ter maior visibilidade no ramo da linguística nos anos de 1960 com as publicações de Labov, Weinreich e Herzog. Labov afirma que resistiu ao termo sociolinguística por vários anos, “já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p.13), ou seja, uma linguística que estude somente a língua, sem levar em consideração aspectos, como os sociais, que influenciam na mesma. Trudgill (2000) também afirma que há uma estreita inter-relação entre língua e sociedade.

O objeto de estudo da teoria da variação e mudança é a língua falada, entendendo-se como língua “um veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social” (TARALLO, 2007, p.19). A sociolinguística preocupa-se fundamentalmente com a estrutura e a evolução da língua usada na sociedade. Assim, concebe-a como heterogênea e ordenada e para Weinreich, Labov e Herzog (2006) é necessário o estudo da língua dentro de seu contexto social. Dessa forma, toda análise sociolinguística recai sobre as variações sistemáticas da língua de uma comunidade de fala concebidas como heterogêneas e ordenadas.

Labov chama a atenção para a definição de **comunidade de fala** que “não pode ser definida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008, p. 188). Frequentemente, nas comunidades de fala, existirão formas linguísticas em variação, ou

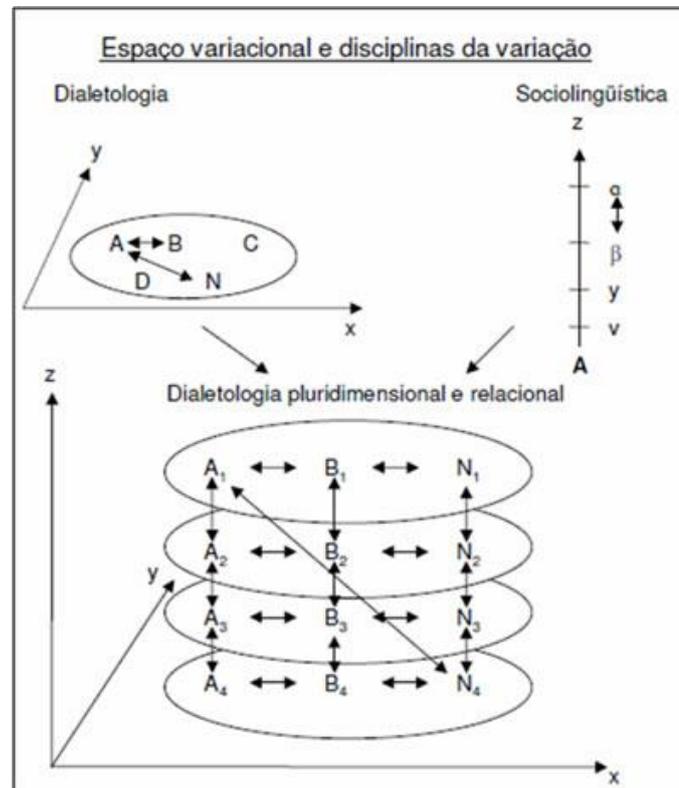
seja, duas ou mais formas fonéticas, lexicais, semânticas ou sintáticas usadas pelos falantes, mas seu uso não é aleatório e não constitui um *caos linguístico*. Há uma organização, um sistema que permite organizar a heterogeneidade da língua.

As formas linguísticas em variação também são chamadas de “variantes linguísticas” que são definidas por Labov (2008, p.313) como “a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes”, ou como nossa informante simplificou “*Usa-se um termo mais que o outro*” (CaGII F S). A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”, que de acordo com Weireich, Labov e Herzog (2006, p. 105) é “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Para a seleção da variável linguística, Labov (2008, p.26) postula que três propriedades são úteis: o item deve ser frequente na conversação natural espontânea; deve ser estrutural, ou seja, integrado ao sistema mais amplo de unidades funcionais e; sua distribuição deve ser altamente estratificada ou de acordo com faixas etárias ou outros fatos da sociedade.

A variação do uso de *uma vez* é frequente na conversação espontânea nas localidades de pesquisa; está integrado ao sistema mais amplo pois é frequentemente usado em enunciados imperativos e a distribuição da realização nas dimensões propostas nos nossos objetivos é o foco principal deste estudo. O contato linguístico entre a língua alemã e portuguesa possibilitam essa variação. A fim de possibilitar uma efetiva descrição da frequência de uso da variante entre os estratos sociais, faixas etárias e outros fatores extralinguísticos, buscou-se a dialetologia pluridimensional e relacional como método para esta pesquisa.

1.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Descrever a variação linguística do uso de *uma vez* levando em consideração diversas dimensões é o principal foco deste estudo. Para isso, a dialetologia pluridimensional e relacional objetiva relacionar a dimensão diatópica (variação no espaço) com dimensões sociais, tais como idade, sexo e classe social, conforme o esquema de Thun (1998, p. 705), apresentado no Quadro 1. Nesse quadro, na parte superior, à esquerda, está representada a dialetologia tradicional, que engloba a dimensão diatópica, e à direita, a sociolinguística, focada na estratificação. O terceiro modelo, na parte inferior, representa a combinação desses modelos anteriores, gerando um modelo tridimensional com a superfície (dialetologia tradicional) e o eixo vertical (sociolinguística).



Quadro 1: Modelo da dialetoлогия pluridimensional e relacional, conforme o esquema de Thun (1998, p. 705)

Assim, a análise pode ser realizada horizontalmente ($A_1, B_1...N_1$) e verticalmente ($A_1, A_2,...$) e diagonalmente ($A_1, B_2...N_4$). A análise vai além de uma língua e abrange variedades mistas, variações de contato entre línguas de minorias e majorias, entre formas regionais e o comportamento dos grupos e indivíduos falantes. Para isso, é necessária uma pluralidade de informantes e estilos de coleta o que “aumentam, de esta maneira, la representatividad, la frecuencia de comentarios metalingüísticos, la probabilidad de poder aislar, posteriormente, parámetros no previstos para la encuesta pero que se revelan como importantes em la fase del procesamiento de los datos” (THUN, 1998, p.706). Essas dimensões serão apresentadas a seguir.

A dimensão diatópica abrange a variação no espaço, ou seja, investiga em quais localidades de pesquisa ocorre determinada variante. Essa dimensão pode ainda ser dividida em topostática (sem mobilidade geográfica) e topodinâmica (com mobilidade geográfica). A dimensão diatópica topostática inclui informantes que são moradores estáveis, ou seja, não têm mobilidade espacial, sempre morou na mesma localidade. Diante da raridade de informantes com essas características, há mais flexibilização desses critérios, como é o caso da nossa

pesquisa, cujo critério é “(...) haber pasado por lo menos la mitad de su vida en el lugar respectivo y obligatoriamente lós últimos cinco años” (THUN, 1996, p. 211)¹⁰. Na nossa pesquisa, temos apenas duas localidades, ou seja, Itapiranga (I) e São João do Oeste (S), além do Grupo de Controle.

Como a diatopia às vezes não é o suficiente para a compreensão de determinada variação linguística, mais dimensões são englobadas pela dialetologia, entre elas, está a dimensão diastrática, cuja função é separar os informantes em diferentes estratos sociais. Para isso, leva-se em conta o grau de escolarização do informante, classificando como Classe Alta (Ca) os falantes com, ou cursando, Ensino Superior, e como Classe Baixa falantes sem graduação (Cb). A escolaridade pode influenciar o comportamento do falante no sentido de adotar ou resistir à variante linguística, reconhecendo o prestígio ou estigmatização da variante na sociedade.

A variação diassexual refere-se ao sexo/gênero dos informantes, sendo divididos em sexo masculino (M) e feminino (F). Como Labov (2008, p. 348) estipulou, “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”.

Informantes de diferentes idades compõem a dimensão diageracional, na qual temos a Geração I constituída por jovens de 18 a 36 anos e a Geração II, por informantes com mais de 55 anos. Comparando os dados dessa dimensão, é possível observar as mudanças linguísticas entre as gerações ocasionadas pelos diferentes hábitos cotidianos dos informantes, como o contato com pessoas de outras comunidades linguísticas por meio da mídia e internet.

A dimensão diafásica demonstra a variação entre os diferentes estilos de fala, ou seja, a fala espontânea ou monitorada. Nesta pesquisa, busca-se a fala espontânea durante a conversa livre e uma fala monitorada na tradução de frases.

As diferentes línguas usadas pelo informante são o foco da dimensão dialingual. Nossa pesquisa requer informantes bilíngues alemão/português, pois parte da entrevista é constituída pela tradução de frases do alemão para o português. Com o Grupo de Controle, constituído por falantes monolíngues, insiste-se para que o informante forneça outras formas e também sugere-se uma frase com a variante *uma vez*.

A sugerência e os comentários e atitudes sobre a língua constituem a dimensão diarreferencial. Não apenas a primeira resposta é considerada pois, ao longo da entrevista, podem surgir comentários ou sugestões sobre a língua.

¹⁰ Critério usado também pelo *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU).

A possibilidade de relacionar essas dimensões amplia as formas de descrição da variação. Um exemplo dessa possibilidade é quando na análise dos nossos dados, serão combinadas as dimensões diageracional (GII, falantes com mais de 55 anos e GI, falantes com idade entre 18 e 36 anos) e diasssexual (M, falantes do sexo masculino e F, falantes do sexo feminino). Subdividindo essas dimensões e relacionando GII e F, cria-se uma nova dimensão de análise a partir da necessidade de descrição da nossa variável. Essa combinação proporcionará uma visão diacrônica da variação em relação à variável de sexo dos falantes. Já a divisão dos informantes em diferentes gerações proporcionará um estudo em tempo aparente.

Ao comparar uma determinada variável, como o uso da variante *uma vez*, na fala de diferentes informantes, a dialetologia pluridimensional e relacional foca a descrição contínua dos dialetos, pois “son de igual interes las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorias y de mayorías, formas regionales” (THUN, 1998, p. 706). Além disso, os diferentes estilos de fala e as atitudes metalinguísticas dos informantes também são focados para analisar “la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topostáticos (poço móviles en el espacio), la actitud metalingüística de lós hablantes comparada con su comportamiento lingüístico” (THUN, 1998, p. 706).

1.3 CONTATOS LINGÜÍSTICOS

A teoria da variação e mudança linguística tem um vasto campo de estudo em situações de contato linguístico. Ao contrário da imagem de unidade da língua nacional brasileira, que sugere o Brasil como um país monolíngue dominado pela língua portuguesa em toda sua extensão, a realidade linguística brasileira é marcada pela coexistência de várias línguas com o português (BORTONI-RICARDO, 2004). Estão presentes em seu território as línguas autóctones (indígenas, nativas) e alóctones (de imigração), línguas cooficiais (nheengatu, baniwa e tukano em São Gabriel da Cachoeira, AM; guarani em Tacuru, MS; *talian* em Serafina Corrêa, RS; *Hunsrückisch* em Antônio Carlos, SC; entre outros, cf. Altenhofen & Morello (2013)), contatos linguísticos de fronteira e as diversas variedades regionais do português.

Dessa forma, fica impossível imaginar-se que um falante fala “o português” ou “o espanhol”, como Coseriu (1982, p.16) assinala, mas sim que “lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español”. Altenhofen (2008, p. 130) explica que são os “modos de falar individuais (idioletos) identificados com variedades linguísticas” que entram em contato,

portanto, variedades em contato. Nenhuma pessoa fala “o português” ou “o alemão”, mas uma de suas variedades. Essa diversidade de determinadas formas da língua aumenta quando está em contato com demais línguas, como é o caso do português em contato com as línguas descritas acima.

Contatos linguísticos pressupõem a presença de pelo menos duas variedades linguísticas, o que torna necessário refletir sobre conceitos como língua, língua materna, língua minoritária, bilinguismo, *code-mixing*, *code-switching* e diglossia entre outros.

1.3.1 Língua: materna, minoritária e de imigração

Weinreich (1953, p. 76) é categórico ao expor que a primeira língua aprendida é a **língua materna**¹¹. Altenhofen (2002) questiona a simplicidade da definição por essa não mostrar a complexidade da questão, que ultrapassa o plano linguístico e abrange aspectos sociais, históricos, políticos, educacionais e psicológicos. O autor descreve a língua materna como um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes que engloba, em uma situação normal, válida para um determinado momento da vida do falante, a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, e) apresentando-se porém geralmente como língua dominante, f) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, e, por isso, d) provida de um valor afetivo próprio. Em relação ao bilinguismo precoce e simultâneo, é pertinente admitir a possibilidade de falantes com duas línguas maternas, contendo os traços mencionados acima.

A definição de **língua minoritária** não é medida pelo número de falantes ou a quantidade de vezes em que a mesma é usada durante o cotidiano do falante. A expressão “língua minoritária” faz alusão ao próprio estatuto das línguas, como apontado por Achard (1989). Seriam minoritárias, em um espaço nacional dado, todas as línguas, exceto uma, que é a língua nacional. Ferraz (2007) acrescenta que as línguas minoritárias são línguas naturais e não criadas artificialmente e que não se confundem com dialetos da língua oficial.

O Brasil é considerado um país monolíngue (BORTONI-RICARDO, 2004), porém é necessário entender que isso não significa que haja homogeneidade linguística. Por exemplo, na região sul do Brasil, onde ainda hoje é possível encontrar comunidades constituídas

¹¹ The distinction of having been learned first is so great that the first learned language, the “mother-tongue”, is generally considered dominant by definition. (Weinreich (1970, [1953], p. 76)

principalmente por descendentes de imigrantes dos séculos XIX e XX, é comum encontrar falantes de duas ou mais variedades linguísticas. É frequente encontrar pessoas cujo primeiro contato com a língua portuguesa foi na escola, principalmente entre as gerações mais velhas. No seio familiar e comunitário, a variedade linguística usada era a **língua de imigração**, aquela dos seus antepassados, imigrantes de países europeus (Alemanha, Itália, Polônia) ou asiático (Japão). Dessa forma, a variedade do português usada por esses falantes carrega marcas linguísticas identitárias da outra variedade linguística por eles falada.

1.3.2 Bilinguismo

Há diversas definições para o termo bilinguismo, partindo de diferentes perspectivas, levando em conta diversos aspectos. Como Romaine (1995, p. 11), ao citar Haugen (1953) e Blomfield (1933), salienta, o bilinguismo é frequentemente definido e descrito em categorias, escalas e dicotomias como bilinguismo ideal ou parcial, coordenado ou composto, entre outras que estão relacionadas com fatores como proficiência, função, etc. Haugen (1953) afirma que o bilinguismo começa quando o falante de uma língua consegue produzir enunciados completos e com significado em outra língua. Já Blomfield (1933) defende que o indivíduo deve ter domínio semelhante ao nativo em ambas as línguas, ou seja, deve ser capaz de usar as duas línguas igualmente bem, sem ter traços de uma língua enquanto fala a outra. Essa definição é muito excludente pois pressupõe um domínio igual nas duas línguas. Essa é uma situação muito rara, senão impossível, pois o indivíduo usa as diferentes línguas em diferentes contextos e funções. Isto é, o falante usa as línguas de forma funcional, de acordo com cada situação, conferindo diferentes papéis para cada uma delas.

Assim, Mackey (1972, p. 554) define bilinguismo como o uso alternado de duas ou mais línguas por um mesmo indivíduo. Salienta ainda que se a língua é a propriedade do grupo, então bilinguismo é a propriedade do indivíduo. Mackey (2005, p. 1484) aponta que o bilinguismo pode ser visto como um duplo contínuo constituído pelos graus de uso e competência em cada língua e graus de diferenças entre eles. Definir quando o indivíduo se torna bilíngue é, além de arbitrário, impossível de determinar. Por isso, é imprescindível tratar o fenômeno como algo completamente relativo. Essa relatividade envolve quatro características, segundo Mackey (1972, p. 555): grau, função, alternância e interferência.

A característica do **grau** representa o quanto o indivíduo conhece as línguas que usa, separando habilidades e níveis. Ou seja, é possível que o bilíngue não tenha o mesmo grau de

conhecimento nas quatro habilidades básicas - leitura, escrita, fala e audição -, assim como esse conhecimento pode variar nos diferentes níveis – de pobre a vasto vocabulário ou gramática imperfeita a perfeita, por exemplo.

A **função** denota para que finalidade o bilíngue usa cada língua, ou seja, qual língua é destinada para diferentes usos e sob quais condições. Conversas com pessoas em casa, na escola, com vizinhos ou colegas de trabalho denotam a função externa que pode variar em termos de duração, frequência e pressão da situação de contato. Por outro lado, ações como calcular, rezar, sonhar e anotar demonstram as funções internas das línguas.

A **alternância** acontece quando numa mesma fala, usa-se duas ou mais línguas. O fato de o falante alternar de uma língua para outra depende da sua fluência em cada língua e suas funções internas e externas. Os fatores determinantes dessa característica são o tópico, ou seja, o assunto da fala, o interlocutor e a tensão da situação na qual ocorre a fala. BORSTEL (1992), em seu trabalho de Mestrado, estudou o aspecto do bilinguismo alemão/português na comunidade urbana de Marechal Cândido Rondon, no estado do Paraná. No estudo observou-se que, em relação à alternância, a escolha da língua depende, principalmente, das relações existentes entre os interlocutores e dos conhecimentos comuns entre eles.

Por fim, a **interferência** é o uso de características de uma língua enquanto se fala ou escreve outra. Ou seja, o indivíduo pode manter as línguas separadas ou uni-las até certo ponto. É possível que uma língua influencie a outra e o falante não reconheça essa influência. Conforme Labov (2003), quando um grupo étnico ainda preserva uma língua estrangeira para pelo menos um domínio social, é possível encontrar claros traços da mesma no inglês falado pelos membros do grupo. Isso é possível também em qualquer outra língua dominante cujos falantes tenham contato com a língua do grupo étnico. O uso ou não de *uma vez* constitui um caso de interferência, porém optou-se em não usar esse termo devido ao caráter pejorativo que o mesmo apresenta.

A interferência pode variar com o meio, o estilo, o registro e o contexto no qual o bilíngue usa a língua (Mackey, 1972). O meio usado pode ser falado ou escrito. Costuma haver menos interferências na escrita em relação à fala, fato que pode ser explicado devido ao monitoramento presente durante o processo da escrita. O estilo do discurso usado também é um aspecto que influencia na interferência. Se o falante produz um texto narrativo, descritivo ou numa conversa possibilita diferentes tipos e quantidades de interferência. A interferência também pode variar de acordo com a função social que o falante desempenha num dado momento. Nesse caso, um falante bilíngue locutor de rádio terá uma preocupação em fazer-se entender por um grande

grupo de pessoas, evitando interferências da outra língua. Por outro lado, se esse mesmo falante estiver numa roda de amigos também bilíngues, tal preocupação não estará presente na sua fala.

Como causas do bilinguismo, Mackey (2005) aponta, entre outras, o exemplo de imigrantes e colonizadores que necessitam adquirir outra língua para sobreviver e trabalhar no novo país. Esse foi o caso dos antecedentes dos falantes bilíngues das localidades desta pesquisa, que pela valorização e frequente uso da língua de imigração (o alemão), passaram como herança o conhecimento da língua aos seus descendentes, ou seja, os informantes desta pesquisa. Outro caso de bilinguismo são indivíduos de minorias linguísticas escolarizadas na língua oficial do país.

1.3.3 *Code-mixing e code-switching*

Quanto à escolha linguística e discurso dos bilíngues, é importante destacar os fenômenos de *code-mixing* e *code-switching*, muito frequentes entre tais falantes.

Romaine (1995) traz a definição de *code-switching* de Gumperz (1982:59) como a justaposição dentro de uma mesma fala com troca de passagens de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes. Assim, para haver *code-switching*, é necessária a existência de duas línguas. A autora também apresenta três tipos de *code-switching*: *tag-switching*, *inter-sentential switching* e *intra-sentential switching*. A primeira caracteriza-se pela inserção de apenas expressões de outro código, a segunda apresenta sentenças do outro código na fala e a terceira, que envolve maior risco sintático e pode ser evitada por todos menos os bilíngues mais fluentes, é quando há a inserção de palavras do outro código ou até características gramaticais ou fonéticas de um código no outro.

Muysken (2007:316) apresenta treze diferentes modalidades do fenômeno, as seis primeiras são: a) empréstimo pesado, quando há intenso uso de palavras de outra língua; b) relexicalização de gíria e jargão, ou seja, a substituição de um vocábulo nativo por outro de uma ou mais línguas; c) *code-switching* insercional, quando constituintes separados da língua B são inseridos numa estrutura constituída pelas regras da língua A; d) *code-mixing* alternacional, quando parte da língua A é combinada com parte da língua B; e) marcador de mudança de discurso, ou seja, há o uso de um marcador discursivo de outra língua; f) lexicalização congruente, quando existe uma rápida mudança de elementos soltos em uma estrutura compartilhada por duas línguas.

King e Makey (2007) focalizam-se na preocupação de pais de crianças bilíngues sobre a possibilidade de mistura entre as línguas ou não saber qual a língua que falam. Para eles, essa etapa é curta e típica do aprendizado, sendo que a criança, antes de ingressar na escola, já passou por essa fase. Ainda distinguem o *code-mixing* de crianças pequenas do *code-switching* de adultos bilíngues e proficientes. Ou seja, em algumas comunidades onde duas línguas são faladas, é comum haver *code-switching*, isto é, alternar entre duas línguas numa mesma fala. É isso que bilíngues proficientes fazem para expressar a si mesmo e também complexas ideias. Por outro lado, *code-mixing* é o que aprendizes fazem quando estão adquirindo duas línguas. Para os autores, isso deve ser sempre lembrado pelos pais.

Essa preocupação está presente entre os pais de famílias das localidades desta pesquisa. Muitos pais sofreram preconceito durante sua adolescência e juventude por falarem alemão, foram proibidos de usar a língua na escola e muitas das suas deficiências na fala da língua portuguesa foi atribuída ao fato de falarem alemão (ALTENHOFEN, 2004). Esses pais alegam que devido a esses e outros motivos preferem não ensinar a língua alemã para os filhos,

1.3.4 Diglossia

Junto ao conceito de bilinguismo, é importante destacar a diglossia. Ferguson (1959) define diglossia como a presença de duas variantes (Alta e Baixa) numa comunidade linguística. A variante Baixa é aprendida em casa e usada em situações informais, ao contrário da variante Alta, que nunca é a primeira a ser aprendida, ela apenas é aprendida na escola e usada em situações formais.

Quanto às características da diglossia, o autor destaca a função, sendo que cada variante é mais apropriada para determinada função. Porém, deixa de levar em conta o fator social na determinação da variante, pois o grau de estudo dos falantes e a importância dada à língua também auxiliam nessa determinação. O prestígio também é uma característica muito presente na diglossia, pois a variante Alta é superior, mesmo que isso seja relatado na língua Baixa. Além disso, há a herança literária, a aquisição e a padronização que são características da diglossia.

Fishman (1967) propõe uma interação entre diglossia (por parte dos sociólogos) e bilinguismo (por parte dos psicólogos). Fishman cita Gumperz (1961, 1961, 1964a, 1964b, 1966) como o responsável pelo conhecimento atual de que diglossia não existe apenas em sociedades multilíngues que oficialmente reconhecem várias línguas, como também em

sociedades que são multilíngues por empregar diferentes dialetos, registros ou variedades de línguas funcionalmente diferentes.

Quanto às relações entre bilinguismo e diglossia, Fishman (1967) propõe quatro grupos de comunidades de fala: diglossia e bilinguismo, bilinguismo sem diglossia, diglossia sem bilinguismo e nem bilinguismo nem diglossia. A primeira situação ocorre quando um mesmo sujeito faz uso da variedade formal e informal além de outra língua. Esse é o caso do Paraguai, onde falantes alternam entre o espanhol e guarani. Já numa comunidade com bilinguismo sem diglossia, percebe-se que o bilinguismo é um comportamento linguístico individual enquanto que a diglossia é caracterizada pela organização linguística no nível sócio-cultural. Na diglossia sem bilinguismo, duas ou mais comunidades de fala são unidas por motivos religiosos, políticos ou econômicos numa única unidade funcional, porém não partilham a língua. Nesse caso, para haver comunicação entre os falantes, um intérprete é necessário. Apenas pequenas, isoladas e homogêneas comunidades de fala podem ser consideradas representantes do quarto grupo, quando não há nem diglossia nem bilinguismo.

Fica clara a distinção de bilinguismo relacionado ao EU, indivíduo, em momentos diferentes, enquanto que a diglossia reflete-se na comunidade, em forma de língua alta e língua baixa. Assim, uma situação bilíngue é relativa a um indivíduo e requer contato linguístico. Já a diglossia apresenta diferentes situações sociais e culturais, é uma situação inerente, que faz parte do uso da língua.

As características e causas do bilinguismo denotam o aspecto transdisciplinar do fenômeno, como ressalta Romaine (1995). A linguística histórica estuda o bilinguismo em busca de explicações para certas mudanças numa língua. Psicólogos investigam os efeitos do bilinguismo na mente humana. Sociólogos o tratam como um elemento do conflito entre culturas enquanto que educadores preocupam-se com o bilinguismo em termos de política pública. Por outro lado, Jakobson (1953, apud Romaine, 1995, p. 1) é categórico ao afirmar que o “bilinguismo é para mim o problema fundamental dos linguistas”.

1.4 DESCRIÇÃO DOS USOS DE *(EIN)MAL* EM ALEMÃO

Como já exposta na introdução, a palavra *mal/mo* tem diversos usos e significados na língua alemã (Quadro 2, a seguir). Portanto, é necessário fazer um levantamento desses usos e tentar compará-los com possíveis equivalentes na língua portuguesa, que é o objeto deste estudo. Estão disponíveis aqui exemplos de construções fornecidos por dicionários e gramáticas

e suas traduções para a língua portuguesa, além de falas dos informantes anotadas no Caderno de Campo¹².

Descrição dos usos de <i>mal/mo</i> em alemão.			
Classificação	Uso	Exemplos	Falas anotadas no Caderno de Campo
Conjunção	Usada para multiplicação.	<i>Vier mal vier ist sechzen.</i> Quatro vezes quatro é dezesseis.	Faz uma vez cinco vezes vinte e cinco para ver quanto dá.
Advérbio	Indica a quantidade ou número de vezes que algo ocorreu.	<i>Er hat mich einmal besucht.</i> Ele me visitou uma vez.	E olha que tava bem no finalzinho até que uma vez tive que entrar, eu entrei duas vezes’.
Advérbio	Assinala para um tempo qualquer, não especificado, que pode ser no passado ou no futuro.	<i>Er war mal ein guter Sportler.</i> Ele era um bom atleta.	Também tenho que começar uma vez a xingar. Na medida que o aluno uma vez se conscientiza sobre essa necessidade.
Partícula modal	Usada quando o falante pretende, de forma amigável e não urgente, incentivar o ouvinte a fazer algo, sem obrigá-lo.	<i>Komm mal her, bitte!</i> Venha aqui, por favor. <i>Kannst du mal mein Faharrad halten?</i> Você pode segurar minha bicicleta?	Chama ela uma vez. Faz uma vez cinco vezes vinte e cinco para ver quanto dá. João, para uma vez. Então vamos lá olhar uma vez.

Quadro 2: Emprego da palavra *mal/mo* na língua alemã / *Hunsrückisch*

Segundo *Langenscheidts Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache* (1993), a palavra *mal* é uma conjunção¹³ quando usada para expressar multiplicação, como em

(1) *Vier mal vier ist sechzen.*

(1a) Quatro vezes quatro é dezesseis.

Nesse uso, a palavra *mal* tem um equivalente na variedade culta da língua portuguesa, ou seja, ‘vezes’.

¹² Ver mais sobre o Caderno de Campo em Metodologia.

¹³ *Konjunktion*; multipliziert mit (p. 642) (conjunção, multiplicado por).

Num outro uso, agora como advérbio, *mal* indica a quantidade ou número de vezes em que algo ocorreu¹⁴. Nesse caso, vem acompanhado da quantidade ou número como em *einmal* (uma vez), *zweimal* (duas vezes), *manchmal* (às vezes ou de vez em quando), *vielmal* (muitas vezes). Numa construção da língua alemã traduzida para variedade culta do português, novamente a palavra *mal* é traduzida para *vez*:

(2) *Er hat mich einmal besucht.*

(2a) Ele me visitou uma vez.

Construção equivalente foi produzida, em português, por um falante bilíngue da comunidade em estudo:

(3) E olha que tava bem no finalzinho até que uma vez tive que entrar, eu entrei duas vezes.

Ainda como advérbio, a palavra em questão assinala para um tempo qualquer, não especificado, que pode ser tanto no passado como no futuro¹⁵, como nos exemplos:

(4) *Er war mal ein guter Sportler.*

(5) *Ich glaube, ich muss mal Urlaub machen.*

Para a língua portuguesa, tais enunciados são traduzidos como:

(4a) Ele era um bom atleta.

(5a) Acredito que preciso tirar férias.

Logo, a palavra *mal* não tem equivalente na tradução para a língua portuguesa. Porém, no caderno de campo da pesquisadora, encontram-se falas de falantes bilíngues como:

(6) Também tenho que começar uma vez a xingar.

(7) Na medida que o aluno uma vez se conscientiza sobre essa necessidade.

(8) Se a classe trabalhadora para uma vez de trabalhar, vamos ver o que vai dar.

Equivalentes dessas construções na língua alemã podem ser (versões nossas):

(6a) *Ich muss auch mal anfangen zu schimpfen.*

(7a) *Im dem Moment, in dem der Schüler sich einmal der Notwendigkeit bewusst wird.*

(8a) *Wenn die Arbeiterklasse mal anhält zu arbeiten, sehen wir mal was es gibt.*

Tais construções são alvo desta pesquisa, pois denotam a tradução literal da palavra *mal* em contextos em que não é necessário na língua portuguesa.

¹⁴ *Adv*, begrenzt produktiv; die genannte Zahl od. Menge von Malen (p. 642) (produção limitada, a quantidade acima referida ou o número de vezes)

¹⁵ *adv* gespr; zu irgendeiner (nicht näher bestimmten) Zeit in der Vergangenheit od. in der Zukunft = einmal (p. 642) (para qualquer evento (não especificado) no tempo, no passado ou no futuro)

Por fim, ainda de acordo com *Langenscheidts Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache* (1993)¹⁶ e Kempcke (2000)¹⁷, a palavra *mal* também pode ser partícula modal usada quando o falante pretende, de forma amigável e não urgente, incentivar o ouvinte a fazer algo, sem obrigá-lo. Tal construção aparece em frases imperativas como

(9) *Hier, probier mal meinen Stift.*

(10) *Komm mal her, bitte!*

e também em perguntas

(11) *Kannst du mal mein Fahrrad halten?*

(12) *Reichst du mir mal die Butter?*

Na variedade formal da língua portuguesa, traduz-se como

(9a) Aqui, experimenta minha caneta.

(10a) Venha aqui, por favor.

(11a) Você pode segurar minha bicicleta?

(12a) Alcança-me a manteiga.

Novamente, ao analisar as construções na língua portuguesa, fica evidente que a tradução da palavra *mal* não é necessária ou não é possível.

Em Gramática Alemã, Welker (1992) aponta para uma certa equivalência entre a partícula modal alemã *mal* e a palavra *aí* em português, mas não explicita uma formulação teórica sobre essa equivalência:

Em sentenças imperativas, *mal* serve para atenuar o tom imperativo quando se trata de ordens, ou mostra que o enunciado nem é uma ordem, e sim um pedido, uma sugestão ou um conselho; *mal* é quase sempre usado em pedidos nos quais se chama a atenção do interlocutor; em português, pode-se acrescentar às vezes 'aí' ou 'por favor'. (WELKER, 1992, p.322)

Em seguida, o autor apresenta as seguintes frases equivalentes:

(13) *Zeig mir mal dein Heft! Me mostre aí seu caderno!*

(14) *Sieh mal, der Präsident! Olha aí, o Presidente!*

¹⁶ *Partikel*; unbetont, gespr; **1 verwendet**, um j-n höflich zu etw. Aufzufordern, auch in Form e-s Fragesatzes (p. 642) (usado para pedir educadamente para alguma coisa, mesmo na forma pergunta)

¹⁷ <Modalpartikel; unbetont; steht nicht am Satzanfang; bezieht sich auf ganzen Satz, steht in Aufforderungssätzen> /der Sprecher gibt der Aufforderung einen freundlichen, nicht dringlichen Charakter; er versucht den Hörer zu motivieren, ohne ihn zu zwingen/: <oft + doch> (p. 647) (Partícula modal; átona; não está no início do período; refere-se a toda a frase, é um reforço linguístico, em frases imperativas> / o falante faz um enunciado amigável e não de caráter obrigatório, ele tenta motivar o ouvinte, sem forçá-lo)

Essa equivalência entre *aí* e a partícula modal *mal* também é apresentada pelo Dicionário Português-Alemão (1983, p. 41) com o exemplo

(15) *Moment mal*. Espere aí.

Franco (1991), na obra *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*, resultado da tese de doutorado na Universidade de Coimbra, portanto, a variedade do português usada na obra é o português de Portugal, determina como partículas modais da língua portuguesa as palavras *acaso, afinal, bem, cá, e, então, é que, já, lá, mas, não, se calhar, sempre e também*. Destaca também que a língua portuguesa apresenta partículas modais, porém não em tão grande número quanto a língua alemã, além de não serem tão facilmente identificadas pelos falantes como tal. Isso devido aos poucos estudos em relação ao tema. Seu uso nas duas línguas aproxima-se pois constituem um grupo cuja característica mais importante consiste na função semântico-pragmática, ou seja, ao usá-las o falante determina sua posição perante o conteúdo proposicional do enunciado. Mesmo não incluindo *aí* na relação de partículas modais, Franco (1991) admite que dentro das possibilidades de tradução da partícula modal alemã *mal* em frases interrogativas para o português pode haver um *aí* atenuante. Como exemplo, ele explica a função de *mal* em

(16) *Kannst du mir mal eine Zigarette geben? Ich habe keine mehr.*

dessa forma: "Uma vez que *mal* atenua o aspecto de urgência e de certa imposição que teria o mesmo enunciado sem a PM, o ouvinte é deste modo levado a prontificar-se a satisfazer de boa vontade aquela acção, sabendo que não está a ser pressionado para isso" (FRANCO, 1991, p. 303). Como equivalentes, o autor aponta os seguintes enunciados:

(16a) Não me podes dar aí um cigarro?

Não me podias dar aí um...?

Podes-me dar aí um cigarro?

Outro equivalente de *mal* é apresentado por Nunes (2008) ao realizar uma tradução comentada de trechos de dois contos em língua alemã de épocas distintas da literatura alemã: o conto do pós-guerra, "*Nachts schlafen die Ratten doch*"¹⁸ de Wolfgang Borchert, versus o conto contemporâneo "*Berlin Bolero*"¹⁹ de Ingo Schulze. Sob o enfoque da teoria funcionalista, a proposta da dissertação de mestrado foi demonstrar que não se deve traduzir as partículas

¹⁸ É claro que as ratazanas dormem à noite! (tradução de Nunes, 2008)

¹⁹ Bolero em Berlim (traduzido por Marcelo Backes, 2008)

modais somente porque elas estão presentes como item lexical no texto-fonte. Nessa perspectiva, pesquisadora analisou a construção:

(17) *Oha, denk mal an, neun also.*

e propôs a tradução como:

(17a) Olha só, nove anos!

Segundo o estudo, a “partícula modal, quando utilizada em orações imperativas, suaviza uma ordem ou pedido e muitas vezes dá ao enunciado um tom pessoal e descontraído” (Nunes, 2008, p. 84).

Em relação ao uso da variante *uma vez* na língua portuguesa, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009, p. 2056) aponta a referida expressão como sinônimo de ‘Em certa ocasião; outrora.’ O dicionário cita como exemplo a construção:

(18) Uma vez na vida, outra na morte.

Esse tipo de construção é comumente usada no início das narrativas infantis com o clássico “Era uma vez...”. Comparando com os usos de *ein(mal)* em alemão, neste caso a variante *uma vez* é o equivalente ao advérbio que assinala a um tempo qualquer, indefinido, podendo ser no passado ou no futuro.

Por outro lado, a ocorrência de *uma vez* é frequente na fala de falantes bilíngues, como os exemplos anotados no Caderno de Campo da pesquisadora: ‘Chama ela uma vez’, ‘Faz uma vez cinco vezes vinte e cinco para ver quanto dá’, ‘João, para uma vez’, ‘Então vamos lá olhar uma vez’, ‘Vê uma vez na secretaria se eles te informam’, entre outras. São falas de diferentes classes sociais – de professor a agricultor-, de ambos os sexos e diversas faixas etárias. Todos têm um fator em comum: ou são bilíngues ou vivem em ambiente de contato bilíngue. Por que o falante produz tais enunciados? Ele sente necessidade de incluir no enunciado da língua portuguesa o tom pessoal presente na língua minoritária a fim de suavizar a ordem? Este estudo objetiva, através do levantamento de construções idênticas às acima e de comentários metalinguísticos de falantes, trazer possíveis respostas a essas perguntas.

2 METODOLOGIA E PONTOS

Nesta seção será apresentada inicialmente a metodologia de coleta e análise de dados, ressaltando a escolha dos informantes e a elaboração da entrevista. Especial ênfase será dada à caracterização das localidades de pesquisa, Itapiranga e São João do Oeste, e à definição dos informantes e instrumentos de coleta dos dados, tendo em vista as diferentes dimensões de análise.

2.1 PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE

Esta pesquisa orienta-se pelos pressupostos do modelo teórico-metodológico da dialetologia pluridimensional e relacional. Esse modelo de coleta e análise de dados foi escolhido por abranger diversas variáveis linguísticas e extralinguísticas. Thun (2005) supõe “que foi o afastamento da burguesia do mundo rural que causou nos dialetólogos acadêmicos do século passado a ilusão de uma uniformidade da vida e cultura dos camponeses à qual se amolda como síntese e peça de conservação de museu, o atlas linguístico estritamente diatópico.”

Porém, percebe-se a necessidade de agregar ao estudo da variação areal outras dimensões. Na teoria da mudança linguística, Weinreich; Labov e Herzog (2006, p. 17) ressaltam que o princípio do encaixamento demonstra que a mudança não ocorre como um elemento isolado na comunidade, mas é resultado do “entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social.” Dessa forma,

Com a aplicação do modelo de geolinguística pluridimensional acredita-se conseguir uma maior aproximação com a realidade do fenômeno e, com isso, a possibilidade de oferecer uma descrição mais precisa do que realmente acontece. (KRUG, 2011, p. 5)

Segundo Thun (1998, p. 701), é tarefa da dialetologia pluridimensional e relacional estender a área (arealizar ou diatopisar) de cada um dos parâmetros que distinguem a sociolinguística e outras ciências da língua no eixo vertical e descobrir as relações que existem dentro das áreas e entre elas. Ou seja, não basta abarcar mais dimensões, é necessário criar mecanismos para relacioná-las e dessa relação, poder extrair mais informações que possam auxiliar na explicação do fenômeno estudado.

O princípio da pluridimensionalidade engloba um conjunto de dimensões, cada dimensão pressupõe uma relação de oposição entre dois (ou mais) parâmetros de definição. A dimensão

diatópica faz parte das quatro dimensões (diatópica, diastrática, diageracional e diassexual) que determinam a escolha de informantes para a formação da base de dados desta pesquisa, conforme o quadro a seguir.

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Domicílio nas localidades de pesquisa	Itapiranga São João do Oeste
Diastrática	Ca: classe alta Cb: classe baixa	Ca: com Ensino Superior ou cursando Cb: sem Ensino Superior
diageracional	GII: geração velha GI: geração nova	Acima de 55 anos De 18 a 36 anos
diassexual	M: Sexo masculino F: Sexo Feminino	

Quadro 3: Dimensões de análise consideradas nesta pesquisa.

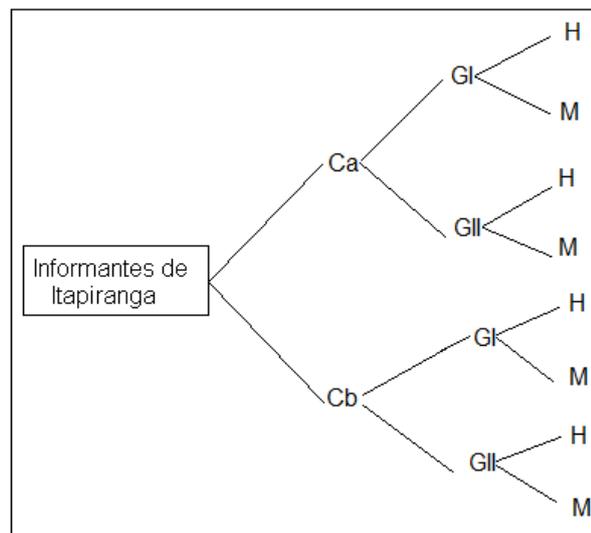
A dimensão diastrática representa um sério empecilho devido à variação do conceito de “classe social” na América Latina. Dessa forma, leva-se em consideração a escolaridade formal do informante, parâmetro utilizado pelos atlas linguísticos ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata: Hunsrückisch*), ADDU-N (*Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte*) e ALGR (*Atlas lingüístico Guaraní-Románico*). Dessa forma, nesta pesquisa, serão entrevistados oito informantes com escolaridade até o Ensino Médio, agrupados no grupo denominado Classe Baixa, doravante Cb; e outros oito informantes com Ensino Superior completo ou cursando, que formarão o grupo denominado Classe Alta, doravante Ca. A escolaridade pode influenciar o comportamento do falante no sentido de adotar ou resistir à variante linguística, reconhecendo o prestígio ou estigmatização da variante na sociedade.

O parâmetro diageracional apresentará a Geração I, doravante GI, com oito informantes entre 18 e 36 anos e a Geração II, doravante GII, abrangerá oito falantes acima de 55 anos. Nessa dimensão, é possível identificar os diferentes estágios da variação, pois o comportamento dos indivíduos, também na fala, demonstra certa regularidade de acordo com as fases da vida. Dessa forma, o fenômeno da variação linguística pode ser descrito a partir das variações entre jovens e idosos. Esses dados podem proporcionar a visualização de uma mudança em tempo aparente, pois demonstra a situação sincrônica em faixas etárias muito distintas.

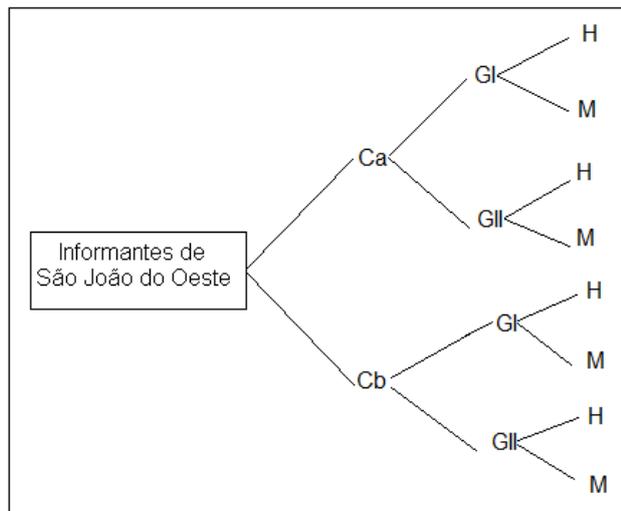
Outra dimensão é a diasssexual que exige a seleção de falantes do sexo Masculino (M) e Feminino (F) como informantes. Segundo Labov (2008, p. 346), comparando diversas variáveis linguísticas no inglês da cidade de Nova Iorque, “mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”. Além disso, Labov afirma que é possível dizer que as mulheres “são mais sensíveis aos padrões de prestígio”.

Porém, para o linguista, seria um grave erro considerar que as mulheres, em geral, sempre lideram o curso da mudança linguística. Como exceção, o autor cita a centralização de ditongos em Martha’s Vineyard que era mais frequente na fala dos homens. Assim, o autor postula que “a generalização mais correta, então, não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística” (LABOV, 2008, p. 348). Entre as causas dessa diferenciação sexual o autor aponta os fatores físicos, as diferentes quantidades de informação referencial fornecida pelos falantes além da postura expressiva mais apropriada socialmente.

Considerando a seleção dos falantes, obtém-se duas matrizes de definição de informantes da pesquisa:



Quadro 4: Matriz para seleção de informantes do município de Itapiranga – SC.



Quadro 5: Matriz para seleção de informantes do município de São João do Oeste – SC.

Para a seleção dos informantes, além das dimensões apresentadas acima, também seguem-se os seguintes critérios:

1. Todos os informantes devem ser obrigatoriamente bilíngues alemão *Hunsrückisch* e português;
2. Todos os informantes devem ter nascido e vivido mais de dois terços de suas vidas nas localidades de coleta deste estudo;
3. E consentir livremente com a entrevista, de acordo com as condições apresentadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Conselho de Ética na Pesquisa da UFFS (CAAE 20433513.1.0000.5564).

Além das dimensões que definem a seleção de informantes, a dimensão diafásica constituirá etapas da entrevista (estilo informal e formal) e a dimensão dialingual será um fator extralinguístico importante nas análises dos dados.

A dimensão diafásica é composta por quatro estilos de fala presentes na entrevista com o informante (vide Anexo 1, 2 e 3). Segundo Labov (2003), um dos princípios da sociolinguística é que não há falante de estilo único. O estilo pode variar de acordo com as relações do falante, receptor e audiência, e particularmente, as relações de poder ou solidariedade entre ele; com o contexto ou “domínio” mais amplo: escola, trabalho, casa, vizinhança, igreja; e de acordo com o tópico. Dessa forma, torna-se necessário fazer uma entrevista com diferentes partes a fim de coletar dados referentes a diversos estilos de fala.

A dimensão dialingual refere-se ao bilinguismo do informante, sendo que os falantes das localidades de pesquisa devem ser bilíngues alemão *Hunsrückisch*/português. Já os falantes do Grupo de Controle não devem ter esse contato linguístico.

Em resumo, a dialetologia pluridimensional e relacional abarca várias dimensões a fim de alcançar uma melhor descrição da variação linguística. Os informantes foram selecionados a fim de ter dados de diferentes dimensões, entre elas a diageracional, diastrática, diassexual e diatópica. Toda pesquisa foi pensada, desde a criação das frases, do texto para leitura até a conversa livre, assim como a escolha dos informantes, das localidades e do Grupo de Controle baseada na dialetologia pluridimensional e relacional. Vale lembrar que também a relacionalidade entre as dimensões é o cabo chefe da dialetologia pluridimensional e relacional, visto que dessa combinação conseguimos chegar o mais próximo possível dos dados reais de fala dos informantes.

A seguir, apresentamos os instrumentos de coleta de dados desta pesquisa, ou seja, o caderno de campo e a entrevista.

2.1.1 Instrumentos de coleta de dados

A coleta sistemática dos dados empíricos deu-se por meio do Caderno de Campo e a partir da aplicação de uma entrevista de cerca de meia hora gravada em áudio entre a autora desta Dissertação e os vinte informantes dividida em quatro fases baseadas no princípio da pluridimensionalidade de análise de dados: a tradução de frases, a conversa livre, os comentários sobre o texto e a sugestão.

Elaborar uma entrevista acerca de uma variável semântico-lexical, como é o caso desta pesquisa, requer cuidados para que o falante produza enunciados nos quais seja possível usar a variante citada, no caso, *uma vez*. Diferentemente de uma variável fonológica ou fonética, que pode ser identificada analisando palavras isoladas, uma variável semântica e sintática apenas é identificável dentro do enunciado. Como a variante *uma vez* evidencia uma variável em frases imperativas e como advérbio, é necessário criar situações em que o falante produza tais frases.

Nesta pesquisa, uma fase da entrevista é a tradução de frases do alemão para o português, na qual o informante deverá traduzir para o português trinta frases lidas²⁰ pela entrevistadora em alemão (*Hunsrückisch*). Espera-se obter a fala pouco monitorada, porém moldurada pelas frases que devem ser traduzidas. Intencionalmente, dezenove dessas frases contêm a palavra *mal/mo* como partícula modal da língua alemã, como nas frases 3 e 22. Espera-se que o falante,

²⁰ Vide Anexo 1.

ao traduzir essas frases, use o modo verbal imperativo e, possivelmente, a variante *uma vez*. A palavra *mal/mo* aparece no questionário em quatro frases como numeral (frases 12, 14, 17 e 29). Outras cinco frases contêm a palavra *mal/mo* usada como advérbio referente a um tempo qualquer, tanto no passado quanto no futuro, como nos exemplos 2 e 23. Duas frases não apresentam a palavra *mal/mo* (8 e 26) e estão presentes no questionário a fim de não tornar a entrevista monótona ou evidenciar a variante em estudo.

As frases que compõem essa fase da entrevista foram elaboradas a partir de falas de falantes diversos das localidades em questão observadas desde o início do Curso de Mestrado, porém em situação não formais de interação, sendo que não foram gravadas, apenas anotadas no Caderno de Campo. Essas anotações proporcionaram dados empíricos não sistemáticos que provam que a variante *uma vez* é usada pelos falantes das duas localidades. A seguir, estão transcritas algumas frases imperativas com a variante anotadas no Caderno de Campo:

- a) Experimenta uma vez. CaGI F, 27-08-12
- b) Então entra uma vez e vê como está fria. CbGII F, 22-09-12
- c) Chama ela uma vez. CaGI F, 12-11-12
- d) Filho, para uma vez. CbGI F, 18-11-12
- e) Faz uma vez cinco vezes vinte e cinco para ver quanto dá. CaGII F, 04-02-13
- f) Então faz uma vez uma listinha de tudo que precisa para fazer isso. CbGI F, 10-02-13
- g) Então vamos lá olhar uma vez. CbGII F, 21-02-13
- h) Pede uma vez para ele. CbGI F, 19-03-13
- i) Deixa eu uma vez ver. CbGII F, 29-06-13
- j) Dá uma olhada nisso uma vez. CbGII F, 08-09-13
- k) Vai uma vez em Tunápolis. CaGI F, 02-10-13
- l) Espera uma vez que vai vir coisa melhor. CaGI F, 04-04-14.

As traduções para o português podem apresentar o fenômeno linguístico investigado, pois é possível obter um estilo de fala pouco monitorado. Assim, o uso da variante *uma vez* durante a fase da tradução será considerada, na análise dos dados, como espontânea. Também nas entrevistas desta pesquisa, após a leitura de texto, durante o quarto momento, a entrevistadora propõe outras possibilidades de falas a fim de averiguar se o falante tem conhecimento da variante. A entrevistadora pergunta ao falante, por exemplo “Você também usa, além desse jeito que você falou, ou já ouviu alguém falar, ao traduzir a frase *Mach die Tir mo zu*, Fecha uma vez a porta?”. Equivalente pergunta será efetuada para todas as frases e em cujas traduções o falante não usou a variante *uma vez*. Se o falante aceitar tais possibilidades, essas serão tratadas como

Sugestão. O levantamento de dados será feito com breves anotações durante a entrevista e através da escuta das gravações, todas as frases em que a variante *uma vez* estiver presente serão transcritas para análise.

A conversa livre ou semi dirigida é o segundo momento da entrevista, cujo objetivo é possibilitar que o informante use o vernáculo da sua língua pois não estará monitorando sua fala. Os temas sugeridos para a conversa são variados²¹, mas sempre focalizando a narrativa de ações nas quais possivelmente o falante use o modo verbal do imperativo.

Outra dimensão da entrevista é a leitura silenciosa ou em voz alta pelo informante de um texto escrito na língua portuguesa²². Esse texto, elaborado pela pesquisadora, descreve basicamente a atual conjuntura brasileira, ressaltando os eventos esportivos de 2014 e 2016 no país. Intencionalmente, a variante *uma vez* foi inserida cinco vezes no texto. Em quatro usos, a variante está presente em frases do modo imperativo e um uso representa um numeral. O informante será questionado se nesse texto há alguma palavra, expressão ou frase que lhe cause estranheza ou que ele não usaria se fosse escrever semelhante texto. Os comentários dos informantes sobre o texto proporcionarão o estilo formal de uso da língua, pois o foco será a escrita da língua, uma vez que o informante é incentivado a falar sobre o modo como o texto foi escrito. Nessa parte da entrevista, é possível haver também comentários metalinguísticos, possibilitando que o informante diferencie escrita e fala, linguagem coloquial e formal.

Assim, tem-se quatro diferentes estilos de fala de um mesmo informante, o que possibilita averiguar o conhecimento do falante quanto ao uso da variável e se essa apresenta prestígio ou não. A sequência das dimensões da entrevista foi dessa forma elaborada para evitar que o informante perceba o fenômeno estudado, o que fica mais claro na leitura do texto que apresenta a variante *uma vez*.

Para ser capaz de traduzir as frases da primeira parte da entrevista, é necessário que o informante seja bilíngue português/alemão *Hunsrückisch*. Ou seja, tem-se uma situação de contato linguístico que caracteriza a dimensão dialingual. Ao levar em conta essa dimensão, é preciso fazer a entrevista, ou parte dela, duas vezes: uma com a língua oficial e outra com a língua minoritária sendo que em ambas as partes pede-se pelas formas equivalentes na outra língua. De acordo com Thun (1996), com a dimensão dialingual tem-se uma impressão mais fiel da interpenetração das línguas e dos diferentes graus de bilinguismo. Como a variante desta

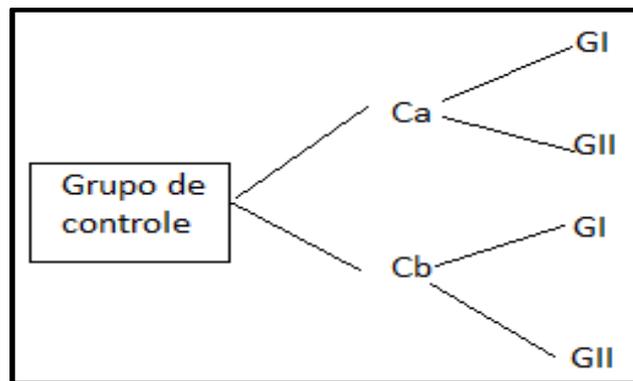
²¹ Alguns tópicos estão no Anexo 2.

²² Ver Anexo 3.

pesquisa apresenta-se na fala da língua portuguesa, a língua alemã será usada apenas no questionário e em comentários ao longo de toda a entrevista.

Também com essa preocupação, além dos informantes bilíngues, há um Grupo de Controle com quatro informantes não bilíngues. Esses falantes são da localidade de Barra do Guarita, no Estado do Rio Grande do Sul, localizado na margem oposta do Rio Uruguai. Por serem falantes monolíngues, durante a entrevista não podem dar a tradução em português das frases em alemão hunsriqueano, assim a entrevistadora pergunta ao falante “Como você sugere para um grupo de pessoas em que você também pertence para começar a fazer uma atividade?” ou “Como você pede para um amigo para fechar a porta?” ou “Existe outro jeito de falar?”. Os procedimentos para as três outras partes da entrevista, ou seja, a conversa livre, a leitura de texto e a sugestão, serão os mesmos como nas entrevistas com informantes bilíngues.

A partir dos dados desse grupo, será possível analisar se a variável ocorre em situações não bilíngues. Conforme Weinreich; Labov e Herzog (2006, p. 125), “Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Novos grupos entram na comunidade de fala, de tal modo que uma das mudanças secundárias se torna primária.” Os informantes do grupo de controle serão selecionados considerando seu consentimento de acordo com o TCLE conforme o quadro a seguir:



Quadro 6: Matriz de informantes do Grupo de Controle.

Um variável linguística é composta pelo conjunto de variantes que são diferentes formas de se expressar a mesma informação. No nosso estudo, a variável é caracterizada pela presença ou ausência da variante *uma vez*. Para a determinação de uma variável linguística, Labov (2008, p. 26) destaca que o item deve ser frequente, integrado ao sistema e “a distribuição do traço deve ser altamente estratificada”. Essa definição é importante, pois durante o questionário, além da primeira resposta do informante, também são válidas as demais possibilidades apresentadas

pelo falante, além daquelas sugeridas pela entrevistadora, situação na qual frequentemente fica clara a variação diarreferencial, ou seja, o conhecimento metalinguístico do falante. As respostas espontâneas são representantes de formas linguisticamente ativas e as demais respostas e sugestões aceitas são as formas apenas passivamente disponíveis (Thun, 2009). As respostas e sugestões aceitas também evidenciarão se o falante está ciente sobre a variação, ou seja, se o falante aceita uma construção é um sinal de que ele já usou ou escutou tal construção.

As entrevistas serão transcritas e, em seguida, as ocorrências ou ausências da variável serão catalogadas numa tabela do sistema operacional Excel, separados por dimensões, para poderem ser transformados em gráficos. Para isso, utiliza-se um sinal em forma de cruz, conforme apresentada por Thun (1998) e representada abaixo, em cuja parte superior são apresentados os dados relativos aos informantes das localidades de Itapiranga (I) e São João do Oeste (S), do sexo masculino (M) e feminino (F) da Classe Alta (Ca) e na parte inferior, os dados relativos aos informantes da Classe Baixa (Cb). À esquerda, temos a GII, com informantes com mais de 55 anos, e à direita, a GI, entre 18 e 36 anos. Torna-se possível então comparar todas as dimensões acima citadas.

Ca GII	Ca GI
Cb GII	Cb GI

Por meio deste instrumento de coleta de dados, espera-se obter dados que descrevam a variação linguística. Esses dados serão relacionados e servirão de base para nossas análises.

2.2 AS LOCALIDADES DE COLETA DE DADOS

As localidades que constituem os pontos de coleta de dados deste estudo, Itapiranga e São João do Oeste, estão localizados no extremo oeste de Santa Catarina, fazendo divisa com os municípios de Mondaí, Iporã do Oeste e Tunápolis e às margens do Rio Uruguai. Na margem rio-grandense do rio, estão os municípios de Barra do Guarita e Pinheirinho do Vale, sendo que o grupo de controle será constituído por munícipes daquele município.



Mapa 2 - Mapa das localidades de pesquisa.

2.2.1 Itapiranga

Itapiranga faz divisa a oeste com a Argentina, sendo que a fronteira é marcada pelo Rio Peperi-Guaçu. Como do lado argentino está localizada a *Reserva de la Biosfera Yabotí*, uma mata fechada com mais de 250 mil ha, há pouco contato linguístico com o espanhol, língua majoritária desse país.

Segundo dados do IBGE, no censo de 2010, Itapiranga contava com 15.409 habitantes distribuídos nos 282 km² de terras. Possui acesso rodoviário pela BR 163 e fluvial, por meio de balsa no Rio Uruguai. As terras estão divididas em 27 comunidades interioranas, seis bairros além do centro da cidade. A densidade demográfica é bastante alta, 54,51 habitantes por km². A distribuição da população entre rural e urbana não apresenta grande disparidade, sendo que 50,5% da população vive na zona rural.

A base da economia é a agropecuária, com destaque para a suinocultura, avicultura, bovinocultura de leite, cultivo de milho, fumo e outros produtos agrícolas. Essa economia é muito importante devido ao seu caráter familiar, ou seja, todas as atividades das propriedades são desenvolvidas pela própria família, o que proporciona maior convívio entre os membros da família, possibilitando o uso frequente da língua alemã no contexto familiar. Nos últimos anos, essas atividades passam por grandes avanços principalmente tecnológicos, exigindo que o

agricultor se especialize no manuseio dos implementos, de rações e novas formas de manuseio dos animais.

Apesar de a agricultura familiar proporcionar muitos empregos, a base da geração de empregos está na indústria de transformação, ou seja, abatedouros e derivados, indústrias de estofados, móveis e marcenarias. A maior agroindústria do município, atualmente administrada por uma empresa multinacional, emprega aproximadamente três mil funcionários e atua no ramo de abate e exportação de aves. Além da população local que serve de mão-de-obra, a indústria emprega diversos profissionais oriundos de grandes centros urbanos. Segundo dados da AMEOSC (Associação dos Municípios do Extremo Oeste Catarinense), Itapiranga é o município com maior índice econômico na região sendo que em 2010 movimentou em torno de R\$ 413 milhões.

Além do destaque econômico, o município abriga a FAI (Faculdades de Itapiranga) que no segundo semestre de 2013 inicia o décimo primeiro curso de graduação. Fundada em 2000, a instituição de ensino superior proporcionou a vinda de professores e estudantes de outras regiões para a cidade. Por abrigar uma instituição de Ensino Superior, Itapiranga foi classificada como localidade mais urbana por Krug (2011). É importante destacar que esse aspecto não é está presente no cotidiano de todos os informantes de Itapiranga, visto que alguns deles vivem na zona rural. O Colégio Agrícola São José, criado na década de 1960, recebe alunos do sul e centro-oeste para frequentar o Ensino Médio ou Pós-Médio com formação em agropecuária. O município também tem quatro escolas públicas e uma privada de Ensino Médio, dez escolas municipais e seis estaduais de Ensino Fundamental e onze escolas municipais de pré-escola. Assim, Itapiranga também destaca-se pelo alto índice de alfabetismo (96,2% de alfabetizados).

Além disso, o município considera-se o berço nacional da Oktoberfest, festa típica germânica. A festa teve origem em 1978 com um grupo de amigos da Linha Presidente Becker, uma comunidade do interior do município. A exemplo da Oktoberfest da cidade de Munique, na Alemanha, da qual alguns dos amigos haviam participado, o grupo queria celebrar essa festa cultural também na sua comunidade. Atualmente, a festa também é celebrada no centro da cidade, sendo que a comunidade realiza a abertura e o encerramento da mesma. Em tempos de Oktoberfest, a população da cidade praticamente triplica.

2.2.2 São João do Oeste

A outra localidade de pesquisa, São João do Oeste, contava com pouco mais de seis mil habitantes no censo de 2010, segundo dados do IBGE. Seu território de 163 km² está dividido em onze comunidades e a sede. Tem acesso rodoviário pela BR 163 e SC 493. No censo de 2010, apresentou uma densidade demográfica muito menor que Itapiranga: 36,96 habitantes por km². Grande parte da população vive na zona rural, correspondendo a 64% da população.

Sua economia é baseada em minifúndios, com agricultura familiar, com destaque para a suinocultura, avicultura e o setor leiteiro. Assim como em Itapiranga, em São João do Oeste essas atividades também estão passando por grandes avanços tecnológicos, possibilitando grande giro de capital entre agricultores e empresas vendedoras de produtos agrícolas. Não há indústria de porte expressivo e instituição de ensino superior no município. A localidade seria considerada, de acordo com os critérios adotados por Krug (2011) como localidade mais rural.

Já o turismo está crescendo muito devido às águas termais originárias de um poço perfurado nos anos de 1994 e 1995 com o intuito de prover água potável para abastecimento da população. As águas apresentam alto grau de minerais, o que as tornam impróprias para consumo, mas excelentes para um balneário. Iniciaram-se então as atividades do Termas São João, que atualmente conta com mais de cinco piscinas e infraestrutura de hospedagem para mais de 500 pessoas, atendendo durante os doze meses do ano. Além disso, na sede do município, é possível visitar a maior igreja em madeira da América Latina.

Segundo Pauli (2004), dos três municípios que fizeram parte do projeto Porto Novo, Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste, o último

é o que mais caracteristicamente preserva as suas origens, ou seja, a maioria do povo tem como língua materna o dialeto alemão, praticando-o na maioria das situações de comunicação informal e formal dentro da comunidade, existindo também ainda a unipolaridade religiosa, ou seja, a religião católica (não existem outras igrejas no município) e a preservação da etnia, havendo apenas algumas pessoas que não são de origem alemã residentes no município. (PAULI, 2004, p. 117)²³

Em 2008, o município recebeu o título de capital catarinense da língua alemã, sendo que 93% de sua população fala o dialeto alemão *Hunsrückisch*, e pelo menos 97,5% entende o

²³ A característica da religião mudou, segundo o Censo Demográfico 2010. Os resultados da amostra apontam que 153 pessoas consideram-se de outra religião, e não a católica apostólica romana. Cinco pessoas são ortodoxas e 149 são evangélicos de diversas missões.

mesmo (Fonte: Lei Estadual nº 14.467/2008 Santa Catarina). A língua alemã também é disciplina do currículo da educação básica desde a pré-escola. Pelo Decreto Nº 083/09 DE 12/06/2009, foi instituída a Semana Alemã (*Deutsche Woche*), que acontece anualmente no mês de julho. Segundo o decreto, “durante a *Deutsche Woche* (Semana Alemã) a linguagem de comunicação verbal nas repartições públicas municipais será preferencialmente a língua alemã no dialeto *Hunsrück*”.

Além desse traço característico, o município conquistou o índice de município com menor índice de analfabetismo do Brasil, atingindo 99,8% de alfabetização, nos anos de 2000, 2004 e 2006, segundo o Censo do IBGE. Esse índice pode ser atribuído, em grande parte, à valorização da educação pelos colonizadores, que foi passada de geração em geração, considerando a capacidade de ler e escrever essencial para toda a população.

Dessa forma, além da língua portuguesa, a língua alemã é usada por grande parte da população. A língua de comunicação oficial (exceto durante a Semana Alemã) é o português, assim como no ensino e na comunicação interpessoal (quando as duas línguas são alternadas). Os meios de comunicação (rádio, jornais, televisão, Internet) também são em língua portuguesa, com algumas sessões no jornal e rádio em que a variedade *Hunsrückish* é usado, mas com o objetivo principal de recreação e não de informação.

2.3 HISTÓRIA DAS LOCALIDADES DE PESQUISA

Os territórios dos atuais municípios de Itapiranga e São João do Oeste fizeram parte de um projeto de colonização chamado Porto Novo²⁴ organizado pela entidade filantrópica *Volkverein* (também chamada de Sociedade União Popular) a partir de 1926. A *Volkverein* vendeu os lotes da Colônia Porto Novo, constituída por pouco mais de 580 quilômetros quadrados, exclusivamente para alemães – natos ou descendentes – de religião Católica Apostólica Romana. Essa característica fica evidente no trecho do álbum de propaganda publicado pela Associação em 1932: “*Hier soll eine geschlossene Siedlung Deutschstämmiger Katholischer Bauern erstehen*”²⁵ (MIDDELDORF, 1932, p. 6). Isso explica o fato de a maioria da atual população das localidades de Itapiranga e São João do Oeste ser católica de

²⁴ Atualmente, o território de Porto Novo corresponde aos municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis.

²⁵ “Aqui está prevista uma colônia fechada para agricultores católicos descendentes de alemães”

descendência alemã, fato que também suprime a necessidade de controle da dimensão diarreligiosa (entre católicos e protestantes, por exemplo) nesta pesquisa.

Assim, famílias originárias das colônias velhas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina²⁶ compraram terras nessa colônia buscando novas fronteiras agrícolas, pois onde viviam as terras já estavam subdivididas e esgotadas. Também adquiriram terras em Porto Novo imigrantes que fugiam das duras condições de vida em vilarejos europeus ou expulsos pelas atrocidades da Primeira Guerra Mundial.

As terras adquiridas eram habitadas anteriormente por índios e caboclos antes da entrada dos colonizadores. A presença daqueles apenas é provada devido aos sinais como carvão vegetal, cacos de cerâmica e igaçabas por eles deixados às margens do Uruguai e nas terras ao longo do mesmo²⁷. Já os caboclos ainda viviam na região no início da colonização de Porto Novo e eram chamados de *Waldläufers*, ou seja, andarilhos do mato, pois não moravam em lugar nenhum, apenas perambulavam pelo mato. Alguns desses continuaram vivendo nas terras da Colônia Porto Novo, deixando-se inclusive batizar e frequentaram a missa, como evidencia o relato de um pioneira “Frequentemente, dali em diante, eu via muitos deles nas missas de domingo, e, por causa deles, Padre Rick sempre fazia uma pequena reflexão em português.” (ROHDE, 2011, p. 119). Os primeiros colonizadores fizeram amizade e contavam com a ajuda dos caboclos para a limpeza das terras, constituindo um contato com falantes da língua portuguesa.

Ainda em 1929, por ocasião da viagem do Dr. Adolpho Konder, então presidente do Estado de Santa Catarina, por toda a região do Oeste Catarinense, em visita a Porto Novo, essa com apenas dois anos de existência, é descrita como a “nossa sentinela avançada de civilização, a nove quilômetros da fronteira argentina. Tem ruas bem alinhadas, iluminação elétrica, escola, bons prédios.” (COSTA, 1931, p.19) O presidente, por considerar que Porto Novo não poderia ter esse nome, pois não tinha de fato um porto, sugeriu o nome de Itapiranga, que na língua tupi significa “pedra vermelha”, para o local.

As terras da colonização Porto Novo foram divididas em lotes rurais, de aproximadamente 25 hectares cada o que favoreceu a agricultura familiar e o cooperativismo. Além disso, foram organizados centros comunitários, para onde convergiam as estradas da

²⁶ Ver JUNGBLUT, 2011, p.32 e 33.

²⁷ Tanto o Museu do Homem, de Paris, e o Museu Nacional de Washington foram unânimes na datação, pelo processo do carbono 14, do carvão coletado em Itapiranga, a 7,3 m de profundidade: 8.640 anos, o que hipoteticamente evidencia já havia populações nativas na região há mais de oito milênios.

comunidade. Essas estradas possivelmente deram origem ao nome atual de comunidades como Linha Presidente Becker e Linha Beleza. Nesse local, priorizava-se a construção de uma capela e de uma escola, podendo ter até um estabelecimento comercial.

O relevo das terras é ondulado, com poucas áreas planas e com grande quantidade de pedras. Quanto à hidrografia, todos os rios de Porto Novo despejam suas águas no Rio Uruguai, que é o limite natural entre as localidades de Itapiranga e Barra do Guarita, onde moram os informantes que compõem nosso Grupo de Controle.

Devido à mata fechada, era necessário, no início da colonização, abrir estradas e clareiras para a construção da primeira moradia e estabelecer a plantação de milho, mandioca, arroz, feijão, etc. Esse desmatamento proporcionou a primeira fonte de renda dos colonos, ou seja, a extração de toras de madeira. Além de servirem para as primeiras construções, as árvores cortadas eram transformadas em toras e levadas até uma estrada e depois até o Rio Uruguai, onde eram amarradas a fim de transformá-las em balsas para levá-las à Argentina para a comercialização. O transporte das toras de Porto Novo à Argentina era feito por balseiros, por meio do Rio Uruguai, aproveitando as enchentes do mesmo, a fim de não haver a destruição das toras no Salto do Yucumã²⁸.

Os balseiros costumavam ser funcionários de empresas madeireiras, caboclos ou até mesmo os próprios colonizadores que deixavam temporariamente a agricultura para participar das balsas em tempos de cheia. Durante a espera pelas cheias, na última parada antes do Salto do Yucumã, próxima a Porto Novo, os balseiros conversavam com os colonizadores. Esse, além do contato com caboclos, pode ser considerado um dos poucos contatos da população de Porto Novo com falantes monolíngues da língua portuguesa.

As famílias que compraram e ocuparam os lotes costumavam ter muitos filhos, alicerçados na tradição paternalista e com fortes traços da religiosidade católica. A divisão dos trabalhos no lote era rígida, sendo que as crianças já eram incentivadas a terem obrigações como cuidar dos animais ou recolher frutos. Ao pai cabia o serviço árduo, de cultivar a terra e colher seus frutos, além do andamento de todas as atividades relativas à agricultura, assim como as decisões sobre tudo, inclusive o destino do dinheiro ou a confraternização dos filhos. A mãe,

²⁸ O salto do Yucumã, situado a 15 km da Barra do Peperi-Guaçu, é o maior salto longitudinal do mundo, tendo a extensão de 1.800 m e chegando a ter uma altura de 20m. O salto, também chamado de Grande Salto, representava o maior perigo da viagem pelo Rio Uruguai, sendo intransponível em épocas de águas baixas.

além dos trabalhos domésticos e cuidados com os filhos, muitas vezes acompanhava o marido na lida do campo, como é possível perceber no relato da colonizadora Maria

Quantas vezes ao passar de carro ou a cavalo pela colônia, eu via as mulheres realizarem trabalhos tão pesados quanto os homens. Principalmente logo no início, quando havia poucos trabalhadores disponíveis, eu vi mulheres derrubar capoeirões ou, até mesmo, grandes árvores com o machado. Eu as vi ajudando a cortar com o serrote, tábuas e barrotes para a construção de suas casas, a partir das imensas toras, e mesmo na construção das primeiras moradias, as vi lado a lado com os homens. E, quando todos os outros já dormiam depois do trabalho pesado do dia a dia, na silenciosa choupana de colonizador todos os outros já dormiam, a lamparina de banha junto ao fogão permanecia ardendo, ainda por longo tempo, e a mulher, incansável, se debruçava sobre os remendos e cerzaduras. (ROHDE, 2011, p. 221)

Dessa forma, a lida diária no campo proporcionava a constante convivência entre todos os membros da família, incluindo a mãe e filhos menores, característica que incentivava o uso da língua alemã, trazida junto com toda a bagagem pelos primeiros colonizadores. Mesmo tendo nascido em terras de Porto Novo, as pessoas apenas tinham acesso constante à língua portuguesa ao ingressarem na escola²⁹.

Esse sistema de organização possibilitou uma colônia basicamente autossustentável: praticamente tudo nela se produzia. A circulação de dinheiro era escassa, havia apenas a troca de produtos. Essa conjuntura, Eidt e Silva (2011) caracterizam como uma situação de isolamento da região:

o isolamento da região provocou condicionamentos adaptativos. Uma multiplicidade de técnicas locais, geradas espontaneamente, movia os “pioneiros”. Todas as famílias eram potencialmente produtoras de alimentos, objetos de trabalho, roupas, calçados, móveis e outros. Do mercado longínquo e afastado, uma vez e outra eram adquiridos alguns produtos impossíveis de extrair da natureza local, como tecidos e sal. O pouco dinheiro, proveniente quase sempre da venda da madeira, supria essas deficiências. (EIDT & SILVA, 2011, p. 38)

O progresso do município de Itapiranga, já emancipado em 1954, também foi possível devido à implantação do frigorífico Safrita na década de 1960, com capacidade inicial de abater 300 suínos diariamente. Atualmente, uma grande multinacional é dona das instalações e emprega mais de três mil funcionários. Dessa forma, a economia deixou de ser exclusivamente

²⁹ Ver mais na seção 2.4.

a agricultura familiar e passou a ter indústria e comércio. As formas de trabalho mudaram: o que antes era feito em família, usando a língua da família, passou a ser feito frente a uma produção em escala, com pessoas estranhas ao seu lado, com pouco tempo disponível para conversas. A indústria também necessitava de mão de obra especializada, o que não havia na região. Conforme um estudo local que data de 1962³⁰, apesar do alto índice de educação básica, baixa porcentagem da população (1,7%) possuía uma educação profissional. Devido a essa deficiência, foi criado, com a ajuda dos padres jesuítas que tinham muito interesse no sucesso de Porto Novo, o Seminário e o Colégio Agrícola São José de Sede Capela no início da década de 1960. Entretanto, mesmo com a criação de um colégio profissionalizante, profissionais de outras regiões, com outras religiões e etnias, passaram a trabalhar e a fixar residência, principalmente na cidade de Itapiranga.

No campo, a relação familiar também mudou. Muitas famílias deixaram suas terras por essas não apresentarem mais a produção de outrora e saíram da região rumo a cidades grandes como as regiões calçadistas do Rio Grande do Sul, o litoral catarinense e a grande São Paulo. A evolução da agricultura, principalmente avicultura, suinocultura e bovinocultura exigia acompanhamento constante, fazendo com que a vida comunitária fosse deixada de lado. Além disso, a prosperidade exigia mais conhecimento e profissionalismo por parte dos agricultores, o que era buscado por meio de cursos profissionalizantes ofertados por diversas escolas e entidades.

A agroindústria expandiu-se a passos largos graças à mão de obra, que mesmo não sendo qualificada, não media esforços no trabalho e estava disposta a qualificar-se. A Safrita foi comprada por multinacionais e passou a ser um frigorífico de aves. Outro frigorífico foi criado para abater suínos. O sistema de integração adotado pelas agroindústrias exigia sempre mais, tanto em investimentos quanto em atitudes do produtor.

Com a disponibilidade de emprego no centro do município, muitos jovens e famílias inteiras optavam por morar na cidade, deixando a lida no campo, muitas vezes vista como cruel e agressiva com os trabalhadores rurais. Os jovens de famílias com condições de subsidiar os estudos eram enviados a seminários (no caso dos rapazes) e conventos (no caso das moças) ou ao centro do município, onde geralmente viviam com outras famílias, trabalhavam e estudavam no Segundo Grau em colégios particulares. Também era possível, a partir da década de 1970, buscar uma profissionalização no Colégio Agrícola de Sede Capela, no interior de Itapiranga.

³⁰ Relatório de Desenvolvimento Econômico de Itapiranga (1963)

Já nas décadas seguintes, muitos jovens procuravam continuar os estudos buscando a graduação em grandes centros urbanos como Florianópolis ou Porto Alegre.

2.4 A LÍNGUA NA HISTÓRIA DO ENSINO

Ter escola para os filhos foi uma das preocupações dos primeiros habitantes do Projeto Porto Novo. Assim também a empresa colonizadora *Volksverein* ressaltava que, em Porto Novo, os filhos dos colonos teriam acesso à educação por meio das *Gemeindenschulen* – as escolas alemãs comunitárias. Conforme salienta Kreutz (1994, p. 148), o colono estava convencido por tradição de seus antepassados de que a formação cultural não era luxo e sim uma necessidade imprescindível. Foi por esse motivo que ele fez sacrifícios para mandar seus filhos para a escola, que era construída o quanto antes no novo centro comunitário. Em Porto Novo, a primeira escola foi instalada um ano após o início da colonização. Na ausência de professor formado, frequentemente os professores eram recrutados entre os moradores da comunidade, atentando para as características de elevado grau de cultura e espírito comunitário, além da ardente propagação da cultura alemã (EIDT, 1999, p. 38).

Porém, percebia-se que era necessário saber também a língua portuguesa, com a qual tinha-se contato quase que exclusivamente no ambiente escolar:

Nas escolas das comunidades de Porto Novo, desde o início, era ensinado nas duas línguas, português e alemão, e se tomava muito cuidado, para contratar competentes professores, nascidos no Brasil. Todos já estavam conscientes de que, nos tempos e conjunturas atuais, se tornava imprescindível à nova geração, dominar, ao lado da língua alemã, a língua nacional. É natural, que não era fácil, para os professores lecionar em uma língua, para crianças, que até entrarem na escola, só haviam tido contato real com outra. Esse desconhecimento da língua nacional portuguesa é compreensível, pois até ali, ninguém se preocupava em ensiná-la à população interiorana, não lhe fornecendo escolas, professores ou materiais didáticos. (ROHDE, 2011, p. 231-232)

Esse trecho também ilustra uma das causas do bilinguismo apontadas por Mackey (2005): quando os imigrantes e colonizadores necessitam adquirir uma outra língua a fim de ser capaz de viver e trabalhar no seu novo país.

Dessa forma, levando em conta a religião e as duas línguas julgadas necessárias aos moradores de Porto Novo, a dinâmica de quatro horas da sala de aula resumia-se a essa rotina relatada em 1998 pelo ex-professor paroquial Ervino Jaeger:

Todos os dias a aula começava com orações e cantos e após isto [...] aprendiam a escrever e ler em alemão e em português. Em seguida tiveram matemática [...] muito prática como somas e tabuada. Aprendiam um pouco de história e geografia; além disto tinham religião, que era a matéria principal [...], estudar a bíblia e o catecismo [...], dava-se obrigações e deveres de casa. O professor era professor e catequista. (EIDT, 1999, p.30)

Essa característica não é peculiar da comunidade de Porto Novo, o que pode ser provado considerando os diversos livros didáticos das escolas alemãs do Sul do Brasil apontados por Kreutz (1994). Alguns livros eram totalmente em alemão, outros, misturavam português e alemão, como o Livro Didático apresentado no Quadro 7 a seguir; outros priorizavam a língua portuguesa.

50 Lição XIV.

1 mil réis schreibt man rs. 1\$000.
1500 réis " " rs. 1\$500.

Res: Um mil e quinhentos (réis). Das Wort »réis« wird häufig weggelassen, wenn es sich nicht um einen oder mehrere ganze mil réis handelt. Man muß sagen: dois mil réis, cinco mil réis, cem mil réis, duzentos mil réis.

Man kann aber sagen: tres mil e quinhentos, dez mil e cem, quinze mil e oitocentos.

[Erkläre das Sprichwort: O dinheiro não mata a fome.]

O dinheiro não mata a fome.

Lição XIV.

Zur Einführung: Nachdem wir wissen, wie es in dem Esszimmer aussieht, wollen wir einmal beobachten, wie Anna den Tisch deckt. Sie kommt in das Esszimmer. Zuerst nimmt sie den Palmontopf vom Tisch und stellt ihn neben das Sofa. Hierauf nimmt sie die Decke ab, faltet sie zusammen und legt sie auf einen der beiden Sessel. Alsdann breitet sie ein weißes Tisch Tuch (toalha branca) über den Tisch aus. Jetzt geht sie in die Küche und holt die Teller (os pratos). Sie bringt sie auf einem Teebrett. Sie stellt das Brett auf den Tisch. Hierauf legt sie vor den Platz ihres Vaters einen flachen Teller (o prato raso) und auf diesen einen tiefen Teller (o prato fundo). Für jede Person stellt sie zwei Teller hin. Alsdann öffnet sie die Schublade des Glaschranks und holt 6 Löffel, 6 Gabeln und 6 Messer heraus, worauf sie die Schublade wieder schließt. Links neben den Teller legt sie eine Gabel und einen Löffel.

Messer, Gabel und Löffel zusammen nennt man ein Besteck (o talher).

I. a) Anna põe a mesa.

1. Anna entra na sala de jantar.
Ella tira o vaso de porcelana da mesa.
Ella põe o vaso ao lado do sofá.
Depois tira o panno.
Ella dobra o panno.

Quadro 7: Extrato de livro didático. Fonte: Revista Paulusblatt – julho/ 1995 p. 20.

O final da década de 1930 registra o fim das escolas paroquiais. A Lei da Nacionalização, como é chamado o Decreto-Lei Federal nº 406, de 4 de maio de 1938 e reforçada pela Lei Federal nº 7.614, de 12 de dezembro do mesmo ano, que no artigo sétimo regulamenta: “A instrução primária será ministrada exclusivamente em Português”, provocou reviravoltas administrativas e pedagógicas em Porto Novo, assim como nos demais municípios catarinenses colonizados por outras etnias.

Conforme Campos (2006), as intervenções da política nacionalizadora desencadeada em 1938 focalizavam principalmente no uso da língua, concentrando nas regiões de colonização alemã devido à posição brasileira contrária à Alemanha durante a II Guerra Mundial:

A questão da língua tornava-se estratégica: o controle sobre o seu uso passou a constituir-se num elemento de significativa importância para garantir a homogeneidade cultural, a afirmação do Estado sobre a sociedade e a integridade da nação. Os grupos resistiram sobretudo através da afirmação da cultura, de suas tradições e, evidentemente, da sua língua. (CAMPOS, 2006, p. 114)

Em Porto Novo, a simpatia ao nazismo ainda reinante entre a população e a estrutura da colonização eram pretexto para a violação dos direitos individuais das pessoas, entre 1938 até 1945. O uso da língua alemão foi proibido no convívio social e nas cerimônias religiosas. Em 1941, a impressão de livros e periódicos em língua estrangeira foi proibida. “Cartas, quase não chegam mais ou não saem daqui. A situação fica cada vez mais assustadora. Agora fomos proibidos de escrever cartas em alemão e tudo passa pela censura”. Esse é um trecho do dia 19 de setembro de 1942 do diário da filha da pioneira Maria Rohde (2011, p. 251). Além disso, houve prisões e os estrangeiros, muitos pais de família, foram forçados a deixar a região.

Desejava-se que se falasse português no dia a dia e nas escolas, usar a língua alemã era proibido. Muitas expressões pejorativas inventadas pelos militares nos tempos de Segunda Guerra Mundial, como “alemão batata”, “alemão grosso”, “alemon” foram muito usadas para humilhar quem era de origem alemã. Criou-se vergonha de ser alemão, inclusive havia o sentimento de humilhação perante a identificação de ser de origem alemã. Tal sentimento esteve presente na infância da pesquisadora, quando era chamada de “alemão patata” pelos caboclos no caminho para escola. Esse sentimento também vem à tona atualmente quando casais decidem não ensinar a língua alemã aos filhos para que não sofram o que os pais sofreram.

Mesmo assim, a desobediência ao estipulado nos decretos e resistência do clero foi declarada e aberta. A transformação das escolas comunitárias em públicas trouxe à região

professores de outras regiões que foram hostilizados pela população com o apoio da igreja. Houve boicotes como o não envio de crianças para as escolas, recriminações públicas e negação de estadia e alimentação (EIDT, 1999, p. 44). Muitos professores eram monolíngues da língua portuguesa, o que dificultava a comunicação com os alunos, pois as crianças geralmente falavam apenas em língua alemã. É o que afirma Kreutz (2003) ao ressaltar que normalmente as crianças iniciavam o período escolar com total desconhecimento do português, pois em família e na sociedade etnicamente homogênea, falava-se apenas alemão.

Com o fim do conflito internacional em 1945, a normalidade nas escolas voltou a reinar. Foi liberada a impressão em língua estrangeira em 1947 e em 1950, os programas de rádio que não usavam o idioma nacional, porém as aulas eram ministradas em português. Os professores de outras regiões, incompreendidos por não ter conhecimento da língua minoritária, deixaram seus cargos e foram substituídos por professores locais que mantiveram um bom relacionamento com o clero e a população. Como resultados, segundo Altenhofen (1996, p. 71), essa política de nacionalização impediu o acesso ao ensino de alemão-padrão e o desenvolvimento de uma cultura letrada, em curso, nessa língua; exigiu o ensino exclusivo do português, sem dar as condições necessárias para tal e obrigou a população alóctone a optar entre o silêncio e a variedade dialetal local que restou como língua de comunicação entre os membros do grupo.

As escolas paroquiais foram transformadas em escolas básicas, que foram mantidas em todas as comunidades das terras da colonização Porto Novo. Até 1939, havia alas femininas e masculinas em cada escola. Depois, até a década de 1980, com a redução do número de alunos, havia turmas mistas, porém, as meninas sentavam-se à esquerda e os meninos à direita. Essa prática é perceptível também na forma como os fiéis com mais idade escolhem atualmente os lugares para sentar na igreja: mulheres à esquerda e homens à direita.

A década de 70 trouxe uma nova formação econômica e social. A expansão da disponibilidade dos meios de comunicação como jornais, rádio e TV que divulgaram um mundo diferente, numa língua diferente daquele tanto usada, as escolas básicas foram ridicularizadas e novos professores substituíram os aposentados, muitas vezes com ideias ultrapassadas. Além disso, houve o aumento da população urbana e do operariado. Dessa forma, a língua minoritária passa a ser estigmatizada, não mais ensinada aos filhos ou proibida de ser usada na escola.

Essa estigmatização é decorrente de uma série de fatores apontados por Altenhofen (2004) como mitos em relação ao bilinguismo teuto-português como por exemplo a dificuldade de letramento, a necessidade de falar português por estar no Brasil, saber nem uma nem outra

língua e o preconceito linguístico. Além disso, o autor também aponta que “a proibição do uso da língua de imigrantes na escola representa uma conduta bastante comum até nossos dias, em muitas dessas comunidades bilíngues.” (ALTENHOFEN, 2004, p. 89).

A partir da década de 1980, houve um boicote à escola básica comunitária, que muitas vezes mantinha salas multisseriadas. Conforme Eidt (1999, p. 92), muitos pais começaram a mandar seus filhos já nas séries iniciais para escolas maiores ou da cidade, julgando essas como sendo de nível mais forte e valorizando a socialização dos filhos. Dessa forma, levando em conta também a migração para cidades grandes e a diminuição das taxas de natalidade, muitas escolas do interior foram fechadas pelas administrações municipais na década de 1990 devido ao baixo número de alunos. Foi o chamado Projeto de Nucleação. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de 1996 estabeleceu valores específicos que podem ser gastos com cada aluno, acarretando uma diminuição de gastos com manutenção e infraestrutura. As administrações municipais fecharam 15 escolas em Itapiranga e sete em São João do Oeste. Isso resultou na pequena quantidade de escolas presentes atualmente nos pontos de pesquisa, em relação aos anos anteriores a 1990. No município de Itapiranga, com 27 comunidades, há apenas 16 escolas de Ensino Fundamental e cinco de Ensino Médio. Já São João do Oeste apresenta onze comunidades, além da sede, e tem seis escolas de Ensino Fundamental e duas de Ensino Médio.

Essa nucleação levou os alunos de pequenas escolas da zona rural para escolas maiores, muitas vezes na zona urbana, o que possibilitou mais contato com vários colegas de diferentes lugares, muitos deles não bilíngues alemão e português. O aluno que antes se sentia igual aos seus colegas, por morar na zona rural e falar “da mesma forma” que os demais, agora está inserido em turmas de aproximadamente 30 estudantes, alguns moradores da zona urbana, outros da zona rural, e falantes monolíngues do português. Assim, ele passou a ser diferente e perceber que a forma como fala não é igual a de todos os demais.

Atualmente, a língua minoritária é vista com outros olhos pelas administrações públicas dos municípios em estudo. Baseadas na nova LDB, mais especificamente nos capítulos que estipulam que “na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o Ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição” e que “será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da Instituição”, algumas escolas da região adotaram a língua alemã como parte integrante do currículo.

Na rede pública municipal de ensino de São João do Oeste, a língua alemã é oferecida como parte integrante do currículo desde 2005. Alunos do pré-escolar e jardim também têm aulas de alemão na variedade padrão desde 2009. Por outro lado, a rede pública municipal de Itapiranga oferece o ensino da língua alemã desde o início de 2014. A maior escola estadual do município, que abrange as séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, oferece desde o início da década de 1990, a língua alemã e a língua inglesa como opções na disciplina de Língua Estrangeira. Ao ingressar na escola, o aluno escolhe qual língua pretende estudar que seguirá até o final do Ensino Médio, se não houver troca de turma.

2.5 BILINGUISMO NAS LOCALIDADES DE PESQUISA

O artigo do decreto N° 083/09 de 12 de junho de 2009 que instituiu a Semana Alemã na localidade de São João do Oeste ilustra a presença de bilinguismo entre os moradores do mesmo. Além de evidenciar a variedade da língua alemã presente na localidade, o decreto incentiva o uso da mesma, tornando-a preferencial durante essa semana nas repartições públicas.

“Art. 3º. O dialeto oficial durante a Deutsche Woche (Semana Alemã) será o Hunsrück (dialeto da língua alemã).

§1º. Na Deutsche Woche (Semana Alemã) será estimulado o uso do dialeto Hunsrück entre os descendentes de imigrantes alemães do município.

§2º. Durante a Deutsche Woche (Semana Alemã) a linguagem de comunicação verbal nas repartições públicas municipais será preferencialmente a língua alemã no dialeto Hunsrück.” (SÃO JOÃO DO OESTE. Decreto nº 083/09, de 12 de junho de 2009).

A adoção da língua alemã como língua oficial, mesmo sendo apenas durante uma semana do ano, ilustra uma das cinco políticas que um estado pode adotar em relação a línguas minoritárias, segundo a taxionomia proposta por J. Cobarrubias (1983), citada por Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996, p. 667). Para Cobarrubias, em relação a uma língua minoritária, um estado pode: tentar matar uma língua; deixá-la morrer; não dar suporte a sua coexistência; apoiá-la parcialmente para funções linguísticas específicas; ou adotá-la como uma língua oficial, ação que foi adotada pela localidade.

Esse decreto considera a Lei Estadual 14.467 de 23 de julho de 2008, que concedeu a São João do Oeste o título de Capital Catarinense da Língua Alemã. Esse título foi instituído considerando dados obtidos por meio de uma espécie de censo linguístico realizado em forma de entrevista nos meses de junho e julho do ano de 2007 sobre as línguas faladas em São João

do Oeste em todas as famílias locais com a ajuda das agentes de saúde³¹. As agentes faziam a pergunta da entrevista: “Que língua(s) você fala/entende?” e anotavam as respostas de todas as famílias. Os dados evidenciaram que 92,9% da população fala a língua alemã e 94,7% a entende.

A partir dessa denominação dada pelos munícipes sobre a língua que falam e entendem, é possível caracterizar a situação linguística da localidade como uma política linguística *in vivo*, de acordo com Oliveira e Altenhofen (2011). Não foi apresentado ao entrevistado uma lista com possíveis línguas; pelo contrário, este foi questionado a denominar as línguas que usa. Ou seja, como afirmam Oliveira e Altenhofen (2011, p. 187), “considerando e partindo da comunidade de fala e das relações interpessoais e linguísticas inerentes a essa comunidade”, as línguas usadas pela mesma foram denominadas.

Fica evidente, a partir dos dados da pesquisa e posterior publicação de decreto, que a variedade da língua alemã apresenta prestígio entre a população e na administração municipal. Porém, a língua escolhida para redigir o decreto, o português, demonstra que o idioma oficial é a língua portuguesa, assim como no restante do Brasil. Temos assim, um caso de bilinguismo.

Mesmo não tendo um estudo detalhado sobre o bilinguismo na localidade de Itapiranga, é possível afirmar que os dois municípios apresentam uma situação linguística bilíngue muito similar. Esse bilinguismo é decorrente principalmente do modelo de colonização e manteve-se devido à manutenção voluntária da língua minoritária e adoção forçada da língua nacional no final da década de 1930 e início da década de 1940. A manutenção da língua minoritária, o alemão na variedade *Hunsrückisch*, foi possível nos primeiros anos da colonização graças ao escasso contato com a língua nacional e ao modelo de agricultura familiar que proporcionava grande interação entre diferentes gerações familiares e pouco contato com pessoas de outras etnias. Além disso, com a dificuldade de sobrevivência nos primeiros anos e falta de auxílio do governo brasileiro, fortaleceu-se em Porto Novo a ideia de germanidade³² (JUNGBLUT, 2011).

³¹ Agentes de saúde fazem parte do Sistema Único de Saúde e são pessoas capacitadas para reunir informações de saúde sobre uma comunidade. Geralmente é um dos moradores da rua, do bairro ou da comunidade. São orientados por supervisor (profissional enfermeiro ou médico) da unidade de saúde e realizam visitas domiciliares na área de abrangência da sua unidade produzindo informações capazes de dimensionar os principais problemas de saúde de sua comunidade.

³² O termo alemão é *Volkstum*, variante de *Deutschtum* e diz respeito à ideia de etnia alemã e ao sentimento de pertença a essa, baseado em sangue e língua, que ultrapassa as fronteiras políticas e não está relacionado a questões de cidadania.

Já por volta da década de 1970, essa conjuntura sofreu grandes alterações com a vinda de grandes agroindústrias e entrada de meios de comunicação como rádio, TV e jornais que usavam a língua nacional (veja seção 2.1 sobre a história dos municípios). Assim, o uso da língua minoritária perdeu espaço e passou a ser visto como algo antigo, característico de colonos, sem necessidade.

Porém, a preocupação com a cultura germânica, muito cultuada em tempos de Oktoberfest, também dedicou espaço à língua, como é possível perceber neste depoimento de Cecília Rausch

No início dos anos 80, preocupados com o desaparecimento destas tradições, a Prefeitura Municipal e o Departamento Cultural de um dos clubes sociais da cidade investiram na vinda de um professor de alemão que passou a dar aula na língua, aulas de violão e flauta e também danças folclóricas. Isto tudo estimulou a criação de vários grupos culturais e eventos, a ida de professores à Alemanha e mais tarde, a opção de voltar a estudar alemão nos colégios, onde os alunos puderam escolher entre ela e o inglês.³³ (CAMPOS, 2006, p. 22)

Algumas dessas tradições estão presentes na maior festa de Itapiranga. A Oktoberfest que desenvolve diversas atividades tais como apresentação de grupos folclóricos e do Clube de Patinação, concurso de Tiro ao Alvo, Shafkopft (um jogo de cartas), músicas de bandinhas, pratos típicos e chopp. Itapiranga se autodenomina o berço nacional da festa. A tradição da língua alemã não é cultivada nessa festa, exceto através das músicas de bandinhas cantadas nessa língua.

Atualmente, é possível ouvir diálogos tanto numa só língua (alemão-*Hunsrückisch* ou português) como com alternância nas duas línguas nas ruas da cidade, na fila do banco, em lojas e praças. Fatores como familiaridade com o interlocutor, o conhecimento do mesmo código linguístico e a situação de comunicação auxiliam na definição da língua a ser usada na conversação. Para certos postos de trabalho, como balconista, caixa de banco ou agente de saúde, o conhecimento da língua alemã é um grande aliado pois muitas pessoas, principalmente as de mais idade, preferem ser atendidas na língua minoritária. Uma das queixas de jovens à procura de emprego é a exigência do empregador pela capacidade de fala da língua minoritária, principalmente quando a vaga for num posto no qual lide com o cliente. Segundo alguns empregadores do comércio, a venda é mais expressiva quando, no atendimento, usa-se a língua

³³ Cecília Rausch, Depoimento. Florianópolis, 7 abr., 1998. Cecília Rausch, 30 anos, é secretária executiva bilíngue, neta de alemães católicos, que ajudaram a colonizar a cidade de Itapiranga.

alemã. Outro exemplo é a cooperativa de crédito que abrange os três municípios que antes formavam a Porto Novo (São João do Oeste, Itapiranga e Tunápolis) e que apenas seleciona, de forma explícita, funcionários que saibam a língua alemã.

Nas repartições públicas, também é frequente o uso da língua minoritária. Numa observação participante realizada durante o mês de julho de 2013 nas dependências da Prefeitura Municipal de São João do Oeste pela pesquisadora, 40 diálogos entre servidores públicos e munícipes foram observados. Sete desses diálogos transcorreram exclusivamente na língua alemã – *Hunsrückisch* e 21 apresentaram alternância entre as duas línguas e os demais na língua portuguesa. Nas conversas entre munícipes, nas quais não havia uma relação profissional, o uso da língua minoritária foi praticamente exclusivo.

Segundo Pauli (2004), alunos do meio rural raramente usam a língua portuguesa para falar com colegas. Percebe-se nas horas culturais,

quando é permitido apresentarem algum número no dialeto alemão, que saem-se muito bem, apresentam-se espontaneamente e comunicam-se extraordinariamente bem, porém, quando são obrigados a apresentarem-se em língua portuguesa, ficam tensos, fecham-se, perdem a naturalidade e sentem uma dificuldade enorme para se comunicar. (PAULI, 2004, p. 118)

Outra situação em que o uso da língua minoritária é frequente é a celebração religiosa. Alguns cantos e orações em alemão costumam estar presentes nas celebrações tanto de festa quanto de pesar, apesar de boa parte dos participantes, principalmente os mais jovens, não acompanharem devido ao desconhecimento dos mesmos.

Nas comunidades do interior, frequentemente em reuniões de sociedades recreativas ou de damas, reunião de pais em escolas, na saída da igreja, na relação de vendedor com agricultores, a língua alemã, alternando com o português, é usada a fim de facilitar a comunicação. Muitas pessoas, principalmente acima de 50 anos, sentem-se mais à vontade ao comunicar-se na língua minoritária.

Apesar do ensino formal da língua alemã na variedade padrão nas escolas, a variedade da língua minoritária mais usada é o *Hunsrückisch*, pois essa é a variedade conhecida pelos bilíngues das duas localidades. Essa população aprende a variedade *Hunsrückisch* durante a infância, com pais e alguns setores da comunidade bilíngues. Esse aprendizado bilíngue é categorizado por Romaine (1995) como “Línguas misturadas”, pois os pais apresentam mistura de línguas e alternância na fala. Esse tipo de aprendizado bilíngue seja talvez a estratégia mais comum, de acordo com Romaine (1995, p. 186) devido à grande quantidade de comunidades multilíngues.

3 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresentamos a análise e comparação dos dados das entrevistas levando em conta a ocorrência da variável linguística entre os diferentes estilos de fala da entrevista (dimensão diafásica, ou seja, a tradução de frases, a conversa livre, leitura e comentários sobre o texto e a sugestão), na fala dos informantes masculinos e femininos (dimensão diassexual), que pertencem a diferentes estratos sociais (dimensão diastrática), em suas diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) moradores de uma e outra localidade (dimensão diatópica)³⁴.

Além de explicitar a ocorrência em cada dimensão, buscamos também relacionar os dados entre diferentes dimensões, a fim de compará-los. Esse modelo pluridimensional cria uma visão mais detalhada da variável linguística, tanto na dimensão quanto em comparação com outras dimensões, considerando assim a pluridimensionalidade.

Vale lembrar que, para a coleta de dados, dezesseis informantes foram selecionados, destes quatro mulheres e quatro homens, em cada localidade, ou seja, oito informantes de Itapiranga e oito de São João do Oeste. Lembrando ainda que o Grupo de Controle é constituído por quatro informantes monolíngues (dois homens e duas mulheres) da localidade de Barra do Guarita – RS.

A análise inicia com a apresentação dos dados dos diferentes estilos de fala da entrevista, seguindo para os dados referentes aos informantes masculinos (M) e femininos (F), da classe alta (Ca) e classe baixa (CB), da Geração I (GI) e Geração II (GII), e por fim, dos informantes de Itapiranga (I) e de São João do Oeste (S).

3.1 DIMENSÃO DIAFÁSICA

A coleta sistemática de dados empíricos foi efetuada por meio de uma entrevista com todos os 16 informantes individualmente. A entrevista foi elaborada objetivando criar situações de fala nas quais possa ocorrer o uso da variante *uma vez*, considerando os contextos de numeral, advérbio e, principalmente, imperativo. Dividida em quatro breves momentos, ou seja,

- a) a tradução de frases do alemão *Hunsrückisch* para o português;

³⁴ Devido ao número reduzido de informantes, os dados reais da pesquisa são apresentados também em forma de tabelas e gráficos.

- b) a conversa livre;
- c) a leitura de texto e comentários sobre o mesmo;
- d) e a sugestão.

Durante a entrevista, é possível haver comentários metalinguísticos acerca da variante usada, principalmente no texto e na sugestão. Esses comentários também serão analisados pois proporcionam informações sobre o grau de conhecimento do falante acerca da variação, além do grau de prestígio e estigmatização do uso da variante.

3.1.1 A tradução de frases

Dos dados coletados a partir das trinta frases³⁵ do alemão *Hunsrückisch* lidas pela entrevistadora e em seguida traduzidas oralmente para o português pelos informantes, foram coletadas dezoito possibilidades de formas imperativas de *uma vez*, cinco adverbiais e dois numerais. Considerando os dezesseis informantes que, durante a coleta de dados, traduziram as vinte e cinco frases, nossos dados podem chegar a um total de 400 possíveis ocorrências de uso da variante *uma vez*.

Nossos dados mostram que em cinco frases não foi possível encontrar uma tradução com a variante *uma vez*. Duas frases não apresentam a variante *mal/mo* na frase em alemão (frases 8 e 26). Duas apresentam numeral superior a uma, sendo que na tradução esse numeral é usado, e não a variante *uma vez* (frases 14 e 29). Essas frases demonstram que a romanização está em fase adiantada e os informantes não confundem o emprego da variante *uma vez* quando se trata de outra numeração. Por fim, a pergunta e resposta da frase 21 não apresenta a variante *uma vez* na tradução. Das quatrocentas possibilidades de ocorrência da variante *uma vez*, os informantes usaram-na 56 vezes, conforme podemos ver no Gráfico 1³⁶.

³⁵ Ver Anexo 1.

³⁶ O Anexo 4 apresenta as frases e os informantes que usaram a variante *uma vez*.

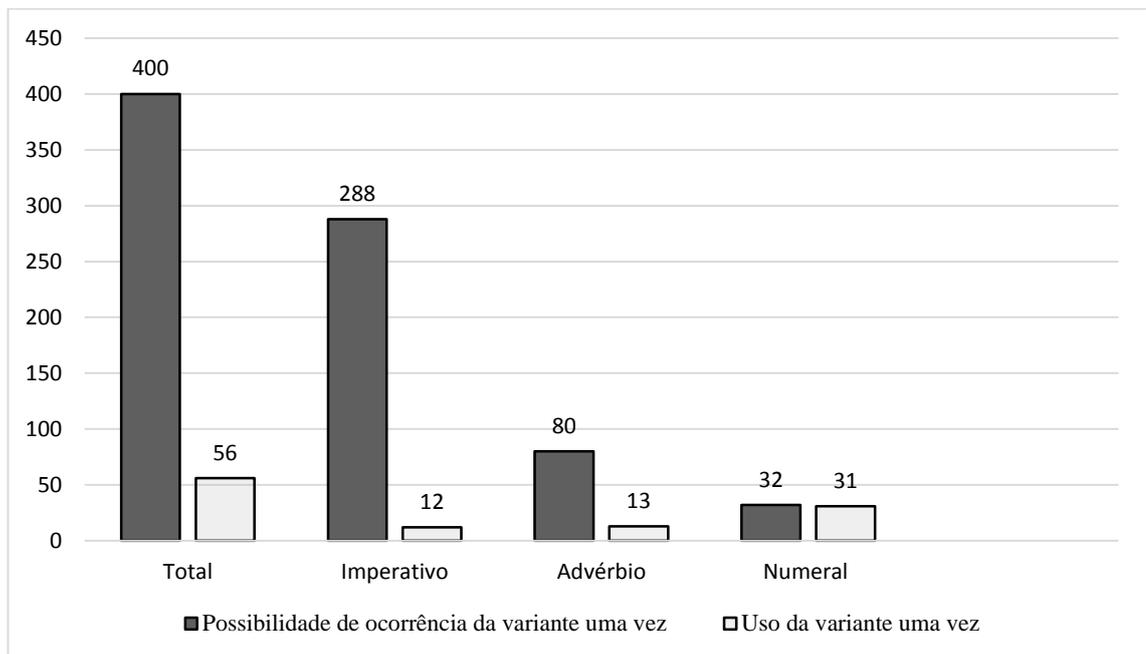


Gráfico 1: Uso da variante *uma vez* na tradução de frases pelos informantes da pesquisa.

Nesse gráfico, a primeira coluna escura representa o total de possibilidades de realização da variante *uma vez* durante a tradução de frases, ou seja, 400 ocorrências, divididas em imperativo, advérbio e numeral, representadas nas demais colunas escuras. Já as colunas claras representam a quantidade de realizações da variante pelos nossos informantes. A seguir, serão apresentadas as frases faladas pelos informantes com a variante na sequência em que tiveram maior realização, ou seja, numeral, advérbio e imperativo.

Conforme esperado, a variante *uma vez* foi usada em todos os contextos de **numeral**, ou seja, das 32 possibilidades de ocorrência, a forma variável esteve presente em todas as traduções, exceto em uma tradução do falante CaGII M S. As frase 12 e 17 foram traduzidas por todos os informantes com a forma *uma vez*, com uma particularidade: um informante inseriu o adjetivo *única* entre as duas palavras da variante: “*Estive lá uma única vez*”³⁷.

Essa grande quantidade de traduções com a variante *uma vez* em contextos de numeral era esperada devido ao fato de que na língua portuguesa, a variante denota a quantidade de ocorrências de um evento, sendo que a tradução das frases necessita do uso dessa forma. Assim, a presença da variante *uma vez* em contextos de numeral não denota uma variação. Contextos

³⁷ A fim de conferir uniformidade nesta Dissertação, as frases traduzidas pelos informantes serão apresentadas entre aspas e em itálico ou, quando se tratar de uma fala extensa, será apresentada com recuo de 2cm. As falas da pesquisadora estão entre aspas.

em que a variante representa uma variação são com a função de advérbio e de imperativo, sendo que o foco desta pesquisa está no imperativo, que serão apresentados a seguir.

Quando a variante *uma vez* estiver num contexto de **advérbio**, ela pode indicar uma variante da forma *em certa ocasião* ou *outrora*, como indicado pelo Novo Dicionário Aurélio³⁸. Da lista de frases para versão que podem apresentar a forma *uma vez*, cinco delas estão em contexto de advérbio. Considerando que dezesseis falantes fizeram a tradução das frases, temos possibilidade de oitenta frases serem traduzidas com *uma vez*. Treze frases apresentaram essa variante.

A frase 2 teve quatro traduções com a variante *uma vez*: “*Eu tinha uma vez um fusca*”, usado por três falantes (CaGII M I, CaGII F I e CbGI F I) e “*Já tive uma vez um fusca*”, tradução feita pelo informante CbGII M S. A frase 2 também foi traduzida quatro vezes com a variante *uma vez*: “*Minha mãe uma vez disse assim*” (CaGII F I); “*Minha mãe disse assim uma vez*” (CaGI F I), “*A mãe uma vez disse assim*” (CaGII M S) e “*Minha mãe falou assim uma vez*” (CaGII F S).

Dois frases tiveram duas traduções cada com a variante *uma vez*. A frase 4 foi traduzida como “*Eu estava uma vez lá*” (CaGI F I) e “*Já tive uma vez lá*” (CbGII M S). A frase 23 teve regularidade na tradução, sendo que apenas a variante esteve em diferentes lugares na tradução: “*Eu li uma vez esse livro*” (CaGII F I) e “*Eu li esse livro uma vez*” (CaGI F S). A frase 30 foi traduzida pela informante CaGII F S como “*Já vou para casa, eu vou uma vez para casa*”. Nesse caso, a própria falante apresentou uma variante para a primeira tradução apresentada.

Dessa forma, em contextos de advérbios, correspondendo às formas *outrora* e *certa vez*, a variante *uma vez* esteve presente em 16.25% das possibilidades de ocorrência. É um número considerável, pois além da não ocorrência de variante que indique um tempo qualquer, há outras duas possibilidades, já descritas em dicionários e gramáticas.

Já o objeto central desta pesquisa, ou seja, as frases **imperativas**, em que a partícula modal *mal/mo* está presente na frase do alemão *Hunsrückisch* que o informante deve traduzir para o português, tiveram doze ocorrências da variante *uma vez*. Três frases tiveram duas traduções com a variante e seis apenas uma tradução.

A frase 5 foi traduzida como “*Você pode vir uma vez aqui*” por CaGI F I e como “*Tu vem... tu vem uma vez aí?*” pela informante CbGII F I. A frase 13 foi traduzida por CbGII M I como “*Agora chega... uma vez*”. A variante foi acrescentada na frase depois de uma breve

³⁸ Conferir seção 1.4.

pausa, possivelmente o falante sentiu que ainda estava faltando algo na tradução. A mesma frase foi traduzida como “*Agora chega uma vez, não é bem assim*” pela informante CaGII F S. Nesta tradução, a informante já acrescenta um breve comentário sobre a mesma, porém limitou-se a isso. A frase 24 foi traduzida como “*Para uma vez*” pelas duas informantes CaGII F.

Analisando agora as frases que apenas tiveram uma tradução com a variante, CaGI F I traduziu as frases 6 como “*Traz uma vez água*” e 16 como “*Olha uma vez lá*”. A informante CaGII F S traduziu as frases 9 como “*Vamos nós uma vez dormir*”, 25 como “*Escuta uma vez o cachorro*” e 27 como “*Deixa uma vez Maria para lá*”. E por fim, CbGII F S traduziu a frase 28 como “*Prova uma vez*”.

Considerando o grande número de frases com contexto imperativo que têm a possibilidade de apresentar a variante *uma vez* (18 frases multiplicando pelos 16 informantes, totalizando 288 possibilidades de ocorrência da variante), a ocorrência em apenas doze frases, que representam 5,26%, denota que a referida variação está presente no português falado nas duas localidades, porém em pequena escala. A baixa ocorrência da variante nas respostas dos informantes pode ser explicada a partir do paradoxo do observador, descrito nas palavras de Labov (2008, p. 244): “O objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. Assim, a pesquisadora não tem como intervir nessa atitude, pois ela é natural. Porém, como o próprio Labov sugere, “um modo de controlar isso é estudar a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares”.

É importante lembrar aqui que nossos dados referem-se ao uso da variante no português falado em ambientes controlados, ou seja, durante uma entrevista. A pluridimensionalidade da pesquisa permite que formas conhecidas pelo informante, porém não usadas na tradução, possam ser sugeridas pela entrevistadora e possivelmente aceitas pelo informante, como aponta Thun (1998). Além disso, ainda segundo o autor, com a dimensão diafásica, ou seja, a coleta de dados a partir de estilos mais formais (nesta pesquisa, os comentários sobre o texto), formais (a tradução de frases) e menos formais (conversa livre), a “Dialectologia pluridimensional se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación com los hablantes” (THUN, 1998, p.705).

Esse primeiro momento da entrevista exigiu do informante traduções específicas das frases sugeridas pela entrevistadora. A segunda fase da entrevista, ou seja, a conversa livre, possibilitou grande liberdade para o informante falar sobre procedimentos do seu trabalho ou

comidas que gosta de fazer ou sobre atividades que gosta de fazer. As partes das entrevistas que apresentaram a variante *uma vez* estão descritas e analisadas em seguida.

3.1.2 A conversa livre

O objetivo deste momento da entrevista é estimular o falante a produzir enunciados imperativos, ou seja, o foco desta pesquisa. Pedia-se ao informante para falar sobre seu trabalho ou sobre o que gosta de cozinhar ou fazer e como ensinaria alguém a fazer o mesmo, como passaria as instruções³⁹.

Porém, frequentemente o informante relatava passos do procedimento, sendo que poucos se imaginaram ensinando-o ou instruindo a entrevistadora. Como, por exemplo, a informante CaGII F S preferiu falar sobre sua atividade em sala de aula, visto que ela é uma professora de matemática aposentada. A entrevistadora solicitou à informante que explicasse às crianças a operação da soma.

Somar, pegava objetos, e colocava e depois em dois grupinhos e aí formava um terceiro grupo, de início, para a criança compreender o que estava analisando, né. Olhando e enxergando os objetos então ela sabia o que significava logo, né. Então ela entendia geralmente melhor. Tornar mais concreto e de concreto passar para o semi-concreto ou o abstrato, como a gente quer falar. (CaGII F S)

A informante restringiu-se a relatar os passos da atividade, porém não falou as instruções usadas durante a mesma. Semelhante relato de atividade foi feito por onze falantes, ou seja, a grande maioria dos informantes.

Por outro lado, cinco informantes usaram enunciados imperativos na conversa livre, como CbGII F S, que ensinou a entrevistadora a fazer uma galinhada falando as instruções usando os verbos no modo imperativo.

Primeiro, assa a carne, primeiro tempera a carne, depois assa a carne, frita a carne, põe um pouquinho de açúcar pra ficar bem marronzinho, e daí depois o alho, primeiro frita depois o alho quando a carne tá pronta, depois a cebola, tomate, daí o arroz, colocar água e mais um tempero verde e tá pronta a galinhada. (CbGII F S)

Já na entrevista com a informante CaGI F I, a entrevistadora pediu para que a informante, professora de matemática, ensine como se faz uma regra de três simples.

³⁹ Ver Anexo 2.

Uma regra de três simples, tu pega... tu quer que eu fale uma vez, né...(gargalhadas) não tem como não falar. Tu vai usar, tu pega uma vez, sabe. (CaGI F I)

A informante percebeu, durante a tradução das frases, a grande quantidade da variante *uma vez* (ela traduziu sete frases usando a forma) e parou sua fala antes de usá-la novamente. Depois de longas gargalhadas, ela afirma não ser possível não usar a variante *uma vez*, e afirma usá-la. Então a entrevistadora pergunta se ela fala assim, ao que ela responde:

Sempre, não tem como, (gargalhadas) quando tu me falou eu já fiquei pensando em como que eu ia falar que eu não ia falar uma vez, tu pega uma vez aqui o número. Não tem. Pega o número, mas a gente fala uma vez. (CaGI F I)

A informante ressalta que tinha a intenção de não usar a variante, porém não encontrou outra maneira de prosseguir sua fala sem a forma. Ela admite que não é necessário usar a variante, mas acaba usando-a na fala.

A variante esteve presente na conversa livre de CbGI F S. A informante, após ler e reler o texto parte da entrevista sobre o qual ela foi questionada se havia algo estranho ou que ela não usaria num texto escrito, ela não encontrou nada. Porém, em seguida ela chama sua filha adolescente e a amiga dessa e diz “*Vem cá. Lê esse texto uma vez...lê uma vez se vocês...*” (CbGI F S). As adolescentes também não consideraram nada estranho. Nessa fala, a informante usa a variante *uma vez* com o modo verbal imperativo, explicitando a variação objeto deste estudo.

Depois das quatro etapas da entrevista, a informante passa a falar sobre sua filha, ressaltando a facilidade da mesma com a língua inglesa que, segundo a informante, é devido ao fato de a adolescente saber falar o alemão. Nessa parte da conversa, está presente a variante *uma vez* num contexto de advérbio: “*Eu falei ‘quem sabe uma vez o alemão se dá muito bem no inglês também’*” (CbGI F S).

A variante *uma vez* está presente pela quarta vez quando a conversa, depois das partes da entrevista, é sobre antigas colegas de escola em comum da informante e da entrevistadora: “*Procura ela uma vez no face, tu não reconhece ela mais*” (CbGI F S). Nesse enunciado, a variante *uma vez* aparece junto com o modo verbal imperativo, indicando novamente a variação.

Assim, durante a conversa livre, houve pouco uso da variante *uma vez*. É possível que, pelo caráter livre deste momento da entrevista, tenha influenciado nessa pouca ocorrência, pois muitos informantes, principalmente os homens, não usaram frases imperativas durante a conversa, apesar da insistência da entrevistadora.

Dessa forma, a variante *uma vez* esteve presente, durante a conversa livre, em apenas duas entrevistas. É importante destacar como uma informante (CaGI F I) percebeu a repetição durante a tradução das frases e tentou não usar a variante, admitindo inclusive usá-la mesmo

não sendo necessária. A grande ocorrência da variante na tradução pode ter sido determinante para que a informante tenha percebido o uso (como o informante CaGII M S falou explicitamente) ou então, possivelmente, essa informante já tenha sido alertada por outros falantes sobre essa variação. Por julgar seu uso desnecessário, a informante evidencia um preconceito em relação ao bilinguismo apresentado por Altenhofen (2004, p. 91) como “O bilíngue não sabe bem nem uma nem outra língua”. Outra hipótese é que como a informante Ca, ou seja, com graduação, passou por vários anos de ensino formal, essa variante faz parte da sua fala, porém, já foi julgada desnecessária pela educação formal, fazendo com que a informante tente deixar de usá-la. Porém, o exercício diário de sua profissão, ou seja, professora, requer a constante fala de instruções, ordens ou passos a seguir, contextos para os quais o modo imperativo é o mais usado. Pode ser essa uma razão para o uso frequente da variante, mesmo tendo conhecimento da variação.

Já a informante CbGI F S usou a variante quatro vezes, três no modo imperativo e uma num contexto de advérbio. A informante não percebeu a variação durante a tradução das frases, não estranhou a frequente presença da variante *uma vez* no texto e a usou quatro vezes durante sua fala. Isso deixa claro que essa informante usa a variante e não tem conhecimento dessa variação. Esta informante passou por um tempo de ensino formal menor em relação à anterior, o que pode determinar essa diferença quanto ao conhecimento da variação, ou seja, o ensino não explicitou a variante como sendo um exemplo de variação.

O conhecimento que o informante possui sobre a variação foi o objetivo da terceira parte da entrevista, ou seja, os comentários sobre um texto. A seguir, são apresentados os dados e falas acerca do texto.

3.1.3 Comentários sobre o texto

Neste momento da entrevista, foi solicitado ao informante que lesse o texto “Uma situação brasileira”⁴⁰ e dissesse se havia algo que lhe causa estranheza ou que o informante não usaria num texto escrito. Cinco informantes apresentaram termos que causaram estranheza ou que não usariam.

Já os demais informantes afirmaram que o texto é bom, como CbGII F I “*O texto tá bom assim*”, focando muitas vezes no assunto, mesmo com duas insistências da entrevistadora para

⁴⁰ Ver Anexo 3

que a informante pense na forma da escrita do texto. Essa também foi a atitude de CbGII M I. Também CaGI F S teve a mesma opinião, afirmando que o texto “*Tá bom assim*”, porém adiciona que “*de repente ali no começo, questionando um pouco*” mas não especifica o que poderia ser mudado. O informante CbGI M S teve dúvidas: “*O que eu não usaria, vai saber, nada, acho que nada*”. Já CbGI F S não alteraria nada no texto, assim como CbGI F I que também alegou não encontrar nada estranho.

É possível que esses informantes tenham se sentido constrangidos a falar sobre um texto apresentado por uma professora de línguas. Os informantes quiçá tenham preferido falar que o texto apresentado pela professora está adequado e sem palavras ou expressões que eles não usariam.

Por outro lado, isso pode indicar que os informantes controlaram suas falas, o que mostra o conhecimento que eles têm da variante. Os informantes sabem que *uma vez* não pertence aos moldes da língua padrão, visto que a variante é pouco frequente na tradução das frases e na conversa livre, ou seja, situações semi formais e informais de entrevista.

O informante CaGI M I afirmou apenas que a última parte do texto “*Não tem muito a ver com o texto acima, ele fala uma coisa da Internet que não tem muito a ver*”. Com esse trecho percebemos que a variante está tão arraigada na fala que o informante percebeu outros problemas que dizem respeito à interpretação do texto, porém não da variante. Isso indica que o uso da variável pela CaGI está totalmente assimilada e que não o incomoda a presença massiva no texto. Por outro lado, o não uso da variável nas traduções e o pouco uso na conversa livre, nos remete ao contexto escolar, onde se procura uma fala muito mais próxima ao padrão. Levando-se em conta a prática de perguntas e repostas, o contexto de entrevista assemelha-se muito ao contexto escolar.

Em relação ainda à última frase do texto, CaGII M I afirmou que essa apresenta um erro de português, porém não referiu-se à variante *uma vez*, mas ao verbo:

A última frase, eu acho que tem um erro de português, você já leu algo sobre o assunto, Lê uma vez, é que você está pedindo para eu ler, então deveria ser Leia ou lê também. Eu acho que é muito... Essa última frase eu não entendi bem. (CaGII M I)

O informante não percebe o excesso da variante *uma vez* no texto, mas por outro lado fez uso da variante na tradução de frases nos numerais e em um caso de advérbio e aceitou as sugestões com a forma. Assim, para o informante CaGII M I, a variante está muito presente na fala a tal ponto que ele não a reconhece no texto, apesar de considerar que há algo estranho no texto.

Outros informantes alegaram entender pouco sobre textos escritos e focaram sua fala no assunto do texto. Isso ficou explícito na fala dos informantes CbGII M S “*Bom, a gente não tem muito conhecimento sobre isso ali, sobre o que deve ser mudado*” e de CbGII F S “*Eu entendo pouco disso, o que devo te dizer..*”. A presença da variante *uma vez* é muito frequente na fala desses informantes fazendo com que considerem adequado um texto com repetição da variante sendo apresentado por uma professora.

A informante CaGII F S falou muito sobre o assunto do texto, e depois da insistência para que ela falasse sobre a forma em que o texto está escrito, ela foi categórica em afirmar que não há nada de estranho no mesmo, inclusive “*Nós falamos esses dias quase a mesma coisa como está escrito aqui*” (CaGII F S). Ou seja, na fala desta informante, há a realização da variante *uma vez*. Esse comentário evidencia que a informante não mantém separadas as duas línguas que usa, ela funde as línguas que usa, uma questão muito característica do bilinguismo quando uma língua interfere na outra. Assim, fica evidente que a informante não reconhece a variante *uma vez* no texto escrito e a usa no seu cotidiano, fato que pode ser conferido na tradução de frases quando a informante usou a forma em cinco frases com contexto imperativo. Na conversa livre ela não usou a variante como também não usou o modo imperativo (conferir 3.1.2). A informante não reconhece o frequente uso de *uma vez* como inadequado para o texto escrito, ou seja, para ela a variante faz parte da língua portuguesa. Isso nos indica também que a variante *uma vez* não é estigmatizada, visto que a informante não falou nada sobre a mesma.

É importante destacar que informante CaGII F S é uma professora aposentada, uma profissão que requer o uso constante de instruções, pedidos e ordens, ou seja, frases com o imperativo. Assim, é possível que o fato de precisar usar frequentemente o imperativo na sua profissão foi determinante para a inclusão da variante na sua fala. Os dados referentes à CaGI F I, já citada anteriormente, também professora, corroboram essa hipótese. Logo, é importante também refletir sobre o papel da escola nesse caso de variação. Duas professoras, de gerações diferentes e de localidades diferentes usam a variante e afirmam usá-la na sua fala. Inclusive, CaGI F I disse não ser necessário usar a forma, mas reconhece que muitas vezes a usa. Como professoras usam a variante, no seu lar, com amigos e na escola, e consideram seu uso habitual, é possível identificar uma falha no sistema escolar, pois esse não apontou o uso da variante *uma vez* como um caso de variação linguística.

Porém, diferente de CaGII F S, a informante CaGI F I reconheceu a variante no texto. Assim, a professora que está exercendo sua profissão reconhece a variação e julga a presença

da variante inadequada para o texto escrito (estilo mais formal). Dessa forma, o sistema de ensino foi mais efetivo ao destacar a variação.

Totalizando os comentários sobre o texto relatados acima, dez informantes não reconheceram a presença da variante *uma vez* no texto escrito. Seis desses informantes alegaram que o texto está bom, sem nada que cause estranheza. Dois informantes alegaram não ter conhecimento sobre texto escrito para poder fazer um comentário. Um informante alegou que o final do texto deveria ser alterado por não estar coeso com o restante. E uma informante afirmou que fala praticamente do jeito que está escrito.

Podem ser variados os motivos pelos quais esses informantes não reconheceram as quatro presenças da variante *uma vez* usada em contexto imperativo. Desconsiderando os dois informantes (CbGII S) que alegaram não ter conhecimento sobre textos escritos, os demais informantes afirmaram que o texto estava bom ou apontaram outros aspectos que alterariam. Dessa forma, a variante *uma vez* está inserida no contexto linguístico desses falantes a ponto de não causar mais estranheza ou necessidade de mudança quando está presente num texto escrito. Isso aponta para a não estigmatização da variante, o que atribui a ela um certo prestígio, principalmente em estilos de coleta formais, que, por sua vez, remetem à escola.

Os cinco informantes que comentaram sobre a frequente presença da variante *uma vez* no texto são predominantemente da Ca, com a exceção de CbGI M I. Três informantes da localidade de Itapiranga estranharam trechos do texto com *uma vez*: CaGII F, CaGI F e CbGI M. A primeira informante estranhou duas presenças da variante *uma vez*:

Achei estranho 'É preciso pensar uma vez muito sobre isso', 'Lê uma vez algo sobre isso na internet', estranho, concordância, não sei o que é. (CaGII F I)

Em seguida, ao ser questionada pela pesquisadora sobre o que mudaria, ela sugere:

Se atualize sobre os assuntos na internet. É preciso pensar uma vez muito sobre isso, precisa analisar, acho que é. Não sou muito boa em interpretação de texto. (CaGII F I)

Além de retirar a variante *uma vez* da frase, a informante também sugere o uso de outro verbo. Assim, a informante reconheceu duas das quatro presenças da variante em contexto imperativo, considerou-as inadequadas para um texto escrito e sugeriu alternativas para as frases. Na tradução de frases, a informante usou a variante *uma vez* em seis frases: duas frases com contexto de numeral, três de advérbio e uma frase com contexto de imperativo ([Para uma vez]). Assim, a informante CaGII F I usa a variante *uma vez* na entrevista, possivelmente porque é da mesma classe social que a interlocutora, e a considera inadequada para textos escritos, apesar de não reconhecer todas as formas presentes no texto.

A presença da variante no texto também causou estranheza para CaGI F I.

O que eu achei estranho que eu ia mudar, esse aqui, 'Vamos calcular uma vez isso', 'É preciso pensar uma vez', 'Lê uma vez. (CaGI F I)

Ao ser questionada sobre como faria a frase, ela afirma

Vamos calcular isso...Mas é uma questão que aqui na escrita tu vê, mas falando, vamos calcular uma vez isso, já é mais normal falar, mas na escrita fica estranho, mas falar, eu não sei se eu ia notar. (CaGI F I)

Esse comentário é condizente com o restante da entrevista com a informante, pois na tradução de frases, a variante *uma vez* esteve presente em sete frases (duas em contexto de numeral, duas de advérbio e três em contexto imperativo) e na conversa livre, a informante estava prestes a usar a variante (conforme 3.1.2), porém se conteve pois já havia identificado a repetição da variante na fase anterior da entrevista. A informante deixa explícito que reconhece a variante, mas apenas na escrita, sendo que na fala não tem certeza se a reconheceria. Isso indica que o uso da variante *uma vez* é frequente na Língua Portuguesa falada, porém ausente na escrita.

O único informante da Cb que reconheceu a presença da variante é CbGI M I. Ele participa de um grupo de motociclista, completou o Ensino Médio e não tem profissão definida, sendo que já foi padeiro, jardineiro e adesivador de carros. O informante, após discordar de aspectos relacionados ao assunto do texto como a situação atual do Brasil, disse estranhar três presenças da variante, porém não soube apontar alternativas para as mesmas:

Vamos pensar uma vez na situação atual do Brasil não sei se isso tá correto, me chamou a atenção. É preciso pensar uma vez muito sobre isso, ficou estranho, parece que não tem concordância. Lê uma vez algo sobre isso na internet. Estranho. (CbGI M I)

O informante afirma não ter certeza se as frases estão corretas e não apresentou uma outra frase possível. O fato de estranhar e não perceber ao certo o que está estranho evidencia que a forma *uma vez* não está presente na fala do informante, fato que se confirma nos demais momentos da entrevista, pois o informante não usou a variante, exceto em frases com numerais.

Nenhuma informante Ca F S estranhou a presença da forma no texto. Era esperado que informantes da Ca reconhecessem o uso da variante *uma vez* no texto, pois esses passaram por maior tempo de instrução formal, logo é possível que tenham maior domínio da escrita. Porém, como explicar que as duas informantes da Ca F S não identificaram o uso da forma, como o fizeram as informantes de Itapiranga? CaGII F S é uma professora aposentada, assim, teve contato com a língua escrita durante o exercício da sua função. Já CaGI F S cursou Administração e trabalha como cabelereira e é dona do estabelecimento onde só ela trabalha.

Então, sua profissão não requer muito uso da escrita, o que possivelmente pode justificar o fato de a informante não estranhar o texto.

CaGI M S estranha a construção “É preciso pensar uma vez muito sobre isso”, ele não sabe se a concordância está adequada. Ao ser questionado pela pesquisadora como ele faria tal construção, ele repensa e acaba desconsiderando o comentário falando “é, *mach toch zu*”⁴¹. Outra frase considerada estranha foi “Lê uma vez algo na internet, que é muito comum hoje em dia”, sendo que ao falar a variante *uma vez* o informante aumentou o volume da voz. Quando questionado como faria, ele responde “*talvez, mudar que na internet tem muito assunto relacionado à questão e que tem acesso hoje em muitos sites*”. Percebe-se que o informante estranha frases com a variante *uma vez*, porém não consegue identificar o porquê desse estranhamento. Em seguida, o informante ainda aponta a frase “É preciso pensar uma vez muito sobre isso. *Esse uma vez, uma vez, mas daí você só pensa uma vez*”. A pesquisadora sugere como alternativa “Vamos pensar muito sobre isso” ao que o informante concorda e em seguida afirma que, no texto, “*esse uma vez é muito usado*”.

Dessa forma, CaGI M S estranha a presença da variante *uma vez*, mas não consegue identificar o que, especificamente, torna a frase estranha. Diante da sugestão da pesquisadora, ele percebe qual característica do texto o torna estranho e logo acrescenta que a mesma é muito usada no texto.

Ao contrário do informante anterior, CaGII M S, após a leitura em voz alta do texto, faz o seguinte comentário:

De imediato me dá a impressão que se fez uma tradução literal ipse literis de uma conversa do alemão para o português, esse uma vez, uma vez, isso é nós usamos, em português é um vício. (CaGII M SJO)

É possível afirmar que o informante possui conhecimento da variação resultante do bilinguismo português/alemão *Hunsrückish* chegando a denominá-la como uma “tradução *ipsis litteris*”, sendo que o fato relatado pelo informante constitui um exemplo de *code-switching*, pois há justaposição dentro de uma mesma fala com troca de passagens de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes. Além disso, o informante afirma usar a referida expressão, inclusive adicionando a pesquisadora à comunidade de fala⁴² usando o pronome *nós*. Isso denota que o informante sente-se parte da comunidade de fala e que a

⁴¹ Em alemão *Hunsrückish*. Traduzido para o português: “Mas fecha uma vez” ou “É, fecha mesmo assim.”

⁴² Ver a definição de comunidade de fala na seção 1.1.

conhece a ponto de reconhecer determinada característica da língua e faz um juízo de valor sobre a mesma ao afirmar que em língua portuguesa o uso da variante *uma vez* é um vício. Em seguida a pesquisadora, a fim de confirmar um fato informado pelo falante, pergunta “Nós usamos?”, ao que ele responde:

Não, talvez no coloquial, mas no escrito não, como esse texto é um texto escrito não caberia essa repetição ali, essas colocações, esse vamos ver uma vez, esse uma vez a gente na escrita até na fala meio deixa pra trás, mas o alemão usa muito, Gehn mo einmo raus. Gehn mo raus, Esse einmo não precisaria estar ali, e nas tuas perguntas tinha muito disso também. Esse uma vez. Agora você faz a tua entrevista. (Ca GII M S)

Nesse trecho da fala, o informante novamente evidencia seu conhecimento linguístico ao diferenciar a língua coloquial e a língua escrita. Esclarece que a variante *uma vez* pode ser usada na língua falada, porém é categórico ao afirmar que a variante não pertence a um texto escrito. Assim, é possível afirmar que o informante possui conhecimento da variação. Além disso, segundo o informante, na fala, a variante *uma vez* também está deixando de ser usada. Por outro lado, ao referir-se à língua alemã, o informante afirma que apesar de não ser necessária, a expressão *einmo* é muito recorrente. Como já ressaltado anteriormente, em comunidades bilíngues, *code-switching* é muito comum, como é o caso desta fala. Ao término da fala, o informante informa a pesquisadora que percebeu a recorrência da variante nas perguntas do questionário, novamente demonstrando seu conhecimento linguístico e grande capacidade de observação sobre a língua que as pessoas usam.

Em resumo, em relação à leitura e comentários sobre o texto, apenas cinco informantes (CaGII F I, CaGI F I, CbGI M I, CaGII M S e CaGI M S) perceberam a presença da variante no texto, dois informantes (CbGII M S e CbGII F S) alegaram não ter capacidade para avaliar o que precisa ser mudado num texto escrito e os demais não reconheceram a variante.

3.1.4 Sugerência

Ao final da entrevista, a pesquisadora apresenta traduções das frases da primeira fase com a variante *uma vez* e pergunta ao informante se já ouviu ou usa tal frase, constituindo a dimensão diarreferencial. A grande maioria dos informantes afirmou que já ouviram ou até mesmo usam frases com a variante *uma vez*, ou seja, aceitam a sugestão com a variante *uma vez*. Dois informantes disseram ter ouvido algumas frases com a variante, outras não. Cinco informantes, além de afirmar que escutam frases com a variante, acrescentaram comentários considerando a frase “errada”, que indica “pressa” ou “ordem”, ou mais gramatical. A fim de facilitar a

apresentação destes dados, serão apresentadas algumas sugestões junto com a fala dos informantes.

Todos os informantes de São João do Oeste aceitam a sugestão, conforme exposto na Tabela 1, que apresenta as falas dos informantes após a sugestão:

Informante	Sugestão	Fala do informante
CaGII H S	Vamos começar uma vez, vamos uma vez começar.	Ele não diz sempre, mas ele seguidas vezes vai cair nesse tipo de linguagem. Seguidas vezes.
	Fecha uma vez a porta.	Sim, já, só para quem sabe alemão sabe por que o cara tá dizendo isso.
CaGII F S	Feche uma vez a porta.	Também.
	Traz uma vez um copo de água.	Tem muitas formas, maneiras de falar a mesma coisa.
CaGI M S	Fecha a porta uma vez.	Falam, sim.
	Me traz uma vez um copo de água.	Habitualmente, <i>hören ma als</i> ⁴³ .
CaGI F S	Fecha uma vez a porta.	É, fechar uma vez.
	Me dá uma vez a <i>Schmier</i> .	É um pouquinho diferente. De repente se falar me dá uma vez a <i>Schmier</i> , você já tem pressa.
CbGII M S	Feche uma vez a porta, você já escutou isso?	Claro.
	Vamos dormir uma vez.	Falamos.
CbGII F S	Vamos começar uma vez	Eu escutei, sim, mas não sei quem.
	Fecha a porta uma vez.	Também, tem gente que fala assim.
CbGI M S	Vamos começar uma vez.	Acho que sim.
	Tu vem uma vez aqui.	<i>Ich denke net</i> ⁴⁴ , mas pode ser que sim.
CbGI F S	Fecha uma vez porta.	Sim.
	Me dá uma vez uma <i>Schmier</i> .	Quase ninguém fala <i>Schmier</i> , me dá um pão.

Quadro 8: Sugestões e comentários dos Informantes de São João do Oeste.

Um sentido diferente foi dado por CaGI F S para a frase com a variante, o sentido de pressa. CbGI M S pensa que não ouviu a frase “Tu vem uma vez aqui”⁴⁵, mas alega que pode ter ouvido. Provavelmente as frases anteriores, que ele alegou ter ouvido, o fazem crer que já

⁴³ Em alemão *Hunsrückish*. Traduzido para o português: “Escuta-se às vezes”.

⁴⁴ Em alemão *Hunsrückish*. Traduzido para o português: “Eu acho que não”.

⁴⁵ As sugestões estão escritas entre aspas ao longo do texto.

ouviu essa frase também. Isso denota que para o informante a variante não é marcada, ele não lembra se já ouviu ou não.

Praticamente da mesma forma também responderam os seis informantes de Itapiranga que aceitaram as sugestões. A Tabela 2 indica as falas dos informantes de Itapiranga sobre a sugestão.

Informante	Sugestão	Fala do informante
CaGII H I	Feche uma vez a porta.	Mas aí já é uma ordem. Feche a porta uma vez. Mas aí a pessoa já tá braba, ela já mandou fechar.
	Traga uma vez um copo de água.	Traga-me uma vez um copo de água.
CaGII F I	Me traz uma vez um copo de água.	Sim, eu escuto, até aqui as pessoas de idade, falam assim.
	Agora chega uma vez.	Sim, eu escuto
CaGI M I	Fecha a porta uma vez.	Sim, já escutei.
	Me traz uma vez um copo de água	Não.
CaGI F I	Fecha a porta uma vez.	Sim, os mais antigos falam, minha mãe fala assim.
	Agora chega uma vez.	Sim.
CbGII M I	Vamos começar uma vez?	Pode ser
	Fecha uma vez a porta.	Tá mais, mais gramático
CbGII F I	Vamos começar uma vez.	Sim, sim, eu já escutei.
	Traz uma vez um copo de água.	Sim, tá certo.
CbGI M I	Já escutou alguém falar ou então você fale feche uma vez a porta?	Escutar sim, mas acho que não é a forma correta.
	Traga-me uma vez um copo de água.	Meu, eu acredito que não.
CbGI F I	Feche uma vez a porta, você já escutou falar?	Sim, já ouvi.
	Me traz uma vez um copo de água.	Sim.

Quadro 9: Sugestões e comentários dos informantes de Itapiranga.

A informante CaGII F I acrescentou comentários após aceitar a frase “Fecha uma vez a porta” (“*Sim, sim, eu escuto muito porque na minha família, a gente fala muito alemão*”) e “Me traz uma vez um copo de água” (“*Sim, eu escuto, até aqui (banco financeiro) as pessoas de idade falam assim*”). A informante, através desses comentários, relaciona a variante *uma vez* principalmente ao cotidiano familiar, porém ressalta que ela também está presente na fala do seu local de trabalho, principalmente na fala das pessoas de idade.

Por outro lado, os informantes da GI do sexo masculino alegaram não ter ouvido algumas sugestões com a variante *uma vez*. O informante CaGI M I não aceitou as sugestões “Me traz uma vez um copo de água” (“*Não*”), “Me dá uma vez a schimiar” (“*Não*”) e “Vamos dormir

uma vez”. As demais sugestões como “Deixa João uma vez lá” (“*Sim*”), “Para uma vez” (“*Sim*”) e “Vem aqui uma vez” (“*Também já ouvi*”) foram aceitas pelo informante. Já o informante da CbGI M I acredita não ter ouvido a frase “Traga-me uma vez um copo de água” (“*Não, essa não*”).

Esse mesmo informante explicitou seu juízo de valor acerca de algumas frases com a variante, como a frase sugerida “Feche uma vez a porta”, que ele afirmou já ter escutado, porém não a considera a forma correta. Outra frase que foi comentada pelo informante foi “Vamos dormir uma vez” que recebeu o seguinte comentário: “*Isso, isso na verdade é bem aporuguesado aqui né, uma vez, o ali, eles usam essa esse tipo de palavra, mas eu acho que é incorreto*” Novamente, com a sugestão da frase “Para uma vez, chega uma vez” há outro comentário: “*Eu não uso, né. Mas as pessoas falam, viu ali uma vez, o pessoal fala, mas pra mim tá errado*” (CbGI M I). De acordo com Thun (2009, p. 538), considera-se “as sugestões aceitas como formas já ouvidas ou lidas pelo informante, mas só passivamente disponíveis”. Através desses comentários sobre a frase sugerida, conclui-se que o informante CbGI M I conhece a variante pois ela está presente no seu cotidiano e a considera inadequada, até mesmo na fala. Esses comentários estão de acordo com as outras fases da entrevista com o informante, pois ele reconheceu a variante e a estranhou no texto lido e não a usou durante a tradução de frases. Através da sugestão, uma característica do modelo pluridimensional, é possível incluir esse dado nas análises. O fato de o informante não usar mas conhecer a variante indica que a mesma não é usada por todos os falantes da comunidade de fala, apenas por parte dos falantes.

Contrariando esse comentário, o informante CbGII M I disse sobre a sugestão “Fecha uma vez a porta” “*Tá mais... mais... gramático*”. Para a mesma frase, CaGII M I comentou “*Mas aí já é uma ordem... Mas aí a pessoa já tá braba, ela já mandou fechar*”. Já CaGI F S comentou sobre a sugestão “Me dá uma vez a schimiar”: “*De repente se falar me dá uma vez a schimiar, você já tem pressa*”.

Considerando os comentários desses informantes (CbGI M I, CbGII M I e CaGII M I) sobre a sugestão “Fecha uma vez a porta”, o primeiro não a considera uma forma correta, o segundo afirma que a frase fica mais gramatical, já o terceiro estabelece uma situação de ordem repetida. São três opiniões muito divergentes sobre uma mesma frase. Além disso, CaGI F S cogita ainda a presença de um sentido de pressa na sugestão “Me dá uma vez a schimier”. Dessa forma, é possível considerar a variante *uma vez* estigmatizada por alguns falantes, ou seja, eles a avaliam negativamente, enquanto que para outros é de prestígio, isto é, a avaliam

positivamente, ou apresenta outro significado. Ou seja, não há um consenso por parte dos falantes sobre a variante.

O informante CaGII M S, além de reconhecer a variante *uma vez* no texto e a considerar inadequada para um texto escrito, ele afirmou que seu pai, uma pessoa que, como o próprio informante afirma, “*pensa em alemão e fala em português*” usa muito a variante *uma vez*. Ao ser questionado se seu pai fala “Vamos começar uma vez”, ele afirmou “*Ele não diz sempre, mas ele seguidas vezes vai cair nesse tipo de linguagem. Seguidas vezes*” (CaGII M S). Na segunda sugestão, “Fecha uma vez a porta”, o informante comenta “*Acho que ele nem tanto, apesar de ele traduzir, ele vai usar de vez em quando, mas muitas vezes não*” (CaGII M S). Quando questionado se já ouviu as frases sugeridas, ele confirma “*Sim, já, só para quem sabe alemão sabe por que o cara tá dizendo isso*”. Diante da sugestão “Me traz uma vez um copo de água”, o informante faz o seguinte comentário: “*Esse uma vez aí, em português, é totalmente descabido. Me traga um copo de água, você não vai dizer, me traga uma vez por todas, talvez na reclamatória*”. Assim, para o informante CaGII M S, o uso da variante *uma vez*, além de revelar o bilinguismo do falante e ser uma espécie de *Shibboleth*⁴⁶, ou seja, uma peculiaridade da língua que identifica a identidade do falante, é uma variante não pertencente ao padrão da língua portuguesa.

Resumindo, os informantes de São João do Oeste aceitaram as sugestões e apenas dois (CaGI M I e CbGI M I) não aceitaram todas as frases sugeridas. Percebe-se a ausência de um consenso entre os informantes que alegaram outros significados para as sugestões. Apenas dois informantes consideraram a sugestão inadequada para a Língua Portuguesa.

3.1.5 Comentários metalinguísticos

Depois dos quatro momentos da entrevista, alguns informantes continuaram a falar sobre a língua que usam, o que proporcionou importantes comentários metalinguísticos, principalmente sobre a variante *uma vez*. É importante destacar que nesta seção apenas serão

⁴⁶ Palavra que serviu como teste para distinguir os Efraimitas dos Gibeonitas (na Judéia antiga). Os homens de Jeftá ocupavam o passo do Jordão, com ordens de não deixar nenhum Efraimita cruzá-lo. O Efraimita, que tentasse cruzá-lo, era intimado a dizer Shibboleth” (sh = /s’/) —que pronunciava Sibboleth. (The Modern Encyclopedia, edited by A. H. Mc Dannald 1934, p. 1082 apud CÂMARA JR., 1977, p. 52).

apresentados os comentários metalinguísticos que foram falados pelos informantes depois da realização das quatro fases da entrevista.

Uma regularidade percebida é que três mulheres citaram o costume ou hábito como motivo para o uso da variante *uma vez*, ou seja, CaGI F I, CaGII F S e CbGII F S consideram o uso da variante como um hábito, uma característica. Ou como observado por CaGII F S “*Usa-se um termo mais que o outro*”. Essas informantes, ao contrário de CaGII M S e CbGI M I, que consideram o uso da variante *uma vez* como “*totalmente descabido*” e “*bem aporuguesado*”⁴⁷, respectivamente, não estigmatizam o uso da variante. Por não representar uma variante estigmatizada, essas informantes frequentemente a usaram na tradução de frases⁴⁸. Essas informantes não avaliam negativamente o uso da variante, ou, possivelmente, não a avaliam nem positivamente. É possível que as informantes nunca pensaram na variante como “diferente” e sim como apenas uma forma que se usa para expressar um pedido ou ordem. Assim, em certas situações, o uso de *uma vez* é estigmatizado, em outras situações, ele é de prestígio pois identifica o falante como pertencente àquela comunidade de fala.

Inclusive, CbGII F S afirmou que “*Se eu falo assim, com certeza, as crianças também falam assim*”, mostrando uma foto com suas filhas com idade entre 20 e 35 anos. Assim, com esse comentário, a informante contraria a observação fundamental de LABOV (2003, p. 246), que estipula que crianças não falam como seus pais. Porém, está de acordo com a assertiva do mesmo autor, considerando que pais e filhos pertencem à mesma comunidade de fala, logo, compartilhando diversas características. No caso da informante, as filhas, mesmo com idade adulta, convivem muito com a mãe, fazendo-as pertencer à mesma comunidade de fala.

Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficiência. (LABOV, 2008, p. 347)

Ao levar em consideração os dados dos informantes da GI desta pesquisa, que pouco usaram a variante (apenas em quatro frases com contexto de advérbio e três de imperativo, além de dezesseis traduções como numeral, como pode ser averiguado na seção 3.4), é possível afirmar que o comentário da informante CbGII F S não é de todo verdadeiro, isto é, as

⁴⁷ Ver 3.1.4

⁴⁸ CaGI F I usou a variante *uma vez* em sete frases na primeira parte da entrevista; CaGII F S, em nove frases; e CbGII F S, em três frases.

“crianças” pouco usam a variante que a informante usa. Porém, a partir da fala da informante CaGI F I e CbGI F S podemos perceber que há falantes da GI que usam a forma *uma vez* em frases imperativas, porém não temos dados empíricos que comprovem isso.

Ao retomarmos o conceito de comunidade de fala, definida como um grupo de falantes que compartilha as mesmas normas a respeito da língua, é necessário levar em conta também que os falantes que não usaram a forma, aceitaram-na durante a sugestão. Assim, os falantes dessa comunidade de fala compartilham a norma a respeito da variante *uma vez*, ou seja, ou a usam ou a aceitam.

A informante CbGI F S não traduziu frases com a forma *uma vez*, não a reconheceu no texto, porém a usou quatro vezes durante a conversa livre, acrescentou um comentário no qual estigmatiza a língua que fala, atribuindo-lhe incorreções: “*Eu sei que a gente fala muita coisa errada*”. Logo em seguida, ela se remete ao constante uso da língua alemã: “*E antes, quando eu trabalhava no comércio, eu falava muito mais alemão, que nem ali em São João é difícil falar brasileiro*”. Devido à sequência dos comentários, é possível perceber uma relação feita pela informante entre o “falar errado” e a raridade do “falar brasileiro”. Esse mito é apresentado por Bagno (1999) como “O brasileiro não sabe português”. A concepção da informante também concorda com o mito apresentado por ALTENHOFEN (2004): “O monolinguismo como solução dos problemas de aprendizagem do português”. Para a informante, se não houvesse a necessidade de falar alemão, seu português estaria mais adequado.

Por outro lado, o uso da forma *uma vez* chamou a atenção do informante CaGI M S que questionou a pesquisadora se “*Esse uma vez está sendo introduzido na concordância do português de novo, ou é só objeto de pesquisa de vocês?*”. É importante destacar que o informante, ao usar a locução adverbial **de novo**, considera que a forma *uma vez* já pertenceu à língua portuguesa. É possível que o informante esteja relacionando a forma a sua primeira língua, ou seja, a língua alemã, e por isso, ter usado a locução **de novo**. Ao ser informado pela pesquisadora que a forma *uma vez* é o “objeto de pesquisa”, o informante acrescenta:

Esse nós, os alemão, temo esse uma vez, né? Nosso... Wie Ich in die Schulle gan sin, ón so so gesót⁴⁹, uma vez eu fui, né, uma vez, é que é assim, uma vez, Ich ein mo ploss mache⁵⁰. Mas esse projeto de pesquisa é muito interessante, quando eu trabalhei na assistência, meu, isso tem à vontade, uns vícios de linguagem. Eu também tinha muito disso, mas a gente vai desaprendendo algumas coisas, na vida profissional e na faculdade, principalmente profissionalmente. (CaGI M S)

⁴⁹ Em alemão *Hunsrückish*. Traduzido para o português: Quando eu ia na escola, falavam assim.

⁵⁰ Em alemão *Hunsrückish*. Traduzido para o português: Eu fiz apenas uma vez.

Nesse último trecho, podemos ver que, segundo o informante, a forma *uma vez* era muito mais frequente que nos dias atuais, isso denota que possivelmente a escola tem exercido influência sobre o uso da variedade portuguesa nas localidades de pesquisa. Além disso, outros fatores também exerceram essa influência como: a proibição da Língua Alemã e a obrigatoriedade de falar somente o Português durante os primeiros anos de colonização das localidades de pesquisa; a desvalorização do alemão perante o português; a invasão da mídia nas casas dos informantes, sendo que a língua usada pela mídia é o português; a consequente vergonha dos mais jovens de falar alemão, pois a consideram a língua dos “colonos” e dos anciãos; a entrada de empresas e com elas pessoas de outras comunidades de fala; a própria criação das prefeituras e a abertura de concursos que oportunizam a entrada de estranhos na comunidade, entre outros. Assim, quanto mais pessoas de lugares diferentes e presença de meios que tragam uma língua diferente para dentro da comunidade de fala, mais heterogênea fica a língua. Para o informante, o uso da forma *uma vez* já era normal, atualmente esse uso pode, para alguns, caracterizar um falante bilíngue alemão *Hunsrückisch*/português. Além disso, a forma *uma vez* é uma espécie de *Shiboleth*, pois, como o falante informou “*nós, os alemão, temos esse uma vez*”.

Assim, os comentários metalinguísticos foram diversos e muito importantes para esta pesquisa. Três informantes (quem) atribuem o uso da forma *uma vez* a uma questão de costume e não a avaliam nem positiva nem negativamente. Já dois informantes avaliam negativamente o uso da variante, considerando o como “*descabido*” e “*aportuguesado*”. Uma informante avalia que a língua que fala não é correta e associa isso ao fato de falar pouco “*brasileiro*”. Um informante da GI afirma ter usado mais frequentemente a forma, porém deixou de usá-la com tanta frequência devido a vida acadêmica e profissional.

Esse fato aponta para o prestígio do português e que o uso da variante *uma vez*, decorrente do bilinguismo alemão/português, está decrescendo. O uso da língua majoritária, exigido pelos ambientes de estudo e trabalho, vai além dos limites desses ambientes e passa a ser inserido dentro dos lares, provocando uma diminuição do uso da língua minoritária.

Por curiosidade, outra característica do contato linguístico entre o alemão e o português foi assinalada pelo informante CbGI M I: a variante *ali*. Diante da sugestão “Vamos dormir uma vez” o informante alegou: “*Isso, isso na verdade é bem aportuguesado aqui né, uma vez, o ali, eles usam essa esse tipo de palavra, mas eu acho que é incorreto*” e para a frase “Para uma vez, chega uma vez” comentou: “*Eu não uso, né. Mas as pessoas falam, viu ali uma vez, o pessoal*”.

fala, mas pra mim tá errado”. Em seguida, ao final da entrevista, comentando sobre o uso da variante *uma vez*, ele afirmou “*É, pois é, falam muito, falam demais, demais, o tempo todo, dá para escutar falando, mas eu não uso, às vezes a gente fala brincando ‘viu ali uma vez’, só não sei se é correto ou não isso*”. Percebe-se que o uso da variante *ali* reiteradamente chama a atenção do senso comum, que a menciona como uma marca identitária da fala de bilíngues alemão-português.

A seguir, estão relacionados os dados das dimensões que determinaram a escolha dos informantes, seguindo a sequência de maior disparidade para menor disparidade no uso da forma *uma vez* na tradução das frases.

3.2 A DIMENSÃO DIASSEXUAL

Essa é a dimensão que apresentou maior divergência de uso de *uma vez* na tradução de frases, ou seja, 36 ocorrências no grupo feminino, sendo onze em frases imperativas, e apenas 20 no grupo masculino, com uma ocorrência em frase imperativa.

3.2.1 Uso da variante *uma vez* pelo sexo feminino

Todas as mulheres usaram a variante *uma vez* em todas as traduções com contextos de numeral, conforme apontado em 3.1.1, totalizando dezesseis ocorrências. Além dessa regularidade, em quatro traduções de contexto de advérbio (frases 2, 4, 8 e 23) ocorreu a forma *uma vez*. A frase 20 foi traduzida mais frequentemente com a variante, ou seja, por três informantes: CaGI F I “*Minha mãe disse assim uma vez*”, CaGII F I “*Minha mãe uma vez disse assim*” e CaGII F S “*Minha mãe falou assim uma vez*”. Nota-se que apenas a Ca usou a variante, e apenas uma informante dessa dimensão não a usou (CaGI F S). Possivelmente a Ca usou a variante durante a entrevista por estar com uma falante da mesma classe social, logo, não sentiam a necessidade de controlar sua fala.

Partindo para as frases que tiveram duas traduções com a variante *uma vez* pelas mulheres, em contexto de advérbio, a frase 2 foi traduzida por duas informantes de Itapiranga: CaGII F e CbGI F “*Eu tinha uma vez um fusca*”. A frase 23 foi traduzida como “*Eu li uma vez esse livro*” pela informante CaGII F I e como “*Eu li esse livro uma vez*” por CaGI F S. Apenas houve uma

tradução para a frase 4 pela informante CaGI F I que traduziu como “*Eu estava uma vez lá*” e a frase 30 foi traduzida como “*Já vou para casa, eu vou uma vez para casa*” por CaGII F S.

Já em contexto imperativo, onze frases foram realizadas com a variante *uma vez*, duas dessas tiveram duas traduções cada com a forma. As informantes CaGII F I e CaGII F S traduziram a frase 24 como “*Para uma vez*”. A frase 5 apresentou traduções mais diversas com a variante *uma vez*: CaGI F I traduziu como “*Você pode vir uma vez aqui*” e CaGII F I precisou de tempo para produzir a tradução e repetiu o início “*Tu vem... tu vem uma vez aí?*”. As demais sete ocorrências da variante são: “*Traz uma vez água*” e “*Olha uma vez lá*” de CaGI F I; “*Vamos nós uma vez dormir*”, “*Agora uma vez chega*”, “*Escuta uma vez o cachorro*”, “*Deixa uma vez a Maria para lá*” de CaGII F S e “*Prova uma vez*” de CbGII F S. A distribuição das ocorrências da variante dentro das dimensões do sexo feminino pode ser visualizada no Gráfico 2.

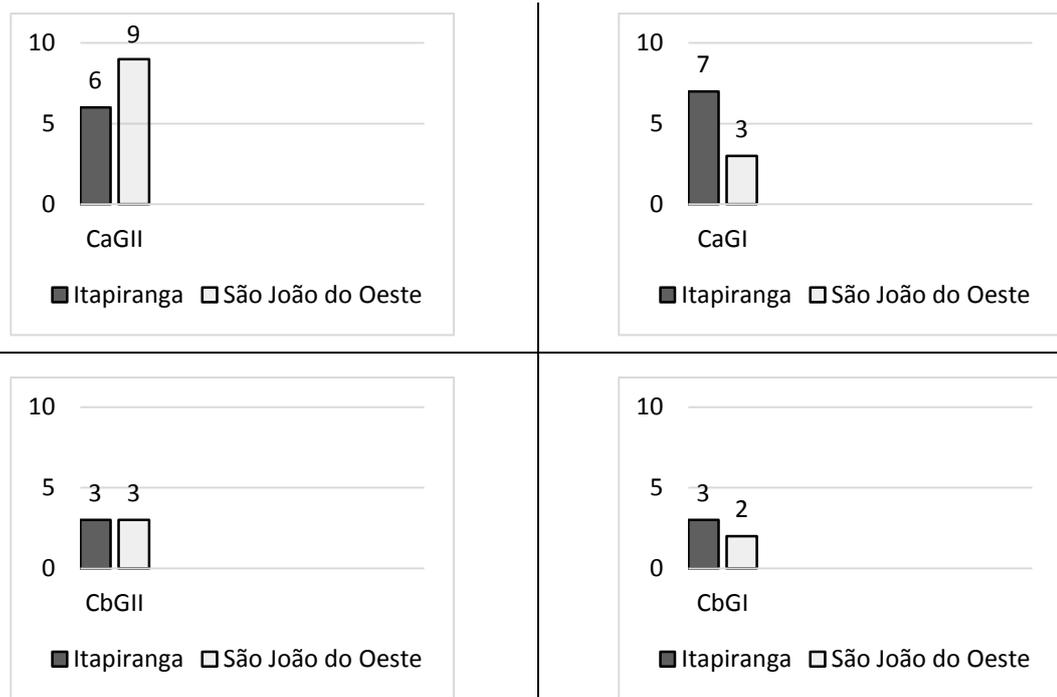


Gráfico 2 - Quantidade de uso da variante *uma vez* por informantes do sexo feminino.

Esse quadro demonstra que a Ca lidera o uso da variante *uma vez*. Essa característica denota que os informantes com mais tempo de instrução formal usam mais frequentemente a variante. Isso pode demonstrar que o ensino formal apresenta lacunas no sentido de apresentar o uso da variante *uma vez* como um exemplo de variação linguística, pois como foi analisado pelos comentários metalinguísticos, as informantes explicam o uso da variante como um costume ou “*Usa-se um termo mais que o outro*” (CaGII F S).

Ou, por outro lado, apesar de as informantes considerarem o uso apenas como um caso de costume, é possível que elas tenham conhecimento dessa variante, e por opção a usam, como uma forma de explicitar sua identidade, visto que duas informantes Ca perceberam o uso da variante no texto e o consideraram incorreto para o texto escrito. Nesse caso, é possível que se trate de uma variante com *Over Prestige* nas localidades em questão, pois a Ca usa a variante. É importante destacar que as mulheres que mais usaram a variante (CaGII F S e CaGI F I) são professoras de matemática. O fato de usar a língua portuguesa e necessitar passar instruções para os alunos, ou seja, usando o modo imperativo de uma maneira que incentive o aluno a fazer a atividade, pode ser determinante para a frequente presença da forma. Ao comparar com CaGII M S, também professor de matemática, que não usou a variante durante a entrevista, mas a reconheceu como característica da fala de bilíngues alemão *Hunsrückisch* e português, evidencia-se o comportamento típico de falantes do sexo feminino, ou seja, a expressividade.

Além disso, o quadro também indica uma mudança em curso, visto que os dados da Ca F são divergentes na dimensão diatópica. Enquanto que a CaGII de Itapiranga apresenta seis ocorrências da variante, a CaGI realizou *uma vez* em sete traduções. Já as informantes CaGII de São João do Oeste realizaram a variante nove vezes e a CaGI apenas três. Isso demonstra que o uso da variante não é estável, principalmente na localidade de São João do Oeste.

3.2.2 Uso da variante *uma vez* pelo sexo masculino

Como já ressaltado, todos os homens, assim como as mulheres, usaram a variante *uma vez* nas frases com contexto de numeral, exceto CaGII M S que traduziu uma frase como “*Estive lá uma única vez*”. Conforme assinalado no Gráfico 3 a seguir, apenas os informantes da GII usaram a variante *uma vez* em outros contextos, sendo que quatro ocorrências foram em contextos de advérbio e uma em contexto imperativo.

É possível que os homens estejam à frente na mudança linguística para o não uso da variante *uma vez*. Essa possibilidade é confirmada ao considerarmos que mais homens reconheceram a presença da variante no texto e os seus comentários avaliando-a como característica da fala de bilíngues alemão *Hunsrückisch* e português. Dessa forma, pode-se afirmar que a lusitanização da fala dos nossos informantes do sexo masculino está quase acabada, visto que um homem realizou a variante na tradução de frases.

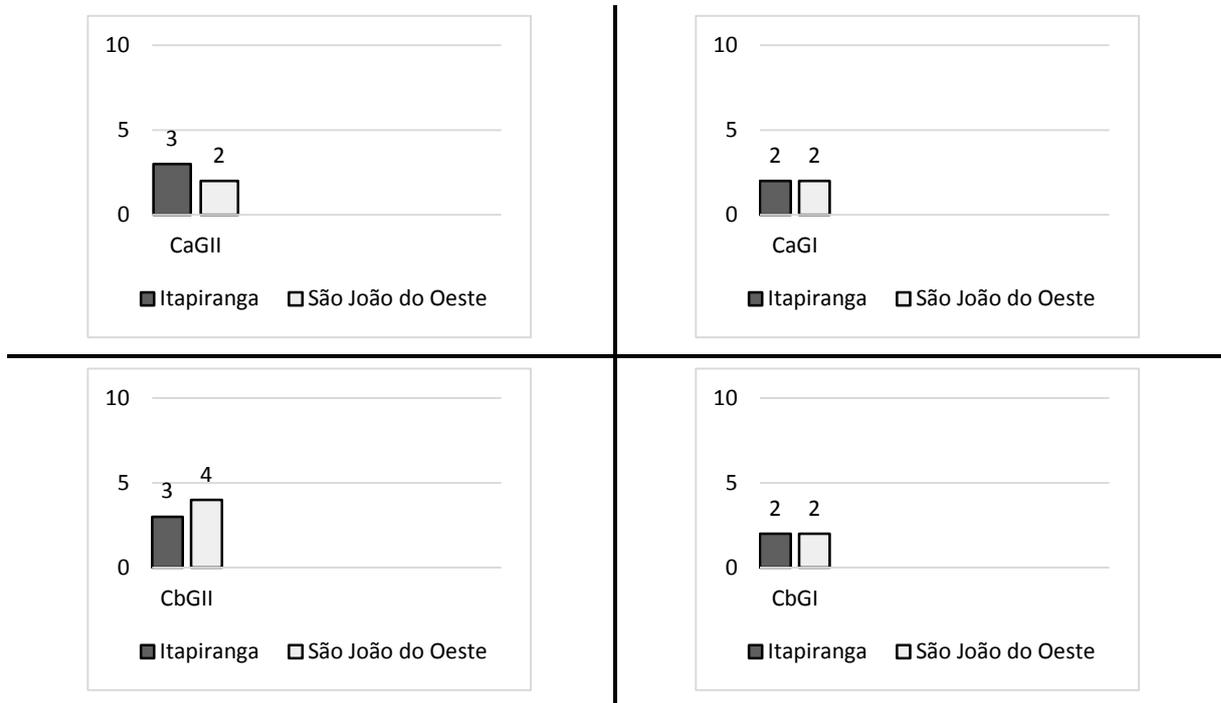


Gráfico 3: Quantidade de uso da variante *uma vez* por informantes do sexo masculino.

A frase 2 foi traduzida por dois informantes com a variante. CaGII M I a traduziu como “*Eu tinha uma vez um fusca*” e CbGII M S como “*Já tive uma vez um fusca*”. Esse mesmo informante, CbGII M S, traduziu duas frases muito similarmente. A frase 4 (considerada frase com contexto de advérbio) foi traduzida como “*Já tive uma vez lá*” enquanto que a frase 17 (considerada frase com contexto de numeral) recebeu a tradução “*Estive uma vez lá*”. É possível que para o informante as frases não tenham diferença entre si, por isso a similaridade entre as duas traduções. Outra frase com contexto de advérbio foi traduzido por CaGII M S como “*A mãe uma vez disse assim*”.

A única frase com contexto de imperativo traduzida com a variante *uma vez* por um homem foi “*Agora chega... uma vez*”. Nessa frase, o informante CbGII M I acrescentou a variante depois de uma breve pausa após o início da frase. Possivelmente, esse informante monitorou sua fala, pois como ele mesmo observou, a frase “*Fecha uma vez a porta*” “*Tá mais gramático*”. Perante a entrevistadora (professora de Língua Portuguesa), o informante sentiu necessidade de adequar sua fala e considerar a sugestão “*mais gramático*”, o que evidencia novamente o paradoxo do observador.

Considerando esses fatos e comparando os Gráficos 2 e 3, percebe-se que homens usam pouco a variante *uma vez* além das frases com contexto de numeral. Raramente a variante foi usada em contextos de advérbio e apenas em uma frase foi usada com contexto imperativo. Isso denota que o uso da variante é pouco difundido entre os falantes do sexo masculino.

Essa disparidade de ocorrências entre os grupos masculino e feminino está de acordo com a generalização de Labov (2008, p. 348) que estipula que “a diferença sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”. Possivelmente, um fator que determina essa disparidade entre a frequência da variante na fala dos nossos informantes masculinos e femininos seja o tempo que os falantes masculinos viveram fora da referida comunidade, proporcionando contato com falantes de outras comunidades de fala.

O informante CaGII M S declarou que saiu da casa da família com doze anos para frequentar um seminário no Rio Grande do Sul, quando também necessitou aprender a língua portuguesa, sendo que antes apenas falava alemão. Ele voltou para a localidade de pesquisa já formado no Ensino Superior, sendo que passou mais de dez anos fora da localidade.

Da mesma forma, CaGII M I veio para Itapiranga com vinte e quatro anos, exercendo a profissão de dentista. O informante já falava alemão, porém na localidade passou a falar mais devido a sua clientela que prefere ser atendida em alemão.

CaGI M S exerce a função de técnico agrícola, ou seja, dá assistência técnica para vários agricultores, muitos deles falantes monolíngues ou bilíngues alemão/português ou italiano/português, visto que a localidade vizinha a São João do Oeste, Iporã do Oeste, abriga muitos desses falantes. Além disso, cursou o Ensino Médio no Colégio Agrícola, instituição com alunos de diversos estados brasileiros, como visto em 2.2.1. Logo, sua mobilidade entre diferentes localidades e seu local de estudo proporcionam um contato de integrantes de outras comunidades de fala, o que o fez reconhecer a variante *uma vez* como um traço característico dos falantes bilíngues alemão/português.

Outro exemplo de informante masculino com contato com outras comunidades de fala é CbGI M I, que para exercer a função de adesivador de carros, frequentou diversos cursos em São Paulo. Além disso, o falante pertence a um moto grupo que participa de diversos eventos de fim de semana em todo o sul do Brasil, além de Argentina e Paraguai. Essas viagens proporcionam contato com diversas comunidades de fala, fato que possivelmente o faz refletir sobre a língua que fala e considerá-la diferente daquela falada por seus conterrâneos, como ele

mesmo afirmou na entrevista: “*Eu não uso, né. Mas as pessoas falam ‘Viu ali uma vez’ o pessoal fala, mas para mim tá errado*” (CbGI M I).

Por outro lado, todas as nossas informantes Ca F cursaram a graduação sem sair de seus lares por longos períodos, ou em Itapiranga, ou como CaGII F S, que frequentou aulas em Palmas – PR, durante as férias, durante sua juventude. As informantes de Cb também viveram apenas nas localidades de pesquisa, com a exceção de CbGII F S que viveu com sua família durante cinco anos no MT. Por ser dona de casa e ter vivido com sua família fora da localidade de pesquisa, é possível que tenha tido pouco contato com falantes de outras comunidades de fala.

Assim, como as informantes do sexo feminino tiveram menos contato com falantes de outras comunidades de fala em comparação com nossos informantes do sexo masculino e usaram a variante *uma vez* mais frequentemente que nossos informantes masculinos, essas estão sendo mais conservadoras em relação ao uso da forma. Esse é um aspecto que possivelmente possa explicar essa disparidade. Porém, as dimensões diageracional, diastrática e diatópica também podem auxiliar na compreensão da disparidade entre a dimensão diassexual. Essas relações serão discutidas na seção 3.6.

3.3 DIMENSÃO DIASTRÁTICA

Os informantes foram divididos de acordo com sua escolaridade, sendo que a Classe Alta (Ca) é constituída por informantes com graduação ou cursando a mesma, a Classe Baixa (Cb) abriga os informantes com escolaridade apenas até o Ensino Médio. Esse parâmetro para definição da classe social já foi discutido na seção 2.1 e segue os parâmetros adotados por diversos atlas linguísticos como ALMA-H (*Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata: Hunsrückisch*), ADDU-N (*Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte*) e ALGR (*Atlas lingüístico Guaraní-Románico*).

A disparidade entre os dois grupos desta dimensão é singelamente inferior àquela da dimensão diassexual, ou seja, das 400 possibilidades da realização da variante, tivemos 56 realizações, a Ca usou a variante *uma vez* em 34 frases enquanto que Cb usou em 22 frases, conforme Gráfico 4 a seguir.

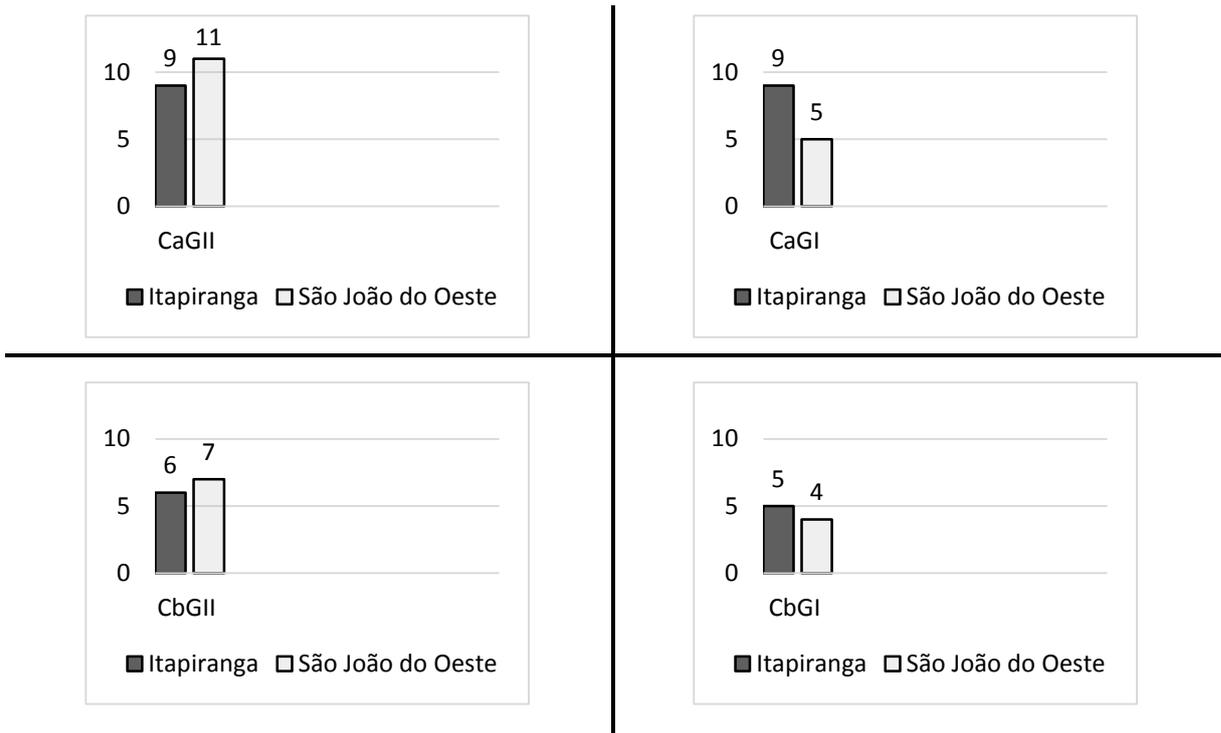


Gráfico 4: Uso da variante *uma vez* na tradução de frases: dimensão diastrática.

3.3.1 Uso da variante *uma vez* pela Ca

Em contextos de numeral, a variante esteve presente em quinze frases nesta dimensão. Considerando as frases em que a variante aparece em contexto de advérbio e imperativo, a Ca usou a variante em dezenove frases, sendo que dez em contexto de advérbio e nove em contexto imperativo.

A variante foi usada em contexto de advérbio nas frases “*Eu tinha uma vez uma fusca*” (CaGII M I e CaGII F I), “*Minha mãe uma vez disse assim*” e “*Eu li uma vez esse livro*” (CaGII F I), “*Eu estava uma vez lá*” e “*Minha mãe disse assim uma vez*” (CaGI F I), “*A mãe uma vez disse assim*” (CaGII M S), “*Minha mãe falou assim uma vez*” e “*Já vou para casa, eu vou uma vez para casa*” (CaGII F S) e “*Eu li esse livro uma vez*” (CaGI F S).

Os contextos imperativos foram os seguintes: “*Para uma vez*” (CaGII F I), “*Você pode vir uma vez aqui*”, “*Traz uma vez água*” e “*Olha uma vez lá*” (CaGI F I), “*Vamos nós uma vez dormir*”, “*Agora uma vez chega*”, “*Para uma vez*”, “*Escuta uma vez o cachorro*” e “*Deixa uma vez a Maria pra lá*” (CaGII F S).

Além disso, durante a conversa livre, a informante CaGI F I usou a variante e afirmou que tentou evitar o uso, porém não encontrou outro meio de expressar a instrução sem a inclusão

da variante na fala. Isso demonstra o quão internalizada está a variante *uma vez* na fala desta informante.

Percebe-se que a CaGII usa a variante em frases imperativas mais frequentemente que a CaGI. Há a possibilidade de os informantes da CaGI controlarem sua fala em função de a entrevistadora ser da mesma geração que o informante, esse se sente intimidado e tende a controlar sua fala, possivelmente sabendo que a variante não faz parte da língua padrão. Assim, conforme nossos dados, quanto mais jovem é o falante, menor é o uso da forma. Possivelmente, isso ocorre devido ao contato com falantes de diferentes comunidades de fala que não usam a variante, logo, o falante procura não usar para não ser identificado como um falante da língua portuguesa com traços característicos da língua alemã.

3.3.2 Uso da variante *uma vez* pela Cb

Os informantes da Cb traduziram, com a variante *uma vez*, dezesseis frases com contexto de numeral, três frases em contexto de advérbio e três imperativas. Três frases apresentam em contexto de advérbio: “*Eu tinha uma vez um fuca*” (CbGI F I), “*Já tive uma vez um fusca*” e “*Já tive uma vez lá*” (CbGII M S). No contexto imperativo, também três frases apresentaram a variante: “*Agora chega... uma vez*” (CbGII M I), “*Tu vem uma vez aí?*” (CbGII F I) e “*Prova uma vez*” (CbGII F S). Além disso, durante a conversa livre, CbGI F S usou a variante em uma situação de advérbio e em três frases imperativas, conforme descrito em 3.1.2.

Novamente, os informantes da CbGII lideram o uso da variante em relação à CbGI, como já relatado sobre os informantes da CaGII. É possível que o fato de a GII usar mais a língua alemã *Hunsrückisch* determine essa liderança no uso, pois nessa língua há o uso da forma *mal* no imperativo, característica que o falante usa também na língua portuguesa usando a forma *uma vez*.

Comparando o uso da variante em contexto imperativo, os informantes da Ca realizaram *uma vez* em nove frases, ao contrário de Cb que realizou apenas três vezes, percebe-se que Ca usou a variante três vezes mais que a Cb. Ou seja, a Ca, que mais frequentou a instrução formal, lidera o uso da variante. É possível que a escola apresente lacunas no sentido de sensibilizar os falantes em relação a essa variação linguística. Porém, por outro lado, esse fato de Ca liderar o uso também pode sinalizar que o uso da variante apresenta prestígio dentro da localidade de fala ou os informantes dessa dimensão não se sentem afrontados com a entrevistadora, usando seu vernáculo. Já Cb possivelmente controla sua fala a fim de não parecer não culto.

Dessa forma, com a Ca realizando mais a variante *uma vez* em frases imperativas em comparação à Cb denota várias possibilidades de explicação. Uma delas é inibição da Cb de usar a variante durante a entrevista com a professora. O fato de CbGI F S ter usado a variante durante a conversa livre, ao conversar sobre diversos fatos do passado, corroboram essa possibilidade. A variante pode apresentar prestígio dentro da comunidade de fala, sendo realizada principalmente pelas mulheres da Ca, considerando que falantes do sexo feminino costumam ser “mais sensíveis aos padrões de prestígio” (LABOV, 2008).

3.4 DIMENSÃO DIAGERACIONAL

A disparidade entre o número de ocorrências da variante *uma vez* na tradução de frases entre a GII (informantes com mais de 55 anos) e GI (informantes com idade entre 18 a 36 anos) foi menor em relação às dimensões diasssexual e diastrática. Os informantes da GII usaram a variante em 33 traduções (quinze em numeral, nove como advérbio e nove em frases imperativas), enquanto que os da GI a usaram em 23 frases (dezesesseis em numeral, quatro como advérbio e três em frases imperativas). Ou seja, dos usos de *uma vez* em frases imperativas, a GI usou a variante três vezes menos que a GII. Isso demonstra que temos uma mudança em tempo aparente para o não uso da variante *uma vez*, pois há disparidade entre o uso da mesma.

A hipótese mais provável para essa mudança pode ser o maior contato, por parte dos informantes da GI, com falantes de outras comunidades de fala, por meio da mídia, comunicação digital e no exercício da sua profissão. É possível também que a maior proficiência na língua alemã *Hunsrückisch* por parte dos informantes da GII determine a maior realização da forma *uma vez*, motivo assinalado por CaGII M S no comentário sobre a sugestão dizendo que a pessoa que “*pensa em alemão e fala em português*” realiza mais a variante. Isso também justificaria o uso da variante pela informante CaGI F I, que mora ao lado dos seus pais com os quais conversa diariamente na língua minoritária. Mesmo pertencendo a GI, a informante usou a forma, o que pode ser justificado pela frequente comunicação com os pais. A maior instrução formal pela qual a GI passou, pois os informantes CbGI cursaram o Ensino Médio e os pertencentes à CbGII frequentaram a escola apenas no Ensino Fundamental, possivelmente não está atrelada a essa mudança, pois, como visto anteriormente, a Ca usou a variante três vezes mais que a Cb.

3.4.1 Uso da variante *uma vez* pela GII

Os informantes com idade superior a 55 anos usaram a variante *uma vez* em dezoito frases de contexto de advérbio ou imperativo e em quinze frases em contexto de numeral. Nove frases de contexto de advérbio foram traduzidas com a variante: “*Eu tinha uma vez um fusca*” (CaGII M I), “*Eu tinha uma vez um fusca*”, “*Minha mãe uma vez disse assim*”, “*Eu li uma vez esse livro*” (CaGII F I, com três ocorrências), “*A mãe disse assim uma vez*” (CaGII M S), “*Minha mãe falou assim uma vez*”, “*Já vou para casa, eu vou uma vez para casa*” (CaGII F S, com duas ocorrências), “*Já tive uma vez um fusca*” e “*Já tive uma vez lá*” (CbGII M S). Também nove frases com contextos imperativos foram traduzidas com a variante: “*Para uma vez*” (CaGII F I), “*Agora chega... uma vez*” (CbGII M I), “*Tu vem... tu vem uma vez aí?*” (CbGII F I), “*Vamos nós uma vez dormir*”, “*Agora uma vez chega*”, “*Para uma vez*”, “*Escuta uma vez o cachorro*”, “*Deixa uma vez a Maria pra lá*” (CaGII F S) e “*Para uma vez*” (CbGII F S).

Considerando que a GII lidera o uso da variante, é possível determinar que há uma mudança um curso para o não uso da variante *uma vez* em frases imperativas. Houve nove ocorrências da forma nas entrevistas com GII, divididas entre a fala de cinco informantes, já na GI apenas uma informante realizou a variante em três frases imperativas, como podemos ver na seção a seguir. Isso está de acordo com nossa hipótese de que os falantes com mais de 55 anos usariam mais a variante, pois essa está associado ao uso da língua alemã *Hunsrückisch*, mais frequente entre falantes da GII.

3.4.2 Uso da variante *uma vez* pela GI

Os informantes com idade entre 18 e 36 anos usaram a variante em sete traduções, além daquelas 16 frases com contexto de numeral. Um detalhe interessante é que os informantes GI da localidade de São João do Oeste não usaram a variante em nenhuma tradução de frase com contexto imperativo. Já na localidade de Itapiranga, apenas uma informante (CaGI F I) realizou a variante em três frases imperativas.

Assim, as frases com contexto de advérbio com a variante *uma vez* traduzidas pela GI foram: “*Eu estava uma vez lá*”, “*Minha mãe disse assim uma vez*” (CaGI F I), “*Eu tinha uma vez um fuca*” (CbGI F I), “*Eu li esse livro uma vez*” (CaGI F S). As frases imperativas, como já citado anteriormente, foram traduzidas com a variante por apenas uma informante, ou seja, CaGI F I: “*Você pode vir uma vez aqui*”, “*Traz uma vez água*” e “*Olha uma vez lá*”.

Sobre essa particularidade, é importante destacar que a profissão e local de moradia da informante podem determinar a ocorrência da variante na sua fala. A informante é professora da maior escola de Ensino Médio da localidade de Itapiranga, o que significa que no seu cotidiano profissional, são faladas muitas instruções, ordens e pedidos. A informante mora na zona rural do lado da casa dos seus pais, também falantes bilíngues alemão *Hunsrückisch*/português, e com eles conversa diariamente, em alemão. Por outro lado, seu cônjuge não é bilíngue, sendo que quando esse participa da conversa, todos conversam em português. Essa situação expõe a informante a conversas na língua portuguesa com bilíngues e monolíngues. Dessa forma, na sua vida cotidiana proporciona situações linguísticas que propiciam ocorrências da variante *uma vez*, ou seja, diálogos em português que requerem ordens e com falantes bilíngues.

Essa informante também contraria o fato de que os falantes que mantêm a variedade linguística conservadora é o falante rural do sexo masculino, GII, com baixa mobilidade espacial. CaGI F I usou a variante como advérbio em duas frases e como imperativo em três ocasiões, além de afirmar, durante a conversa livre, que usa a variante e que mesmo tentando não usá-la não encontrou meios para isso. Essa informante conserva a característica na sua fala, apesar de a considerar inadequada para um texto escrito, contrariando nossa expectativa de que os falantes com mais idade do sexo masculino do meio rural liderassem o uso da variante.

3.5 DIMENSÃO DIATÓPICA

Esta é a dimensão que apresentou menor disparidade entre os parâmetros. Os informantes de Itapiranga usaram a variante *uma vez* em 29 frases durante a tradução enquanto que os da localidade de São João do Oeste a usaram em 27 frases. Em frases com contexto de advérbio, os informantes de Itapiranga usaram a variante em sete ocasiões, enquanto que os de São João do Oeste usaram-na seis vezes. Há uniformidade entre o número de frases imperativas traduzidas com a variante, ou seja, os informantes de cada uma das duas localidades usaram a variante em seis ocasiões.

Os informantes de Itapiranga usaram a variante em: “*Eu tinha uma vez um fusca*” (CaGII M I), “*Eu tinha uma vez um fusca*”, “*Minha mãe uma vez disse assim*”, “*Para uma vez*”, “*Eu li uma vez esse livro*” (CaGII F I), “*Eu estava uma vez lá*”, “*Você pode vir uma vez aqui*”, “*Traz uma vez água*”, “*Olha uma vez lá*”, “*Minha mãe disse assim uma vez*” (CaGI F I), “*Agora*

chega... uma vez” (CbGII M I), *“Tu vem... tu vem uma vez aí?”* (CbGII F I) e *“Eu tinha uma vez um fuca”* (CbGI F I).

As traduções feitas pelos informantes de São João do Oeste com a variante *uma vez* são: *“A mãe uma vez disse assim”* (CaGII M S), *“Vamos nós uma vez dormir”*, *“Agora uma vez chega, não é bem assim”*, *“Minha mãe falou assim uma vez”*, *“Para uma vez”*, *“Escuta uma vez o cachorro”*, *“Deixa uma vez a Maria pra lá”*, *“Já vou para casa, eu vou uma vez para casa”* (CaGII F S), *“Eu li esse livro uma vez”* (CaGI F S), *“Já tive uma vez um fusca”*, *“Já tive uma vez lá”* (CbGII M S) e *“Prova uma vez”* (CbGII F S).

Dessa forma, os dados indicam que a dimensão diatópica pouco interfere no uso da variante. Isso pode ser explicado devido à proximidade entre as localidades (distância de 22 km entre as sedes dos municípios) e a semelhança no processo de colonização, sendo que as mesmas partilham a preocupação com o uso das duas línguas (português e alemão), conforme seção 2.4.

Entretanto, um aspecto importante nesta dimensão e que corrobora a relação entre o uso da variante e o falar alemão é o fato de que os informantes GII S realizaram mais variante comparando com GII I; e, contrário a isso, GI S realizou menos que GI I, conforme pode ser visualizado no Quadro 11. Ou seja, em São João do Oeste, localidade com aspecto mais rural, onde o alemão é mais usado, conforme descrito em 2.2.2, os informantes GII usam mais a variante comparando com os GI, ao contrário dos dados de Itapiranga, com aspecto mais urbano⁵¹, cujos informantes da GI usaram mais a forma em relação aos GII.

3.5 GRUPO DE CONTROLE

Os informantes que constituíram o grupo de controle são moradores da localidade de Barra do Guarita, município vizinho de Itapiranga e pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul. A divisa dos dois municípios e estados é o Rio Uruguai, que neste local apresenta largura superior a 600 metros. Não há ligação rodoviária entre os dois municípios, sendo que a travessia do rio é realizada por meio de balsas (para pedestres, carros e caminhões) e barcos (para

⁵¹ Krug (2011) classificou a cidade de Itapiranga como mais urbano utilizando o critério de a localidade ter uma universidade.

pedestres). O trânsito entre os dois municípios é muito intenso, pois muitos habitantes de Barra do Guarita trabalham no frigorífico ou estudam na faculdade de Itapiranga.

Para compor o Grupo de Controle, foram selecionados quatro informantes levando em conta o modelo da pluridimensionalidade. Os dois informantes da Classe Alta (Ca), ou seja, falantes com Ensino Superior ou graduandos, estavam divididos entre a GI (18 a 36 anos) Feminino e a GII (mais de 55 anos) Masculino. Do modo semelhante, os dois informantes da Classe Baixa (Cb), isto é, falantes sem graduação, também estavam divididos entre a GI Masculino e GII Feminino.

Tomou-se cuidado para apenas selecionar falantes monolíngues para pertencer ao grupo de controle, sendo que na localidade há alguns falantes bilíngues (alemão- português, italiano- português). Considerando que o Grupo de Controle deve ser composto por falantes monolíngues, seria possível compô-lo com falantes monolíngues das localidades já pesquisadas, ou seja, Itapiranga e São João do Oeste. Porém, a escolha por falantes da localidade de Barra do Guarita deu-se pela motivação de averiguar se o uso da variante *uma vez* está presente somente nas localidades de Itapiranga e São João do Oeste, que tem em sua maioria descendentes de imigrantes de alemães ou se o uso da variante também faz parte da fala dos falantes da localidade de Barra do Guarita – RS, separada das duas localidades de pesquisa por uma barreira natural (o Rio Uruguai), ou seja, se está presente na fala de informantes de uma comunidade de luso-falantes não descendentes de imigrantes.

Os dados de cada informante do Grupo de Controle serão apresentados seguindo a ordem da entrevista, ou seja, as frases, a conversa livre, comentários sobre o texto e sugestão. Por serem falantes monolíngues, a primeira parte da entrevista não foi de tradução de frases, sendo que a pesquisadora falava uma possível tradução das frases e perguntava ao informante se havia outras possibilidades de frases com esse mesmo sentido. Já as demais partes da entrevista, a conversa livre, os comentários sobre o texto e a sugestão, não foram alteradas em comparação com as entrevistas com falantes bilíngues.

O informante da CaGII M do Grupo de Controle é um professor e apresentou como possibilidade das frases imperativas “*Sempre uso faz favor, daí a gente coloca o que quer fazer*”. Como outra possibilidade da frase *Eu tinha um fusca*, o informante apresentou “*Na época, no passado ou nos anos anteriores, a gente tinha um fusca*”. CaGI F apresentou como possibilidades para as frases apresentadas, a inclusão da variante *por gentileza* nos contextos de imperativos. Para as frases com contexto de advérbio, apresentou como possibilidade “*Tempo atrás eu tinha uma moto*”. As frases com numerais foram apresentadas com a variante

uma vez. Os informantes da Cb também não usaram a variante *uma vez* ao apresentar outras possibilidades de frases, apenas acrescentaram *por favor* e *por gentileza* (CbGI M) e *por favor* (CbGII F).

Assim, os informantes do Grupo de Controle não usaram a variante na realização de outras possibilidades das frases. Em contextos imperativos, usaram *por favor* ou *por gentileza*.

Não houve realização da variante *uma vez* durante as conversas livres com o Grupo de Controle. O informante CaGII M falou sobre histórias de balseiros do Rio Uruguai pois seu finado avô e pai praticavam essa. CaGI F falou sobre sua maneira de estudar e CbGI M, sobre seu divertimento. CbGII F falou sobre sua atuação como líder no grupo de idosos. Nossos informantes do Grupo de Controle, apesar de falarem sobre fatos do seu cotidiano ou passado, não usaram a variante *uma vez* como advérbio, ou seja, como sinônimo de *outrora*, *certa vez*. Além disso, não realizaram frases imperativas, assim como com os grupos de informantes da localidade de pesquisa. Novamente depara-se com a dificuldade de criar situações que o informante use o imperativo.

Sobre a leitura, o informante CaGII M questionou muitos pontos, porém todos relacionados ao assunto do texto. A pesquisadora novamente pergunta sobre o modo como o texto está escrito e pede se há alguma palavra, expressão ou frase que o falante não usaria. O informante alegou que a frase “Lê uma vez algo sobre o assunto na internet” estava estranha, que achava que a concordância não estava adequada. A pesquisadora pergunta se ficaria melhor se colocasse “Lê algo sobre o assunto”, com o que o informante concorda e apresenta outra sugestão “Ler sobre o assunto da copa na internet”. A pesquisadora perguntou se havia mais alguma frase que estava estranha, e o informante alega que não percebe outra.

CaGI F estranhou a “*palavra vez, uma vez, a expressão uma vez*”. Ao ser questionada como escreveria o texto, ela sugeriu “*É preciso pensar sobre isso, não precisa uma vez só, pode ocorrer mais vezes*”. Percebe-se que para a informante, a variante denota a quantidade de vezes que algo acontece.

CbGI M declara, depois de ler o texto, que “*Tipo assim, tudo que ele espera, ele quer fazer só uma vez, tipo vamos fazer uma vez, ele não pensa para frente*”. Ao ser questionado sobre como ele escreveria o texto, ele apenas disse que “*tiraria os todos uma vez*” do texto.

Já CbGII F falou sobre o assunto do texto, ou seja, a Copa do Mundo e a situação do Brasil. A pesquisadora pergunta sobre o modo de escrita do texto, se há alguma palavra que ela não usaria. A informante alega que “*Pra mim tá bom, eu não tenho muito estudo, eu tenho mais experiência de vida*”. Percebe-se que a informante teve certo receio de falar sobre um texto

apresentado por uma pessoa mais jovem que ela e justificou-se atribuindo à falta de estudo o motivo por considerar o texto “*bom*”.

Assim, apenas a informante CbGII F não reconheceu a variante *uma vez* no texto. Os informantes jovens imediatamente perceberam a presença da variante no texto e alegaram que não a usariam num texto escrito. CaGII M primeiramente falou sobre o assunto do texto, e perante a insistência da entrevistadora, estranhou uma frase com a variante, porém não soube dar uma sugestão de outra escrita. Diante da sugestão da entrevistadora de retirar a variante, ele concordou.

Na sugestão, a pesquisadora perguntou se o informante escuta frases como “vamos começar uma vez” ao que o informante CaGII M afirmou “*Pouco, por isso que eu estranhei ‘Lê uma vez algo sobre o assunto na internet’ tem um termo usado aí que a gente não ouve muito, pouco usado, quando a gente vai iniciar um trabalho, usamos vamos iniciar o trabalho*”. Já a frase “Eu tinha um fusca uma vez” foi aceita pelo informante. As frases com contexto de numeral como “Ele vem aqui uma vez por dia” e “Eu estava lá apenas uma vez” foram aceitas pelo informante. Por outro lado, as frases com contexto imperativo como “Fecha a porta uma vez” e “Me traz uma vez um copo de água” jamais foram ouvidas pelo informante. Essa última frase recebeu um comentário do falante: “*Esse uma vez aí que a gente quase não usa, ou não usa*”. Ao ser sugerido a frase “Para uma vez”, o informante informou que “*Isso a gente ouve*”, sendo uma exceção aos comentários anteriores.

Esse comentário explicita que o informante luso-brasileiro conhece a variante *uma vez*, porém não a usa. Podemos deduzir que trata-se de um uso exclusivo dos descendentes alemães, sendo conhecida pelos descendentes lusos, mas não por eles usada.

A informante CaGI F foi questionada se escutou a frase “Eu estive uma vez lá” ao que ela respondeu que “*Daí tu já diz a quantidade de vezes que tu esteve lá*”. A informante afirma que já ouviu a frase “Eu tinha uma vez uma moto”. Porém, nas frases imperativas, a informante declara que não as ouviu com a variante.

CbGI M não aceitou as frases imperativas com a variante, mas aceitou as frases com a forma como advérbio como com a frase “Eu tinha uma vez um fusca” ao que ele respondeu “*Sim, isso pode ser*”. As frases com numerais também foram aceitas pelo informante.

Diversas respostas foram dadas pela informante CbGII F ao ser apresentada a frases com a variante *uma vez*. As frases aceitas sem comentário adicional foram: “Eu tive uma carroça uma vez”, “Por favor, vai tratar uma vez os porcos” e “Experimenta uma vez”. A informante não aceitou “Você vem uma vez logo?”, “Me alcança uma vez um sanduíche”, “Escuta uma vez

o cachorro” e “Pare uma vez de fazer isso”. Algumas frases foram seguidas por comentários, por exemplo, a frase “Fecha uma vez a porta” sobre a qual a informante declarou que “*aí eu acho que aí seria como é que vou dizer, tipo de mandar, né*”. Diante disso, sugeriu-se a mesma frase precedida pela variante *por favor*, que foi aceita. A frase “Me traz uma vez um copo de água”, recebeu o seguinte comentário: “*Já, já me falaram isso aí uma vez. Eu achei interessante porque o copo de água não é uma vez, só que traz*”. É interessante notar que a informante usou a variante *uma vez* nesse comentário, como sinônimo de *outrora, certa vez*.

Juntando os dados por informantes, CaGII M do Grupo de Controle não usou a variante *uma vez* durante a apresentação de outras possibilidades de frases, nem na conversa livre. No texto, uma frase causou estranheza porém o informante não soube especificar qual o motivo para estranhá-la, o que pode indicar uma lacuna na instrução formal. Na sugestão, ao ser exposto a frases com a forma *uma vez*, o informante foi capaz de identificar porque estranhou a frase no texto e alegou que essa variante é pouca usada ou não usada. Ele aceitou as frases com contexto de numeral e de advérbio com a variante, porém não aceitou aquelas com contexto imperativo, com exceção de uma.

A informante CaGI F do Grupo de Controle também não usou a variante na apresentação de diferentes frases nem na conversa livre. No texto, a variante foi estranhada e a sugestão dada foi como no texto, porém sem a variante. Na sugestão, as frases com a variante *uma vez* denotando numeral foram aceitas pela informante, assim como as frases com contexto de advérbio, porém, como a informante destacou, já denota o número de vezes em que ocorreu, e não um tempo qualquer no passado ou futuro. Já no imperativo, a variante não foi aceita.

Dados similares são os de CbGI M do Grupo de Controle que não usou a variante *uma vez* nas frases nem na conversa livre, assim como a estranhou no texto, sendo que a exclui do mesmo. Ao ser sugerido diferentes frases com a variante *uma vez*, o informante apenas aceitou as frases com numeral e advérbio, sendo que não ouviu frases imperativas com a variante.

CbGII F do Grupo de Controle não usou a variante durante a apresentação de outras possibilidades de frases, nem na conversa livre. O texto não causou estranheza pois a informante alega ter pouco estudo. Na sugestão, algumas frases com *uma vez* são aceitas enquanto que outras não. Os comentários da informante acerca de algumas frases denotam que a presença da variante indica uma ordem ou quantidade singular da ocorrência. Cabe lembrar que essa informante tem mais de 70 anos e apenas estudou quatro anos do Ensino Fundamental.

Os resultados das entrevistas do Grupo de Controle indicam que nenhum dos quatro informantes usou a variante *uma vez* na apresentação de outras possibilidades de frases e na

conversa livre. Ou seja, indiferente de classe social, idade ou gênero do informante, no Grupo de Controle há sempre preferência pelo não uso da variante. Apenas uma informante (CbGII F do Grupo de Controle) não estranhou a presença da variante no texto escrito, fato justificado pela própria informante por ela ter pouco estudo. Na sugestão, as frases com contexto de numeral e advérbio são aceitas com a variante *uma vez*, porém as frases imperativas não. Apenas CbGII F do Grupo de Controle aceitou algumas frases com contexto de imperativo.

Esses dados corroboram nossa hipótese de que o uso da variante *uma vez* em frases imperativas indica o bilinguismo alemão/português do falante, ou seja, os informantes das localidades com população bilíngue usaram a variante, enquanto que os informantes do Grupo de Controle, ou seja, não bilíngues, não usaram a variante e a consideram inadequada para um texto escrito. O fato de os informantes da GII do Grupo de Controle apresentar dificuldades de reconhecer a variante no texto ou então nem reconhecê-la pode indicar uma lacuna da escola em explicitar a variação.

3.6 ANÁLISE COMPARATIVA DE TODAS AS DIMENSÕES

Passamos para a análise dos dados obtidos a partir das entrevistas fazendo as mais variadas e possíveis relações, seja de cunho linguístico ou extralinguístico. Primeiramente, dividiremos a tradução de frases entre os três diferentes usos da variante *uma vez*, ou seja, numeral, advérbio e imperativo.

Como o Gráfico 5 a seguir indica, todos os informantes usaram a variante *uma vez* como numeral, conforme esperado. Inclusive os informantes do Grupo de Controle usaram a forma como numeral. Quando há a singularidade de um evento, o uso da variante *uma vez* está de acordo com as normas da língua portuguesa.

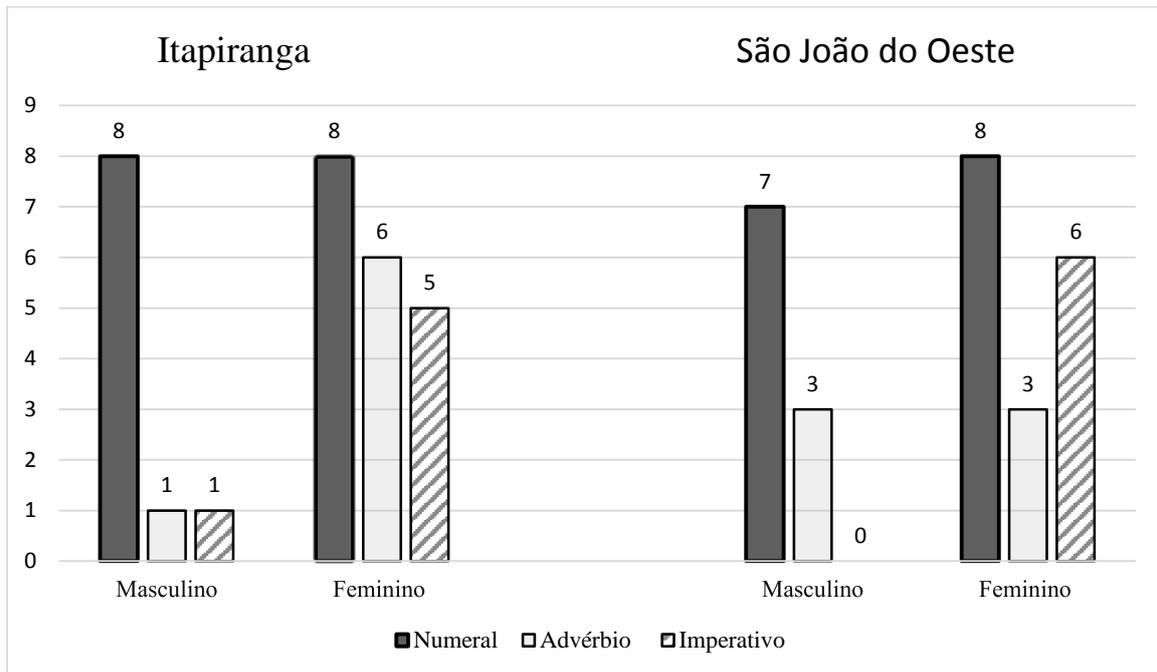


Gráfico 5 -Quantidade de uso da variante *uma vez* na tradução de frases (numeral, advérbio e imperativo): relação entre dimensão diasssexual e diatópica.

Quanto ao uso como advérbio, quando a variante é sinônimo de *certa ocasião, outrora*, houve pouca regularidade no uso da forma. Enquanto houve apenas um uso da variante pela dimensão M I, a dimensão F I usou-a em seis frases. Já na localidade de São João do Oeste, o uso entre os dois parâmetros da dimensão diasssexual não diferiu, sendo que a variante foi usada três vezes por cada parâmetro. Percebe-se que as mulheres de Itapiranga usam muito a variante em contexto de advérbio. Já no Grupo de Controle a variante não foi usada na apresentação de outras possibilidades.

Em frases imperativas, as mulheres lideram o uso da variante *uma vez*, a saber, apenas uma frase imperativa com a variante foi realizada por um homem (CbGII M I). A Ca F realizou nove usos da variante. Isso explicita claramente que as mulheres com mais tempo de instrução formal realizam mais a variante na fala. Possivelmente, esse grupo de falantes usou mais a variante devido ao fato de a entrevistadora pertencer ao mesmo grupo, ou seja, as informantes não se sentiram inibidas ou controlaram sua fala devido à presença da entrevistadora. É possível que as informantes da Cb tenham restringido o uso do vernáculo perante a entrevistadora por essa ser uma professora de português que poderá julgar suas falas como inadequadas, apesar de a mesma informar que seu objetivo é saber como as pessoas falam e não corrigi-las. Outra possibilidade é que as informantes conhecem a variante (a leitura de texto corrobora com essa possibilidade), porém, não demonstram preocupação em deixar de usá-la durante a entrevista.

Outro aspecto considerável é que os dados de duas informantes foram decisivos no número de usos, a saber, CaGII F S e CaGI F I, que apenas têm em comum o gênero e a classe social. A primeira informante usou a variante em nove ocasiões durante a tradução de frases, dessas cinco são frases imperativas. A segunda informante realizou a forma sete vezes, três delas em frases imperativas. Assim, de doze ocorrências da variante presentes nos nossos dados, oito delas foram realizadas por duas informantes. Ou seja, essas duas informantes realizaram mais de 65% das nossas ocorrências de *uma vez* sendo que seus dados são responsáveis pelas disparidades entre os nossos números.

As demais quatro ocorrências de *uma vez* na tradução de frases foram realizadas por quatro informantes, a saber, CaGII F I, Cb GII F I, CbGII F S e CbGII M I. Percebe-se que em Itapiranga o uso da variante é mais difundido entre os informantes, sendo usado por quatro informantes, ao contrário de São João do Oeste em que apenas duas informantes realizaram a variante.

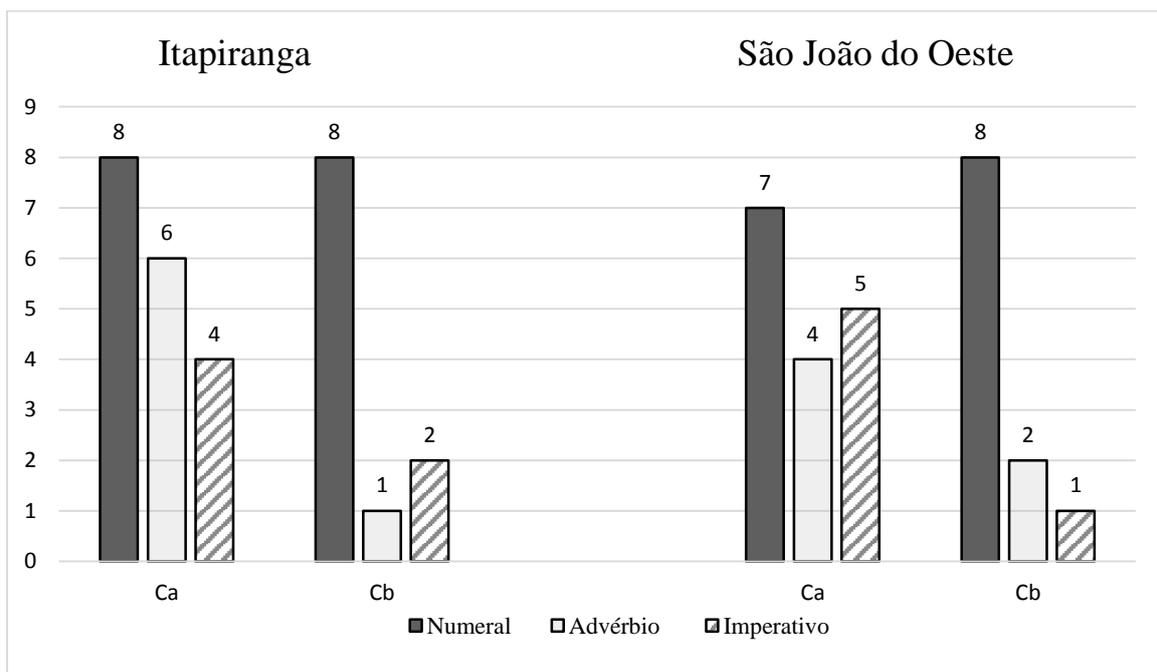


Gráfico 6 - Quantidade de uso da variante *uma vez* na tradução de frases (numeral, advérbio e imperativo): relação entre dimensão diastrática, diafásica e diatópica.

Levando em conta a dimensão diastrática em relação às demais, conforme o Gráfico 6, é possível visualizar uma frequência maior de realização da variante pelos informantes da Ca. Novamente, os dados das duas informantes já citadas (CaGII F S e CaGI F I) são determinantes nesse fato, pois apenas uma informante da Ca, além dessas, usou a variante, a saber, CaGII F I.

Os falantes da Cb que usaram a variante em uma frase imperativa cada são três: CbGII F I, CbGII F S e CbGII M I. Além de pertencerem a Cb, todos são da GII, ou seja, o uso da variante em frases imperativas está mais difundido entre a GII, falantes com mais de 55 anos e que aprenderam a língua portuguesa depois da alemã. Isso novamente demonstra que o uso da variante *uma vez* é uma característica da fala de bilíngues alemão/português.

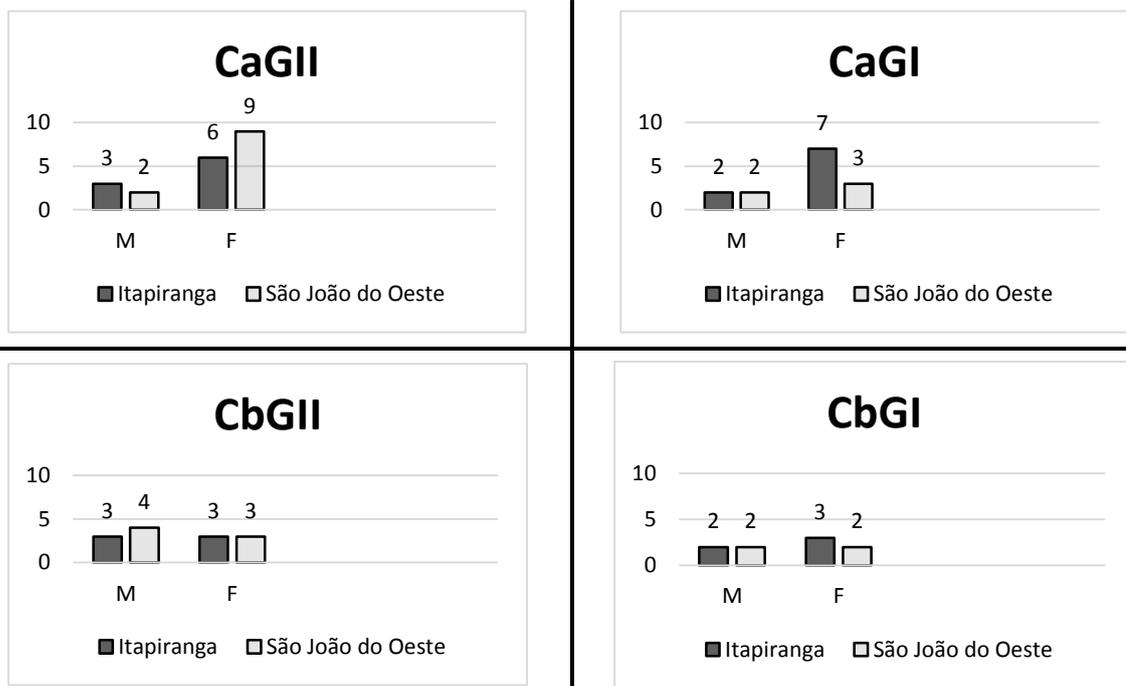


Gráfico 7: Ocorrência total da variante *uma vez* na tradução de frases: dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual.

Assim, comparando todos os dados da primeira fase da entrevista, como o Gráfico 7 indica, a maior realização da variante *uma vez* ocorre na parte superior da cruz, que representa a Ca, assim como as colunas que representam as informantes do sexo feminino também estão maiores. Essa disparidade fica mais visível no Gráfico 8 a seguir, que apresenta apenas as ocorrências da variante em frases imperativas.

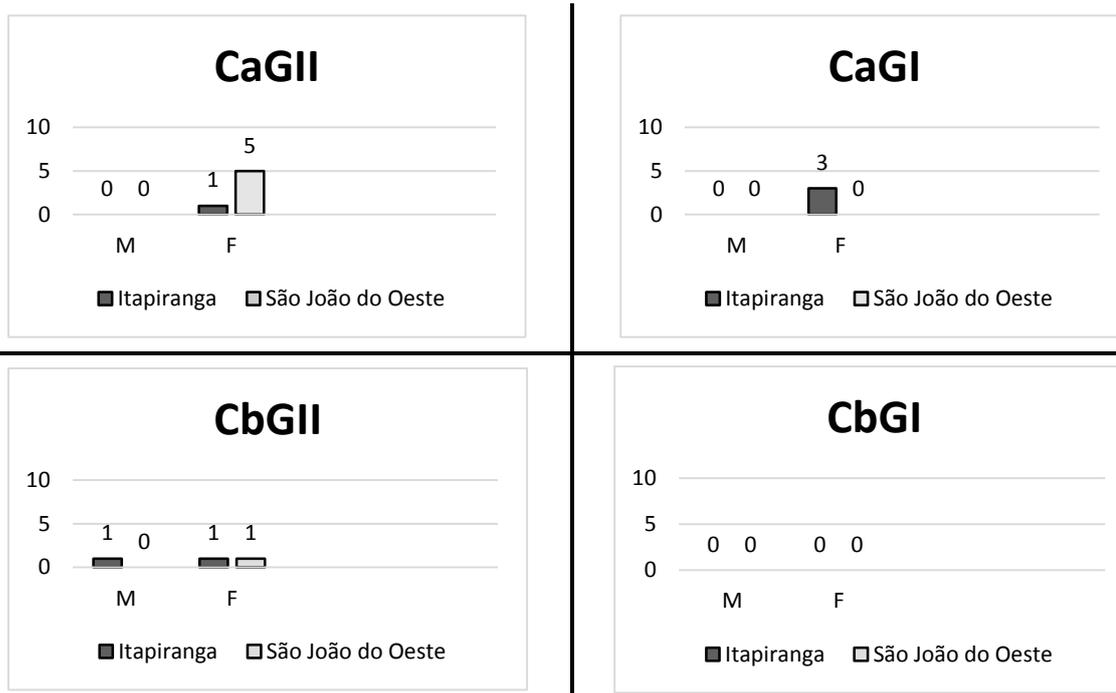


Gráfico 8: Ocorrência da variante *uma vez* em frases imperativas na tradução: dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual.

Passando para a comparação dos dados da conversa livre e texto, o Gráfico 9 indica a realização da variante *uma vez* por homens (M) e mulheres (F) durante a conversa livre e os informantes que reconheceram a presença da variante no texto.

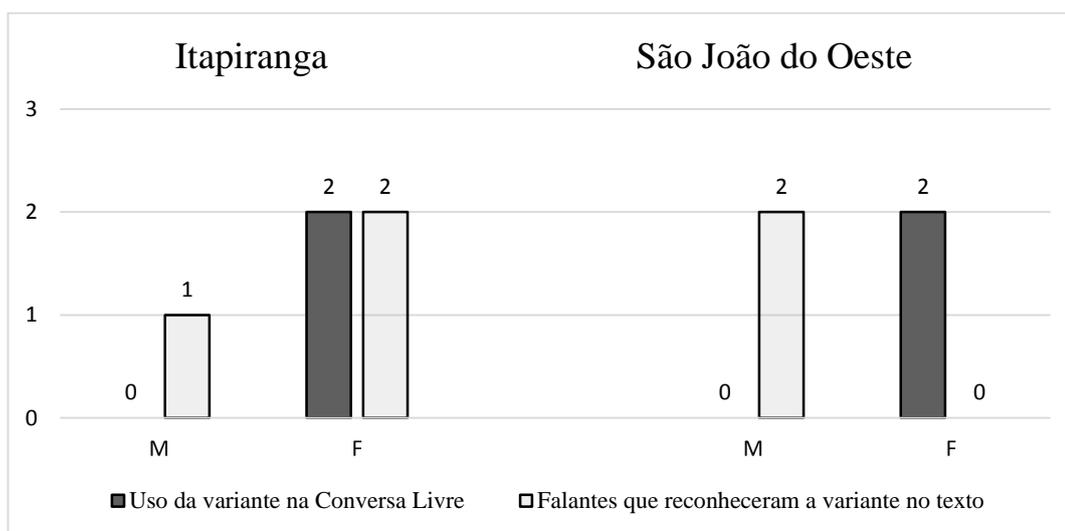


Gráfico 9: Conversa livre e texto na dimensão diatópica e diassexual.

Na conversa livre, conforme apresenta o Gráfico 9, os homens não realizaram a variante. Duas informantes realizaram a variante, a saber, CaGI F I e CbGI F S. São de localidades e classes sociais distintas mas ambas são da GI, o que indica que a variante está presente na fala das mulheres jovens. Isso sinaliza para uma possível continuidade da presença da variante na fala dos bilíngues, pois essas mulheres são, respectivamente, professora e dona de casa mãe de duas filhas, ou seja, elas conversam muito com crianças e adolescentes, e possivelmente, as características da sua fala estarão presentes na fala desses falantes.

Percebe-se que as informantes, apesar de ter em comum o uso da variante em contexto imperativo, têm atitudes diferenciadas perante a presença da variante. Isso remete ao conceito relativo de bilinguismo de Mackey (1972), por essa ser uma característica do uso individual da língua, no caso, das línguas portuguesa e alemã *Hunsrückisch*. Como cada falante consegue manter afastadas ou mistura suas línguas evidencia a variação do uso da variante *uma vez*. Uma informante (CaGI F I) identificou a grande frequência da variante na tradução de suas frases e tentou evitar seu uso na conversa livre, enquanto que CbGI F S não a identificou em nenhum momento da entrevista e a usou durante a conversa livre.

O fato de não haver a realização da variante entre os informantes do sexo masculino não indica que não há presença da variante na fala dos mesmos, pois, como já mencionado, o modo imperativo não foi usado durante a conversa livre.

Também conforme o Gráfico 9, seis falantes reconheceram a presença da variante no texto escrito, sendo que dois terços desses são do sexo masculino. Também foram os homens que menos usaram a variante na tradução e frases e não usaram na conversa livre. Ou seja, entre os informantes do sexo masculino, a variante é pouco usada e muito reconhecida como característica de variação linguística não apropriada para um texto escrito. Esse fato contraria Labov (2008, p. 347) que afirma que é possível dizer que as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio. Nesse caso, a variante não apresenta prestígio, pois é considerada pelos informantes como inadequada para o texto escrito e os homens não a usam.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que nenhuma mulher da localidade de São João do Oeste reconheceu a presença da variante *uma vez* no texto, o que possivelmente denota uma lacuna da educação escolar em não sensibilizar os informantes sobre a variação linguística. Por outro lado, a baixa mobilidade espacial das informantes (somente CaGII F S frequentou a graduação durante as férias em outro estado) e o pouco contato com pessoas de outras comunidades de fala podem também ser fatores que determinam a falta de reconhecimento da variante no texto por parte das informantes de São João do Oeste.

Em relação à dimensão diastrática, o Gráfico 10 nos indica que apenas um informante da Cb reconheceu a variante no texto e considerou-a inadequada. Esse informante pertence à localidade de Itapiranga, ou seja, que apresenta características mais urbanas, além de ter frequentado breves cursos profissionalizantes em São Paulo e pertencer a um grupo de motoqueiros. Essas atividades proporcionaram maior contato com falantes de outras comunidades de fala, o que possivelmente auxiliaram no reconhecimento da variante.

Também no Grupo de Controle, o informante masculino da GI reconheceu a variante, ao contrário da informante CbGII F que não a reconheceu. Os informantes da Ca reconheceram a variante no texto, apesar de CaGII M não saber com exatidão o que lhe causava estranheza na última frase do texto com *uma vez*.

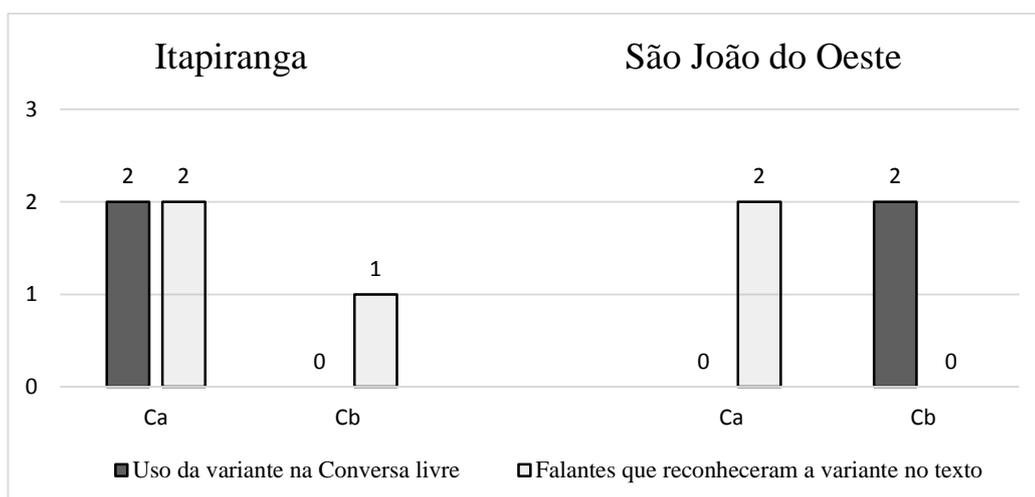


Gráfico 10: Ocorrência da variante *uma vez* em Conversa livre e texto na dimensão diatópica e diassexual.

Cinco informantes da Ca reconheceram a variante no texto, três deles de Itapiranga. Comparando com os dados da tradução de frases que indicam que a Ca mais usou a variante, é possível afirmar que os informantes da Ca consideram a variante inadequada para um texto escrito, porém a usam na fala. Isso indica que possivelmente o uso da variante *uma vez* entre os falantes de Ca seja uma espécie de *shibboleth*, ou seja, uma característica da fala que os faz serem reconhecidos como parte de uma comunidade de fala. O fato de as tradições dos antepassados alemães serem mais prestigiadas recentemente, como é o caso da Oktoberfest, apoia essa hipótese. Além disso, como a agricultura é a base econômica dos dois municípios e, conforme apontado na seção 2.5, os agricultores usam mais a língua alemã, possivelmente nossos informantes da Ca usam a variante como forma de aproximar-se da classe econômica mais forte.

Essa variação no uso da variante *uma vez* também remete ao conceito relativo de bilinguismo como sendo uma característica do uso individual da língua, no caso, das línguas. Assim como cada indivíduo domina uma ou outra língua de forma diferente em comparação ao seu par, cada falante também difere na maneira como consegue manter afastadas suas línguas. Essa questão da interferência, ou seja, o uso de características pertencentes a uma língua enquanto fala ou escreve outra, evidencia a variação do uso da variante *uma vez*. Dessa forma, alguns informantes não usaram a variante, porém outros a usaram. Ou seja, o conceito de bilinguismo considerado como característica do uso individual da língua também pode ser aplicado neste caso de variação linguística, isto é, é o uso individual da língua que determina o uso da variante.

A sugestão admite, além da tradução espontânea apresentada pelo informante na primeira fase da entrevista, a sugestão de formas possíveis depois de se esgotarem as respostas espontâneas (THUN, 2009). Assim, o informante aceita a variante disponível passivamente, ou seja, a variante que ele possa a vir usar esporadicamente ou não usa mas ouve falar na comunidade de fala. Se o informante não aceita uma sugestão, ele explicita que a mesma não pertence ao seu conhecimento linguístico.

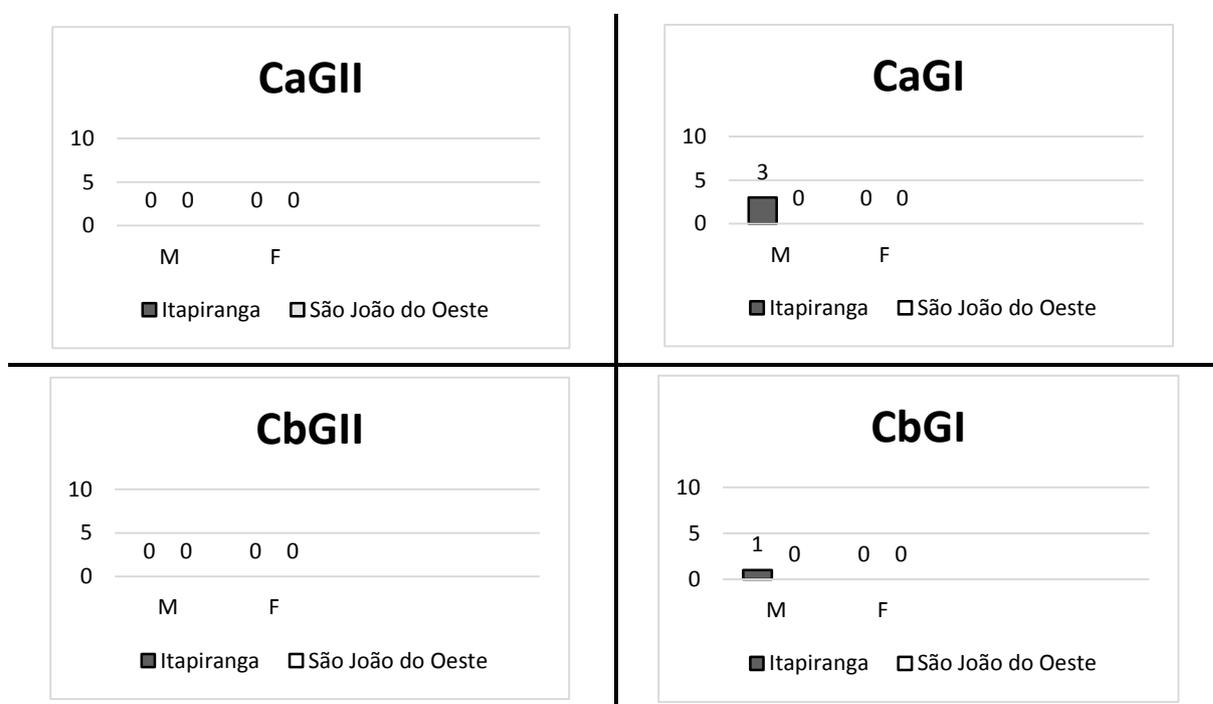


Gráfico 11: Quantidade de sugestões com a variante *uma vez* não aceitas.

O Gráfico 11 apresenta os nossos informantes e quantas sugestões não foram aceitas por cada um. Optamos por apresentar os dados das sugestões não aceitas pois essa forma

melhor expõe a abrangência da variante *uma vez*, ou seja, apenas quatro sugestões não foram aceitas por dois informantes jovens. Isso evidencia que a variante faz parte da comunidade de fala, pois o informante, mesmo não realizando a variante, ele a aceita ou já esteve em contato com a mesma.

Diferente dos dados apresentados no Gráfico 11, os informantes do Grupo de Controle, em sua maioria, não aceitam o uso da variante em frases imperativas. Isso mostra que a variante *uma vez* é realmente uma característica da fala dos bilíngues das duas localidades, apesar de os nossos dados mais formais não apontarem para essa conclusão.

3.7 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

Através das entrevistas, foi possível descrever a variação do uso da variante *uma vez* em frases imperativas do português falado na duas localidades de pesquisa, Itapiranga e São João do Oeste. Considerando as dimensões analisadas e que compõem parte dos objetivos específicos deste estudo, a dimensão diasssexual apresentou maior disparidade entre as ocorrências de frases imperativas com a variante *uma vez*, ou seja, onze frases imperativas traduzidas pelos informantes do sexo feminino e apenas uma por parte dos informantes masculinos. Isso demonstra que os homens podem liderar a mudança linguística para o não uso da variante, porém pode evidenciar também que a variante não é estigmatizada pelas informantes do sexo feminino, podemos supor então que elas consideram o uso da variante como um costume.

A dimensão diastrática também apresenta grande variação, sendo que a Ca traduziu nove frases imperativas com a variante enquanto que a Cb traduziu três. Isso reforça a hipótese de que a variante apresenta prestígio entre as mulheres, considerando que, entre a Ca, apenas mulheres usaram-na. O uso da variante pode representar uma variação em mudança usada pelas informantes da Ca e que ainda não passou a ser usada pela Cb. Em relação a isso, é necessário considerar que possivelmente informantes da Cb, durante a entrevista, controlaram sua fala inibindo o uso da variante, fazendo com que nossos dados apontem o maior uso da variante por parte da Ca.

As demais dimensões que definiram a escolha dos informantes, ou seja, a diageracional e a diatópica, não apresentaram grande divergência. Duas informantes apresentaram dados decisivos para nossa pesquisa, ou seja, CaGI F I e CaGII F S usaram a variante em frases imperativas na tradução de frases em oito ocasiões, representando dois terços do total. Essas

informantes pertencem a Ca, porém são de gerações e localidades diferentes. O que pode influenciar o maior uso da variante por parte dessas falantes é a profissão e a pouca mobilidade espacial, apesar de pertencerem à Ca. Outra possibilidade, por serem da Ca, as informantes passaram por mais anos de instrução formal, o que pode nos remeter a uma possível lacuna na sensibilização dos falantes em relação a variação linguística.

Quanto à dimensão diafásica, durante a tradução de frases, houve doze frases imperativas com a variante e durante a conversa livre duas informantes usaram a variante em sete ocorrências. Já nos comentários sobre o texto, seis falantes estranharam a variante *uma vez* presente no texto. Na sugestão, as frases com a variante foram aceitas, com exceção de algumas que não foram aceitas por alguns informantes. Diante desses fatos, é possível concluir que a variante está presente na fala dos falantes das localidades pesquisadas, apesar de não ser usada frequentemente e por todos os falantes. O fato de alguns informantes não estranharem a variante no texto escrito demonstra que a mesma faz parte do português falado nas localidades.

As entrevistas com o Grupo de Controle demonstraram que a variante não está presente entre os falantes da localidade de Barra do Guarita – RS em frases imperativas e seu uso demonstra ordem ou a quantidade de vezes de um ocorrido. Como os falantes apenas afirmaram não usar a variante, a ausência de outros comentários metalinguísticos demonstra que os falantes da cidade vizinha não estabeleceram uma relação de prestígio ou de estigmatização sobre a mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os descendentes alemães, em quase um século de colonização das localidades de Itapiranga e São João do Oeste – SC, preservam características trazidas pelos primeiros imigrantes, especialmente a língua alemã na variedade *Hunsrückisch*. Por cerca de 40 anos, houve um intenso monolinguismo da língua de imigração, sendo que as crianças apenas aprendiam a língua nacional na escola e praticamente toda comunicação na localidade era por meio da língua de imigração.

Com o advento das indústrias agroalimentícias a partir da década de 1970, houve a inserção de pessoas de outras comunidades de fala nessa comunidade que antes todos usavam a língua minoritária. Com a proibição do falar alemão e a obrigação do ensino em Língua Portuguesa, a língua de imigração perdeu espaço para a nacional, porém deixou suas marcas no português falado nas localidades de pesquisa.

Essas marcas frequentemente são definidas como “traços característicos dialetais” (PAULI, 2004) e seus falantes considerados “*uns alemão batata*”, como foi julgada também a autora desta Dissertação de Mestrado durante a infância e adolescência. Entretanto, essas características devem ser analisadas como marcas identitárias de uma comunidade de fala bilíngue. Uma dessas marcas identitárias é a variável estudada neste trabalho, ou seja, o uso da variante *uma vez*, principalmente em frases imperativas. Essa variante reiteradamente chama a atenção do senso comum, que a menciona, por vezes, como uma espécie de *shibboleth*, estando muito presente na fala dos falantes das localidades, como por exemplo: “*Vai uma vez para Tunápolis*”, “*Então vamos lá olhar uma vez*” e “*Pede uma vez para ele*”. Mesmo fazendo parte do senso comum, a variante ainda carecia de estudos acerca da frequência, grupos de falantes demais características do uso. Esse estudo teve como objetivo sanar parte dessa carência, usando os recursos de coleta e análise de dados da Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

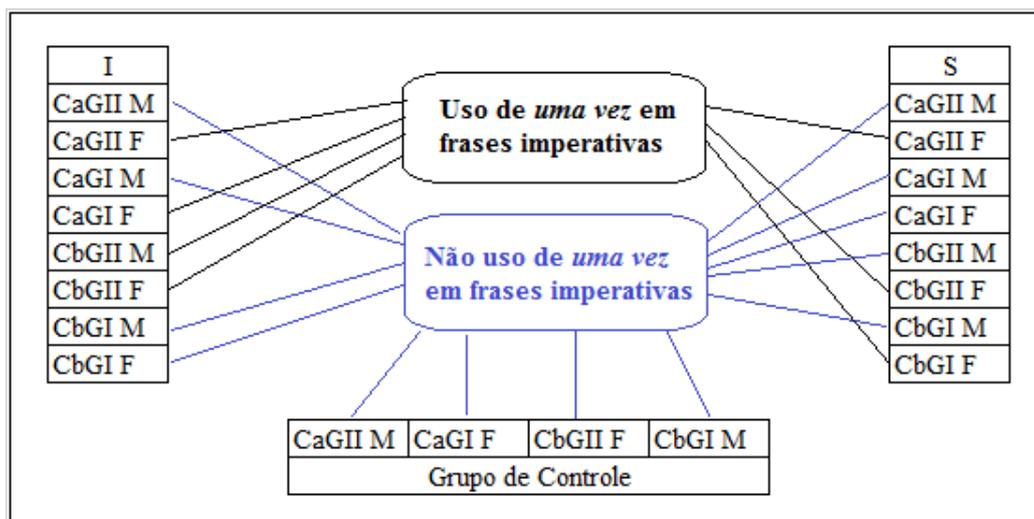
Assim, no decorrer deste trabalho, chegamos às seguintes conclusões sobre nossos objetivos:

- 1- As mulheres da Ca realizam mais a variante *uma vez* em frases imperativas, tanto na tradução de frases quanto na conversa livre. Houve uma grande disparidade entre os dados dos informantes do sexo masculino e feminino, o que também indica que os homens lideram a mudança para o não uso da variante.
- 2- Quanto à dimensão diastrática, os dados demonstram que a Ca realiza a variante mais frequentemente em relação à Cb, o que pode indicar uma lacuna da instrução formal

no sentido de sensibilizar os falantes em relação à variação linguística. Por outro lado, possivelmente indica que a variante não é estigmatizada pela Ca, principalmente pelas mulheres.

- 3- Na dimensão diageracional (que envolve informantes jovens e velhos), verificamos que o uso da variante *uma vez* se estende até a geração mais jovem, apesar de apresentar um número levemente menor nessa dimensão em relação à GII na tradução de frases. Porém apenas as informantes jovens realizaram a variante na conversa livre. Percebe-se que as mulheres que mais realizam a variante, são aquelas que mais usam a Língua Portuguesa no seu cotidiano.
- 4- A dimensão diatópica demonstrou que o uso da variante está minimamente maior em Itapiranga. Os dados do Grupo de Controle evidenciam que a variante não é usada pela comunidade de fala monolíngue. Porém quando a usam denota a singularidade de um ato ou fato, nunca imperativo e poucas vezes advérbio.
- 5- Na tradução de frases houve pouco uso da variante, possivelmente devido à inibição dos informantes de realizar a variante durante a entrevista. Na conversa livre, percebeu-se a dificuldade em incentivar o informante a realizar frases imperativas, o que possivelmente influenciou nossos dados. Sobre o texto, poucos informantes reconheceram a variante e a consideraram inadequada para um texto escrito. Já as sugestões foram aceitas, em sua maioria, pelos falantes bilíngues e apontam para não só para o conhecimento da variante na comunidade como também para o uso da mesma. Os informantes do Grupo de Controle não usaram a variante nas frases sugeridas. Quanto ao texto, apenas uma informante (CbGII) não reconheceu a variante. Já quando as frases com a variante foram sugeridas, os informantes não aceitaram aquelas em contexto imperativo.
- 6- Quanto ao status da variante, principalmente os homens a consideram inadequada para um texto escrito e característica da fala de bilíngues alemão *Hunsrückisch*/português. Um informante considerou o uso da variante “*mais gramático*”. Já entre as mulheres, o uso da variante é motivado pelo hábito. Assim, percebe-se que entre os homens que reconheceram a variante, ela é estigmatizada, ao contrário das mulheres, que não lhe atribuem valor pejorativo.

Vejamos no quadro 10, a seguir, como o uso da variante *uma vez* em frases imperativas vem representado pelos dados coletados nas duas localidades (I e S) e no Grupo de Controle.



Quadro 10: Estágio atual do uso da variante *uma vez* em frases imperativas pelos informantes.

Percebe-se uma clara diferença na relação dos informantes do sexo masculino e do sexo feminino com a variante *uma vez*. Os homens (exceto um) não a usam e a consideram uma marca do bilinguismo alemão/português. Já as mulheres a usam, principalmente da CaGII, mas também é realizada em menor escala pelas jovens e da Cb. Assim, temos duas hipóteses acerca do uso da variante *uma vez*: considerando nossos informantes do sexo masculino, a lusitanização está quase completa e há uma mudança em curso para o não uso da variante e; considerando as informantes do sexo feminino, o uso da variante é uma questão de costume e é um exemplo de variação linguística, que continuará sendo usada nas próximas gerações.

Por fim, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para o estudo de marcas identitárias de falantes bilíngues alemão/português. Considerando o reduzido número de informantes, fato que contribuiu para que nossos dados sejam decididos por apenas duas informantes; o limitado número de frases imperativas na conversa livre; o Grupo de Controle constituído por informantes de outra localidade e a inibição dos informantes, percebe-se que esse foi um pequeno grão de areia diante da imensidão de possibilidades de estudo sobre marcas de bilinguismo e línguas em contato.

Esta Dissertação de Mestrado buscou fazer parte desses estudos porque acreditamos que a língua que usamos demonstra muitas informações sobre nós mesmos, ou seja, sobre cada indivíduo, cada grupo, enfim, a sociedade. Realizar ou perceber a variante *uma vez*, principalmente em frases imperativas, mostra que pertencemos a uma comunidade de fala e sentimo-nos parte dela.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. **Um ideal monolíngue**. In: VERMES, G. & BOUTET, J. (orgs.), *Multilinguismo*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1989. p. 31-55.
- ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen**. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALTENHOFEN, C. V. **O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo** (em alemão e português). *Jahrbuch*. Institut Martius-Staden, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, C. V. **Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Brasil**. In: *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.
- ALTENHOFEN, C. V. ; et al. **Fundamentos para uma escrita do *Hunsrückisch* falado no Brasil**. IN: *Revista Contingentia*, Porto Alegre, Vol. 2, nov 2007, p.73-87.
- ALTENHOFEN, C. V. **Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil**. In: ESPIGA, J.; ELIZAINCÍN, A. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas, p. 129-164, 2008.
- ALTENHOFEN, C. V. & MORELLO, R. **Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas**. In: *Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas* (6.: 2013 nov. 23-25: Porto Alegre, RS) Nalú FARENZENA (org.). Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 19-26.
- BORSTEL, C. **Identidades étnicas e situações de uso de línguas**. In: SAVEDRA, Mônica e HEYE, Jürgen. *Palavra- PUC/Rio*. Volume Temático: Línguas em contato, n.11, 2003 p. 133-145.
- BORSTEL, C. **Aspectos do Bilinguismo: Alemão/Português em Marechal Cândido Rondon-Paraná- Brasil**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. Dissertação de Mestrado.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.
- CÂMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica Portuguesa**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CAMPOS, C. M. **A política da língua na Era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Lingüística; 8.).

- COSTA, A. F. **Oeste catarinense: visões e sugestões de um excursionista**. Rio de Janeiro, Vilas Boas e Cia., 1931.
- DAMKE, C. **Línguas em contato: o caso do alemão x português**. Cascavel, Edunioeste, 2006.
- DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS-ALEMÃO. Porto: Dicionários Editora, 1983.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- EIDT, P. **Porto Novo: da escola paroquial ao projeto de nucleação, uma identidade em crise**. Ijuí, Editora UNIJUÍ, 1999.
- EIDT, P. SILVA, E. E. **Porto Novo: do reino religioso ao poder de mercado**. Curitiba: CRV, 2011.
- EPAGRI. **O desenvolvimento sustentável do oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: Epagri, 1996.
- FERGUSON, C. A. **Diglossia**. In: Word, New York, n. 15(2), p. 325-340, 1959.
- FERRAZ, A. P. **O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português**. In: Filologia Linguística Portuguesa, n. 9, p. 43-73, 2007.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**, 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009
- FISHMAN, J. A. **Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism**. In: Journal of Social Issues, v. 23, n. 2, 1967. p. 29-38.
- FRANCO, A. **Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão**. Coimbra: Coimbra Editora, 1991.
- GUY, G. **Variation and change**. In: MAGUIRE, W.; McMAHON, A. (Eds). *Analysing Variation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 178-198.
- HOLANDA FERREIRA, A. B. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Editora Positivo. 4ª edição, 2009.
- JUNGBLUT, R. **Documentário Histórico de Porto Novo**. 3ª edição. Editora Suliani. Porto Alegre, 2011.
- KEMPCKE, G. **Wörterbuch Deutsch als Fremdsprache**. Berlin; New York: Degruyter, 2000.
- KING, K.; MACKEY, A. **The Bilingual Edge: Why, When, and How to Teach Your Child a Second Language**. New York: Collins, 2007.

KREUTZ, L. **Escolas de imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica.** In: Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história. Org. Cláudia Mauch e Naira Vasconcellos. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. P. 149 – 161.

KREUTZ, L. **Língua de referência na escola teuto-brasileira:** as tensões entre o uso do alemão e do português. In: CUNHA, J. & GÄRTNER, A. Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003, p. 133-157.

KRUG, M. J. **Os bilíngües teuto-brasileiros frente à metafonia funcional do português.** Kiel: Westensee-Verl. 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Some sociolinguistic principles.** IN: PAULSTONS, C. B.; TUCKER, G. Sociolinguistics: the essential readings. Oxford; Blackwell, 2003. P. 234-250.

LANGENSCHIEDTS. **Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache.** 1993.

MACKEY, W. **Bilingualism and multilingualism / Bilingualismus und multilingualismus.** In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus; Trudgill (Hrsg.) Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik. 2.ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. (HSK; v. 3.2) p. 1483-1495.

MACKEY, W. **The description of Bilingualism.** In: FISHMAN, J. Leading in the sociology of language. 3. ed. The Hague, Mouton, 1972. p. 554-584

MIDDELDORF, K. **Siedlung für Deutschsprachende Katholiken am Uruguaifluss im staate Santa Catarina in Brasilien – kolonisation des volkesvereins für die deutschen katholiken in Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1932.

MUYSKEN, P. **Mixed codes.** In: AUER, P. & WIE, L. (eds.). Handbook of multilingualism and multilingual communication. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 315-339, 2007.
NUNES, E. C. R. **As partículas modais da língua alemã.** Dissertação de mestrado. UFSC, 2008.

OLIVEIRA, G. M. & ALTENHOFEN, C. V. **O in vitro e o in vivo na política da diversidade lingüística do Brasil:** inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. & RASO, T. (orgs.). Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

PAULI, V. S. **Interferência fonética de um dialeto alemão na expressão oral e escrita em português.** IN: Revista Divisa. Ano 1 n2 2sem. Itapiranga: Edições SEI/FAI, 2004.

PEREIRA, M.C. **Naquela comunidade rural, os adultos falam “alemão” e “brasileiro”. Na escola, as crianças aprendem o português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada.** Tese de doutorado. IEL/Unicamp, 1999.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE ITAPIRANGA. Agro e Hidrotécnica S.A. Itapiranga, 1962, p. 6.

REVISTA SKT PAULUSBLATT. Porto Alegre e Nova Petrópolis: Amstad (SUP), 1932-1998.

ROHDE, Maria W. **Espírito pioneiro: a herança dos antepassados**. Gráfica e editora Porto Novo. Itapiranga, 2011.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SÃO JOÃO DO OESTE. Decreto nº 083/09, de 12 de junho de 2009. Publicado em mural público de 12/06/09 a 01/07/09.

SKUTNABB-KANGAS, T. & PHILLIPSON, R. **Linguicide and linguisticism**. In: GOEBL, Hans. et al. (eds.). *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 667-675.

SOARES, S. C. **Bilinguismo e letramento: análise da interação entre duas línguas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2008.

THUN, H. **La geolinguística como lingüística variacional general** (con ejemplos del Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21. 1995, Palermo. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza*, vol 5. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

THUN, H. **Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidEOS em Rivera**. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl. 1996. P. 210 – 269.

THUN, H. **A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para uma história do português brasileiro*, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

THUN, H. **A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata**. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

WEINREICH, U. **Languages in contact: findings and problems** 7. ed. The Hague, Mouton, 1953.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WELKER, H. A. **Gramática Alemã**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística**. – 8.ed. – São Paulo: Ática, 2007.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics: An introduction to language and society**. Penguin Books, London. 2000.

ANEXOS

Entrevista com três dimensões diafásicas: tradução de frases (estilo de fala menos monitorado – Anexo 1), conversa livre (uso do vernáculo, sem monitoração da fala – Anexo 2) e leitura de texto (estilo formal de uso da fala, como comentários extralinguísticos – Anexo 3).

ANEXO 1 - Tradução de frases

Essa dimensão da entrevista permite um estilo de fala menos monitorado. A pesquisadora fala a frase na variedade alemã e pede para o informante como ele faria tal enunciado na língua portuguesa. Nesta tabela, as frases estão escritas na variedade *Hunsrückisch*, conforme ortografia proposta por ALTENHOFEN et al (2007).

	Frase lida pela pesquisadora	Tradução possível	Uso*	Possível tradução com a variante <i>uma vez</i>.
1	Mea fange mo on.	Vamos começar.	Imp.	Vamos começar uma vez.
2	Ich hat mo eine Fuca.	Eu tinha um fusca certa vez.	Adv.	Eu tive uma vez um fusca.
3	Mach die Tir mo zu.	Feche a porta.	Imp.	Fecha uma vez a porta.
4	Ich woo mo dot.	Eu estive lá uma vez.	Adv.	Eu estava lá uma vez.
5	Kommst du mo balt her?	Você vem logo?	Imp.	Você vem uma vez logo?
6	Bring mir mo ein gloss Wasa.	Traga-me um copo de água.	Imp.	Me traz uma vez um copo de água.
7	Gebt mir mo die Schmier.	Me passe o doce de frutas.	Imp.	Me dá uma vez o doce.
8	Mein Mama is net ta hemm.	Minha mãe não está em casa.	Aus.	
9	Gehen wir jetzt mo schlofe.	Vamos dormir agora.	Imp.	Vamos dormir uma vez.
10	Lass João mo dot.	Deixe João lá.	Imp.	Deixe João uma vez lá.
11	Geh die Shwine mo fitra.	Vá tratar os porcos.	Imp.	Vá tratar uma vez os porcos.
12	Te kommt hier einmo te Toch.	Ele vem aqui uma vez por dia.	Num.	Ele vem uma vez por dia aqui.
13	Awer jetzt chegs mo.	Mas agora chega.	Imp.	Mas agora chega uma vez.
14	Ich hat mein Schwesta drei mo besucht.	Eu visitei minha irmão três vezes.	Num.	

15	Come mo er.	Venha aqui.	Imp.	Vem aqui uma vez.
16	Kuk mo dot ihn.	Olhe para lá.	Imp.	Olhe uma vez para lá.
17	Ich wo dot nur en mo.	Eu estive lá apenas uma vez.	Num.	Eu estava lá só uma vez.
18	Mach mo die TV on.	Ligue a TV.	Imp.	Ligue uma vez a TV.
19	Sai mo ruich.	Fique quieto.	Imp.	Fique quieto uma vez.
20	Mein Mama hat mo so gesaht.	Minha mãe disse assim certa vez.	Adv.	Minha mãe disse assim uma vez.
21	Wer hot der Bolo gess? Ich mo net.	Quem comeu o bolo? Eu não.	Adv.	
22	Ruf mo die.	Chame-a.	Imp.	Chama ela uma vez.
23	Ich hon das Buch mo gelest.	Eu li o livro.	Adv.	Eu li uma vez esse livro.
24	Loss mo noh.	Pare.	Imp.	Para uma vez.
25	Her mo der Hund.	Escute o cachorro.	Imp.	Escuta uma vez o cachorro.
26	Ich sind so mied heit.	Eu estou tão cansada hoje.	Aus.	
27	Loss mo Maria dot.	Deixe Maria lá.	Imp.	Deixe uma vez Maria lá.
28	Probia mo.	Experimenta.	Imp.	Experimenta uma vez.
29	Ich hat das dich tausend mo gesagt.	Eu lhe disse isso mil vezes.	Num.	
30	Ich gehn mo hemm.	Eu vou para casa.	Adv.	Eu vou uma vez para casa.

*Essa coluna apresenta o uso da variante, isto é, numeral (Num.), advérbio (Adv.) e imperativo (Imp.).

ANEXO 2 - Conversa livre.

Em cada entrevista, escolhe-se três ou quatro tópicos de acordo com idade e ocupação do informante para propiciar a conversa livre a fim de proporcionar o uso do vernáculo por parte do mesmo.

Você já exerceu alguma função de liderança na comunidade ou na sua casa. Conte-me como foi. Você gostou da experiência? Você precisou coordenar muito os trabalhos? Como você distribuía as tarefas? Como você pedia, mandava alguém fazer algo? Por escrito, falando? Como você falava?
Como se faz conserva de pêssego?
Como é cuidado com os suínos.
Você já carneou porcos, como é isso? Como se faz linguiça?
Como se cozinha uma boa galinhada?
Você sabe fazer cuca? Como faz, quais são os ingredientes? Você pode me dizer passo a passo?
Como se adesiva um carro?
Explique como funciona a regra de três?
Como se cola atualmente na escola?
Você costuma usar o Facebook durante as aulas? Você acha que o professor ou professora sabe que está usando? Como você faz para que o professor não perceba?
Tem alguma coisa que alguém da sua família faz que você não gosta? Você já falou com ele sobre isso?

ANEXO 3 - Texto

Pede-se ao informante que leia o texto “Situação Brasileira”, podendo escolher entre a leitura em voz baixa ou alta, e em seguida mencione se houve estranhamento perante alguma construção usada no mesmo ou que o próprio informante não usaria ao escrever um texto. Também pede-se o motivo desse estranhamento ou outra forma de expressão. Para facilitar a leitura, o texto é apresentado ao informante num tamanho de letra maior e com maior espaçamento entre linhas.

UMA SITUAÇÃO BRASILEIRA

Vamos pensar uma vez na situação atual do Brasil, a situação geral. Receberemos a copa do mundo no ano que vem e em seguida, as olimpíadas. É a primeira vez que um país sedia os dois maiores eventos esportivos em dois anos. Você já pensou na grande quantidade de dinheiro que é necessário investir para tudo isso? Vamos calcular uma vez isso. Mas que números usaremos? De onde vem esse dinheiro? Perceba que pouco sabemos da real situação brasileira atual. O governo tenta nos convencer mais de uma vez que estamos em expansão, mas mundialmente, muitos países estão em colapso. Será que também iremos à falência como países europeus já foram outras vezes? É preciso pensar uma vez muito sobre isso. Lê uma vez algo sobre o assunto na internet, que é muito comum hoje em dia.

Entrevista com informantes de São João do Oeste Tradução de frases: ocorrência de <i>uma vez</i> (X).		Ca				Cb			
		GII		GI		GII		GI	
		H	M	H	M	H	M	H	M
1	Mea fange mo on.								
2	Ich hat mo ena fuca.					X			
3	Mach die Tir mo zu.								
4	Ich woo mo dot.					X			
5	Kommst du mo balt her?								
6	Bring mir mo ein gloss wasa.								
7	Gebt mir mo die Schmier.								
8	Mein Mama is net ta hemm.								
9	Gehen wir jetz mo schlofe.		X						
10	Lass João mo dot.								
11	Geh die Shwine mo fitra.								
12	Te kommt hier einmo te Toch.	X	X	X	X	X	X	X	X
13	Awer jetz chegs mo.		X						
14	Ich hat mein Schwesta drei mo besucht.								
15	Come mo er.								
16	Kuk mo dot ihn.								
17	Ich wo dot nur en mo.		X	X	X	X	X	X	X
18	Mach mo die TV on.								
19	Sai mo ruich.								
20	Mein mama hat mo so gesaht.	X	X						
21	Wer hot der Bolo gess? Ich mo net.								
22	Ruf mo die.								
23	Ich hon das Buch mo gelest.				X				
24	Loss mo noh.		X						
25	Her mo der Hund.		X						
26	Ich sind so mied heit.								
27	Loss mo Maria dot.		X						
28	Probia mo.						X		
29	Ich hat das dich tausend mo gesagt.								
30	Ich gehn mo hemm.		X						